

UNIVERSITY OF VIRGINIA LIBRARY



X030796590

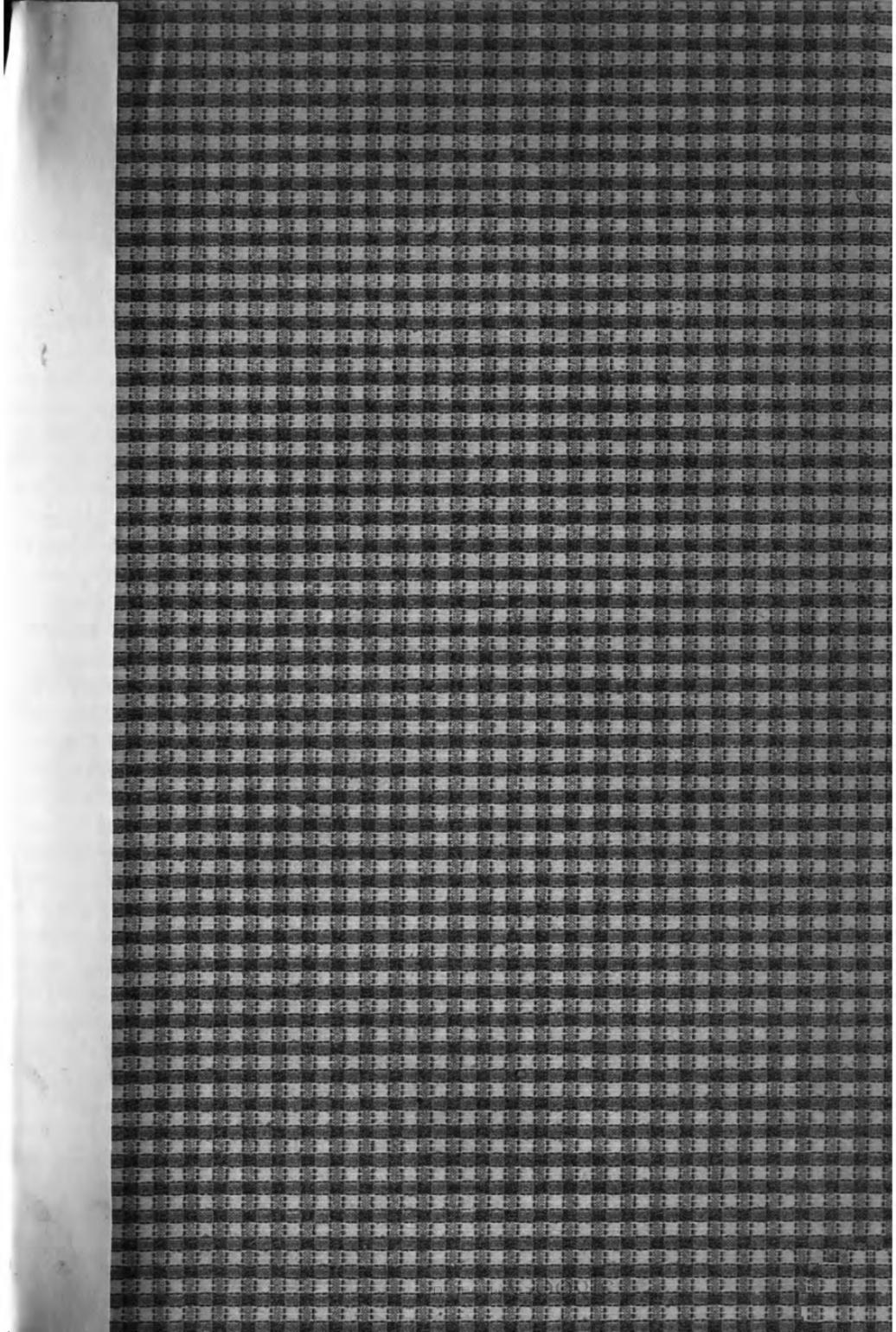
Digitized by Google

LIBRARY OF THE  
UNIVERSITY OF VIRGINIA



FROM THE BOOKS  
OF  
V. E. HILL

RESERVED  
FOR THE  
UNIVERSITY OF VIRGINIA  
LIBRARY





# SERÕES DA PROVINCIA



# SERÕES DA PROVINCIA

POR

JULIO DINIZ, pseud.  
Joaquim Guilherme Gomes Coelho

AS APPREHENSÕES DE UMA MÃE. O ESPOLIO  
DO SENHOR CYPRIANO. OS NOVELLOS DA TIA PHILOMELA.  
UMA FLOR D'ENTRE O GELO

2.ª EDIÇÃO



**PORTO**  
LIVRARIA MORÉ  
PRAÇA DE D. PEDRO

—  
1873.

GIFT  
FEB 24 1956

PQ  
9R61  
.C541554  
1873

UV

PORTO—TYPOGRAPHIA CENTRAL,  
294, Rua das Flores, 296.

# SERÕES DA PROVINCIA

---

## AS APPREHENSÕES DE UMA MÃE

### I

Não me consta que tenha existido mãe tão extremosa, e talvez tão excessivamente indulgente, como o era a snr.<sup>a</sup> D. Margarida de Entre-arroios na época em que, voltando eu d'uma pequena digressão pela provincia do Minho, tive a fortuna de ser recebido como hospede em casa d'esta senhora, a meio caminho do Porto a Braga, um quarto de legoa afastada da estrada principal.

Era uma época de crise para a fidalga, como por lá lhe chamavam todos os visinhos, esta a que me refiro. Dias antes haviam as *córtes* decidido, — e qual é a casa rica de provincia que não tem o seu pequeno parlamento? — que o menino Thomaz, o qual então contava já quinze annos feitos, seguisse estudos em Coimbra.

Discutia-se porém ainda acaloradamente a escolha da faculdade.

O abbade, egresso do convento de Santo Thyrso, jovial como uma anacreontica, gôrdo como o primeiro

premio d'uma exposição agricola na secção — *gado suino* —, votava pela de theologia; — o doutor, homem de emmaranhados discursos, recheados de « *cujos e supraditos* » e rabula por amor da arte, insistia na de jurisprudencia; — e o medico, original de curtas fallas, mas, em compensação, de bem compridas pernas, que dizia parada a sciencia desde os seus bons tempos de Universidade e parecia querer-nos dar a entender que escutára então d'ella a *ultima palavra*, antevia um futuro brilhante para o joven morgado na carreira clinica; mais generoso do que nenhum, apoiava este projecto de lei com a promessa da sua livraria, curioso muzeu de antiquario, coberto d'uma camada de pó semi-secular e na qual a traça imperturbavel proseguia lentamente todos os dias, uma obra de destruição.

A faculdade de mathematica era a unica não representada; e os tres membros d'este erudito congresso, em tudo tão divergentes, viam-se só unanimes ao reconhecer que ella não merecia, de facto, entrar em linha de conta.

— «No nosso paiz um mathematico», dizia o doutor, concordavam o medico e o abbade, e eu quasi estive tentado a concordar tambem, «não tem uma posição segura e definida. Os nossos governos encomendam as estradas aos enxurros, e as pontes fazem-se quando os ventos derrubam os troncos das arvores atravez das correntes dos ribeiros» —

E o côro entoava um anathema ás estradas, ás pontes e ao governo.'

Isto era em 185...

A snr.<sup>a</sup> D. Margarida, essa fazia dos mathematicos uma idéa horrorosa, pouco superior á que formava dos

lobishomens, para que tomasse a peito defender a sciencia de Newton e de Laplace da excommunhão lançada contra ella por este sapientissimo triumvirato.

E todos os dias se reproduziam de parte a parte os mesmos argumentos;— todos os dias, como nos tribunaes, a discussão percorria successivamente seus differentes graus; principiando pela argumentação pausada e rasoavel, passando á replica tumultuosa, em seguida, confundindo-se em acaloradas vozerias, e terminando, emfim, pelas mais aguçadas allusões e as mais descompostas diatribes. Os contendores todos os dias se retiravam vermelhos, suando, resfolegando como touros no circo, a snr.<sup>a</sup> D. Margarida adiava a sessão para a noite immediata e o menino Thomaz, causa innocente de tantas iras, continuava dormindo socegradamente sob os tectos paternaes, apesar dos quinze annos feitos.

Recommendado á dona da casa por um seu amigo intimo de Braga, mereci a honra de ser immediatamente posto ao corrente da questão e, ô que mais é, convidado para intervir n'ella. Quiz recusar-me a esta lisongeira prova de consideração, mas debalde o tentei; e a final reconheci que bem necessaria seria a minha intervenção, pois via os litigantes cada vez mais longe de se encaminharem a um accordo.

Convocou-se por tanto nova reunião para o dia seguinte ao da minha chegada, que se effectuára no fim da tarde de um magnifico dia de julho, e depois de aturada conversa com a minha attenciosa hospedeira, na qual ella me poz ao alcance de todas as suas tribulações domesticas, taes como:— a impertinencia das creadas, o arejo das batatas, o vinho que se lhe azedára, um muro que tinha desabado—consegui, apoz varias ten-

tativas infructuosas, dar-lhe as boas noites. Retirei-me para o quarto que me fôra indicado, pensando commigo mesmo como tão depressa me achava envolvido n'um negocio de familia, de não pequena gravidade, e arbitro dos destinos d'uma creança, que nem sequer tinha ainda visto.

A janella do aposento onde pernoitei dava para um bem provido pomar, gloria da snr.<sup>a</sup> D. Margarida, que se ufanava de possuir as mais deliciosas laranjas e os mais saborosos pecegos de toda a provincia; e d'estes ultimos bem gratas recordações effectivamente me ficaram!

A noite estava bellissima. Era uma d'estas abafadas noites de estio em que somos, quasi irresistivelmente, levados para a contemplação do espectaculo do céo, sem nuvens nem estrellas, e da terra inundada por um luar magnifico de reflexos surprehendentes.

Apaguei a luz, e, encostado ao peitoril, esqueci-me durante horas a olhar para o que via diante de mim, e a pensar não sei em que, se é que pensar se chama áquillo.

D'esta contemplação fui a final despertado por o ruído de uma janella que se abria cautelosamente. Moviada assim a minha curiosidade, puz-me a observar o que se passava.

A posição era favoravel a esta innocente espionagem. Uma rapida descripção topographica do logar o mostrará claramente.

A casa de Entre-arroios, edificada nos principios do seculo passado, conservava ainda, apezar das successivas mudanças que o espirito de reforma de D. Margarida lhe havia introduzido, o aspecto pesado e quasi lugubre das construcções d'aquella época no nosso paiz.

A fachada principal ostentava, heraldicamente combinadas, as armas da familia, tidas pela gente do logar como uma das principaes glorias da sua terra. Duas largas pilastras de granito corriam, livres de oca e de argamassa, ao longo d'esta fachada, desde a solida cornija que sustentavam em floridos capiteis, até os alicerces sobre que se apoiavam os pedestaes ennegrecidos. Para a parte posterior prolongavam-se os corpos lateraes do edificio em alas parallelas, abrangendo por esta forma um espaço quadrangular, onde um dos ascendentes de D. Margarida plantara o pomar a que já me referi e que com tanta dignidade sustentava nos mercados a boa fama da horticultura minhota.

Subindo tres degraus de pedra já meio gastos pelo uso e transpondo uma porta envidraçada, entrava-se do pomar, por o corpo central da casa, para a sala de jantar; no mesmo correr eram a cozinha e dispensas e para outro lado o salão das recepções solemnes, ordinariamente fechado.

No andar superior eram os quartos de D. Margarida, os quaes abriam para uma ampla varanda de bem torneados balaustres onde vejetavam em vasos de louça as flores predilectas da senhora; era tambem ahi a sala dos serões familiares, e finalmente o quarto de Thomaz. Este ficava situado em um dos angulos do quadrilatero e immediato ao corpo lateral do edificio que fôra destinado para capella.

Durante as devastações que o paiz soffrera nas successivas guerras civis, dos ultimos periodos de nossa historia, a casa de Entre-arroios não fôra mais do que as outras respeitada, e os estragos que, no resto da habitação, tinham já sido cuidadosamente reparados,

conservavam-se ainda visíveis no pequeno templo, onde havia muito se não exercia por isso o officio divino.

As janellas que d'este templo deitavam para o pomar, uma das quaes ficava muito proxima e subjacente á do quarto de Thomaz, mostravam ainda os grossos caixilhos de ferro, despovoados de vidros, e já em parte atacados pela acção corrosiva do tempo.

Finalmente do lado esquerdo, em symetria com a capella, prolongava-se um pequeno pavilhão, originariamente destinado para alojar os hospedes, que, recebidos e gazalhados na casa de Entre-arroios com proverbial cordialidade, ficavam, comtudo, como por um natural e delicado pudor de *ménage*, um tanto afastados do seio intimo da familia, não a constringendo assim a alterar os habitos domesticos, que, e na vida de provincia principalmente, nunca se sacrificam sem dolorosa violencia.

Foi n'este pavilhão que me prepararam aposento, e de lá, occulto pelas folhas d'uma laranjeira ao alcance do meu braço e atravez d'ellas, podia eu pois descobrir toda aquella parte da casa que, por mais vezes habitada, não era como esta, tão opprimida pela exuberancia da vegetação.

Foi pois d'esta situação vantajosa que me dispuz a averiguar a causa do ruido proveniente, ao que parecia, do lado exactamente opposto áquelle que eu occupava.

Não havia duvida. Uma das vidraças do andar superior abria-se vagarosamente. Era a do quarto de Thomaz.

Ora, segundo o que me tinham dito d'elle n'aquella noite, desculpando-lhe a ausencia, Thomaz achava-se algum tanto encommodado e deitara-se mais cedo do que

o costume. Seria pois aquelle movimento filho do delirio da febre?

Foi o meu primeiro pensamento e tive tentações de excitar o *alarme*; mas, ponderando melhor, resolvi-me a expectar.

Já então estava convencido, e depois tenho mil vezes confirmado a observação, que não ha, de ordinario, gente mais importuna do que as pessoas chamadas *serviças*.

Passado assim algum tempo, vi uma forma escura desenhar-se no vão da janella, crescer, crescer e, com grande terror meu, erguer-se sobre o parapeito como tentando precipitar-se.

Não sei como pude reprimir um grito de susto: a idéa de suicidio fez-me arripiar os cabellos.

Cedo porém, e com uma presteza, que deixava suspeitar não ser a primeira vez que executava a manobra, o vulto, firmando-se nos labores salientes da hobreira e d'ahi n'um cano de ferro que descia do telhado ao pateo, junto ao angulo da parede, transportou-se para o jazente da janella do templo, que lhe ficava proxima mas em plano inferior ao do quarto.

Depois, segurando-se aos varões de ferro dos caixilhos vazios, deixou-se resvallar até encontrar com os pés uma fenda ou desigualdade, não sei se natural se artificialmente praticada na parede, e, emfim, por uma evolução, que a sombra projectada pelas arvores me não deixou perceber, cedo tocava a relva, com tanta felicidade e promptidão que, sem hesitar, abandonei a idéa primeiro suggerida, por me parecer tal gymnastica muito aperfeiçoada para um somnambulo ou febricitante.

Aquella sombra, ou antes aquelle corpo, desde que

se viu em terra, parou como escutando se tivera sido presentido; affastou-se alguns passos e voltou-se de novo, passando em revista todas as janellas com escrupulosa attenção; porém esquecendo-se n'este exame exactamente da unica, que o havia trahido, a do meu quarto, o qual talvez julgava deshabitado. Satisfeito, ao que parecia, com estas observações, entranhou-se no pomar e cedo se perdeu por entre as arvores.

A sortida nocturna deu-me que pensar. Sem duvida era este o heroe, de quem todos se occupavam em Entre-arroios, e talvez mais heroe do que me parecêra quando a senhora D. Margarida me desenhou o seu retrato, com o defeito commum aos retratos feitos por todas as mãos que, desconhecendo geralmente as vantagens do claro-escuro, nos pintam seus filhos sem uma unica sombra que lhes dê relevo ás feições.

Aos quinze annos uma excursão tão extravagante da casa materna tem já de ordinario uma causa, que não exige grande penetração, nem grandes esforços de intelligencia para ser reconhecida.

Não me demorei por tanto tempo a desenvolver este problema, que resolvi pela formula geral. Mas o que me fez maior sensação foi que, por esta façanha, Thomaz mostrava-se-me menos creança do que o queriam fazer aquelles que, sem o consultar, lhe andavam a discutir o futuro, destinando-lhe, um a cadeira abbacial, outro a banca de advogado, outro a classica mula de medico; e eu pensava commigo mesmo que muito bem poderia acontecer, chegada a occasião de levar a effeito qualquer das resoluções em que assentassem, se tal hypothese era admissivel, que todos fossem embarcados por um obstaculo muito natural e não previsto, o

da vontade de Thomaz, a qual, a julgar pelo que vira, não me parecia dever ser demasiado maleavel.

Jurei não deixar escapar esta observação e aproveital-a para me conduzir no dia seguinte, visto a minha assistencia ser reclamada pela assembleia, e conservei-me de atalaia, aguardando o regresso do filho prodigo, o qual se effectuou pelas duas horas da noite e com a mesma agilidade e destreza, que eu já admirara.

Contente com a minha involuntaria descuberta, e mais adiantado talvez do que ninguem na vida intima do protagonista d'esta historia, abandonei o meu posto, e deitei-me a dormir um somno agradavel.

Pela manhã accordei em sobresalto, sonhando que era obrigado a executar a manobra de gymnastica que presenciára na vespera.

## II

Quando abria a janella ainda o sol não havia despontado no horisonte. A manhã estava tão amena e tão bello panorama se offereceu aos meus olhos, assim que os estendi ao longe pelos campos, que não pude vencer os desejos de explorar aquelles pittorescos logares, apesar de vér ainda hermeticamente fechadas as janellas do quarto da senhora de Entre-arroios.

Servindo-me pois d'uma sahida particular, que havia no pavilhão, independente do resto da casa, desci ao pomar e aproveitando-me do momento em que o dragão d'este novo jardim das Hesperides, um respeitavel individuo da especie Linneana: *canis familiaris*, saboreava as delicias do somno matutino, abri a porta da cumprida gradaria, que formava o quarto lado da área consagrada a Pomona, e achei-me na quinta.

Os bens pertencentes á casa de Entre-arroios são extensissimos, e n'aquella epocha uma exuberante vegetação dava aos campos tão agradavel aspecto, tanta vida e frescura que fazia realmente prazer entranhar-se a

gente por aquellas extensas avenidas, e perder-se no meio das copadas devezas, ainda quando se corresse o risco de faltar a um almoço, como costumavam sahir das cosinhas de Entre-arroios.

Depois de muito caminhar pude attingir enfim os limites da quinta e, verdadeiramente fatigado, sentei-me n'um pequeno muro tosco e coberto de hera, que ficava sobranceiro a uma d'estas tortuosas e estreitas ruas, que em mil direcções atravessam as nossas aldeias e a cujo aspecto, monotonamente uniforme em todas ellas, anda de ordinario mais ou menos ligada alguma recordação de nossa vida passada.

Ahi jogos, alegrias, perfumadas memorias d'uma esquecida infancia, nos reverdecem na imaginação, volteiam em torno de nós, como um enxame de borboletas brancas ao agitarmos a balseira, onde poisavam embriagadas nos nectarios das flores.

O nosso pensamento, á semelhança d'um vaso metallico, resôa por muito tempo, quando, embora de leve, percutido; como ondas sonoras, as nossas recordações, movidas por uma palavra, por um som, por uma flôr, por um perfume, succedem-se, dilatam-se cada vez mais vastas, cada vez mais suaves, até se desvanecerem n'uma confusa imagem do passado, de formas indefinidas e vagas, mas por isso mesmo mais bella, mais enebriante ainda, n'um quasi sonho, delicioso e grato como o murmuro que termina o som, como o crepusculo em que desmaia o dia, como o outomno que succede á estação dos florescentes verdores.

E assim eu me deixava então enlevar pela reminiscencia das passadas scenas, que tão profundamente me fazia esquecer tristezas e alegrias presentes.

Nós caminhamos sempre na vida entres duas visões; uma precede-nos esplendida e brilhante, como a luminosa apparição que dirigia no deserto a marcha do povo hebreu; outra segue-nos, formosa e pallida, como as virgens ideiaes dos cantos escocezes. São a esperança e a saudade. Com os olhos n'aquella, quasi chegamos a olvidar inteiramente a existencia da ultima; mas que uma sombra extinga, obcureça sequer, a aureola que na primeira nos attrahe e seduz, e a segunda surgirá, como surgem as estrellas, quando a chamma do sol desmaia no extremo occidente.

D'estas ideias, d'estes sonhos por onde me arrebatava a phantasia, evocou-me o ruido de uns passos ligeiros e leves, que de momento a momento se fazia mais distincto.

Nada de estranho poderia ter o facto, visto serem estas as horas, em que de todos os lados da aldeia partiam os operarios para o trabalho; comtudo um inexplicavel movimento de curiosidade me fez debruçar sobre o muro em que estivera sentadò, aguardando a chegada da pessoa que parecia avisinhar-se.

Não esperei muito tempo para conhecer a causa do ruido que me preocupava; cedo vi no principio da estreita rua, que as arvores dos campos fronteiros guarneciam de um tolde de verdura, assomar uma gentil fôrma feminina com os trajes elegantes das lavradoras do Minho, e sustentando na cabeça, no mais perfeito equilibrio, uma vasilha a trasbordar de leite mungido de pouco.

Era uma rapariga que parecia contar de treze para quatorze annos. Os cabellos desatados sahiam-lhe em madeixas abundantes por debaixo de um lenço escarla-

te, disposto em volta da cabeça com artistico e indescriptivel desleixo; outro da mesma côr se lhe crusava no seio, cujas fôrmas principiavam a desenhar-se em curvas graciosas; a cintura tão delicada e flexivel, que, ao vê-la, involuntariamente se imaginava a requebrar-se nas ondulações d'uma — walsa — era sem constrangimento apertada em um estreito colete de fustão azul escuro; a saia de panno preto descia-lhe até ao meio da perna, as mangas amplas e compridas da camisa de linho, alvo como a neve, vinham apertar-se-lhe nos punhos, occultando aos olhos o puro contorno dos braços, que, não obstante, uma pequena e bem modelada mão deixava adivinhar. O fogo nos olhos, rozas nas faces, a alvura do leite no colo descoberto, onde realçava um fio de formosas coralinas, assim se adiantava esta risonha visão que me vi tentado a tomar pela deusa da madrugada.

Com grande espanto meu ella olhava-me de longe sorrindo e na apparencia decidida a dirigir-me a palavra. Não tendo, como é de crêr, motivos para me receber da apparição, conservei-me immovel, absorvido agradavelmente a contemplal-a. Mas affirmando-se melhor em mim, quando a distancia de me poder fallar, a gentil rapariga, fitou-me uns olhos espantados, baixou-os immediatamente, corou a ponto de rivalisar com a pequena rosa que trazia ao peito e apressando o passo, como anciosa por fugir ás minhas vistas, apenas murmurou, ao passar e sem erguer os olhos, a singela saudação, usada pela gente dos campos: —  *muito bons dias*. Apesar da voz quasi sumida, com que estas tres palavras foram pronunciadas, afigurou-se-me d'uma melodia encantadora.

Respondi-lhe simplesmente ao cumprimento, absten-do-me, como d'um sacrilegio, de accrescentar uma unica phrase, que se similhasse a galanteio. Tal era a atmos- phera de virginal castidade, que me parecia envolver esta poetica creatura.

Seguia-a com a vista em quanto pude, até que a vi desaparecer n'uma das voltas do caminho, no mesmo momento em que apparecia o sol, por detraz da collina fronteira, dando-me a entender que era tempo de voltar a casa, para não ser logo no primeiro dia inexacto á hora do almoço, que tão cuidadosamente me communi- cára na vespera a senhora de Entre-arroios.

Abandonei pois este lugar, onde experimentára tão vivas impressões moraes, para procurar aquella outra especie de impressões, cuja physiologia melhor que nin- guem estudou, por que melhor que ninguem as experi- mentava, Brillat-Savarin, o medico-gastronomo.

Na sala do almoço encontrei já a senhora de Entre-ar- roios, occupando o throno que, como chefe de familia, de direito lhe pertencia. Era uma d'estas antigas cadei- ras de couro lavrado, guarnecida de reluzentes taxas amarellas, a qual, attento o seu peso, só quasi por an- tiphrase se poderia chamar um dos moveis da casa ; nos- sos avós as inventaram para se sentarem, assim como nós inventamos as modernas para fingir que nos senta- mos.

Numerosas gerações de nobre familia de Entre-ar- roios, haviam conhecido e acatado esta cadeira historica, que tivera já a honra, disse-me a snr.<sup>a</sup> D. Margarida com um movimento de justa vaidade, de ser occupada um dia inteiro por um arcebispo de Braga, durante uma excursão pela diocese.

D. Margarida saudou-me com o mais amavel dos seus sorrisos, e dirigiu-me duas graças benevolmente maliciosas, sobre o meu passeio em jejum, terminando por me collocar á sua direita, defronte d'um magnifico chocolate que devéras me deleitou.

Com a curiosidade, que é de prever, pedi novas do *bijou* da familia. O Thomazinho, disse-me a snr.<sup>a</sup> D. Margarida, passára mal a noite e exigira que ninguem lhe entrasse no quarto, por causa d'uma intensa dôr de cabeça, que lhe costumava dar muitas vezes.

— «Ah! muitas vezes?»

— «A cada passo.»

— «E ha muito que soffre d'essas... dôres de cabeça?»

— «Ha coisa de alguns mezes a esta parte é que elle se principiou a queixar. Isto ha de ser do sol...»

— «Tambem creio, minha senhora. O sol faz muito mal e em certas idades sobretudo. E que diz a isso o doutor?»

Eu sempre gostei de vêr os medicos explicarem certas coisas.

— «O medico», respondeu-me D. Margarida, «diz que aquillo é força de sangue e até propoz uma sangria.»

— «Ah! e seu filho, minha senhora?»

— «Não quiz ouvir fallar em similhante coisa.»

— «É que talvez então se achasse melhor.»

— «Effectivamente passou algum tempo mais alliviado, mas depois voltou-lhe.»

— «E hoje?»

— «Levantou-se pela manhã muito cedo e sahiu. Diz que lhe fazem muito bem estes passeios.»

—« Às dôres de cabeça?»

—« Sim; pois é toda a sua doença.»

—« De certo que devem fazer.»

Quando acabava de receber estas informações, para mim bastante significativas, a porta da sala abriu-se e o menino Thomaz entrou em scena.

—« Fallai no ruim, olhai para a porta» foram as palavras com que a senhora de Entre-arroios saudou o recém-chegado, para quem lançava uns olhos a trasbordarem de amor maternal.

Thomaz beijou com affecto a mão da mãe e inclinou-se cortezmente diante de mim, depois que a snr.<sup>a</sup> D. Margarida me apresentou com todas as formalidades.

Um primeiro olhar lançado sobre Thomaz, me fez desde logo sympathisar com elle.

Era ainda imberbe, algum tanto pallido, com uns languidos olhos castanhos, que se presentiam talhados para contemplanções poeticas, os cabellos negros naturalmente annelados e compridos, a fronte espaçosa, a bocca de uma expressão melancholica; tudo n'aquella physionomia, revelava sentimentos nobres e generosos, elevados brios, talvez uma excessiva sensibilidade, e um espirito facil em impressionar-se; graves defeitos, para quem desejar viver em paz n'este mundo.

Os vestidos singelos, mas elegantes, faziam sobresahir-lhe a estatura airosa e bastante desenvolvida para a idade que elle tinha. Conhecia-se haver crescido e vigorado ao ar livre dos campos.

Em quanto eu proseguia n'este meu rapido exame, reparei por acaso em uma rosa vermelha, que Thomaz trazia descuidadamente na mão.

Era em tudo semelhante á que já vira ao peito da pequena leiteira.

Seria méra coincidência? Que admirava?

N'uma terra e n'uma estação, em que as rozas vos surgem espontaneas debaixo dos pés, que significação podia ter o facto?

Comtudo, o que eu já sabia de Thomaz levava-me a conceder mais algum pezo á pequena circumstancia que observara.

Travei com elle uma conversa banal, sobre mil coisas em que se costuma fallar, quando se não quer dizer nada.

No fim do almoço a senhora de Entre-arroios improvisou entre nós um passeio, ao qual lamentava não poder acompanhar-nos porque lh'o não permittia o governo da casa de uma *exigencia mais que despotica*—phrase d'ella.

— «Vão, vão passeiar. Mas olha lá Thomaz, cautela com o sol, e não vás para o lado dos lameiros; a humidade pôde fazer-te mal. Olha, sabes? não seria mau ires mais enroupado; a manhã está fresca, e o que livra do frio, livra do calor.

E com estas e identicas recommendações, das quaes a muito custo Thomaz conseguiu livrar-se, sugeditando-se a umas, illudindo outras conforme pôde, sahimos ambos para observar o plano de divertimento que nos traçara a snr.<sup>a</sup> D. Margarida.

Durante o passeio, Thomaz mostrou-se agradável, e ás vezes jovial. Fallamos em varios assumptos e em todos pude reconhecer n'elle bastante cultura intellectual, contra o que era de esperar, attendendo á vida isolada que passava alli.

Em quanto porém aos seus sentimentos, Thomaz

mostrava-se pouco communicativo, e se ás vezes eu tentava mais a fundo sondar aquelle character, que me parecia, a muitos respeitos, digno de estudo, tornava-se subitamente mais reservado ainda, como se presentisse as minhas intenções.

A final decidi-me a ataca-lo mais de perto.

—«Sabe, snr. Thomaz,» disse-lhe depois d'uma hora de passeio, «que admiro as suas compatricias?»

—«Sim?!» foi a unica resposta monosyllabica que pude obter. Não desanimei comtudo e prosegui:

—«Esta manhã, pelo menos, vi uma que me pareceu um verdadeiro modelo de artista.

—«Devéras?» respondeu-me no tom de voz mais indifferente que se pôde conceber.

—«Devéras» continuei eu, «e foi justamente d'aqui mesmo.»

Haviamos de facto chegado ao sitio d'onde eu, como cortezão em ante-camara de monarcha, aguardara o despertar do sol.

—«Ah! d'aqui?»

Pareceu-me descobrir mais algum interesse n'esta interrogação de Thomaz.

—«Ao que pude julgar era uma leiteira das immedições. Bonita rapariga, palavra d'honra!» Dizendo isto, fitava os olhos nos d'elle, que momentaneamente se abaixaram.

—«Havia de ser a Paulina,» disse com um ar de indifferença mal representada e mudando de conversa:

—«O snr. é do Porto?»

Fiz-me desentendido.

—«Paulina? é um nome poético. E' da terra essa rapariga?»

—«Julgo que sim... É, mas...»

Eu não o deixei continuar :

—«Não a acha galante?»

Esta pergunta visivelmente o contrariou. Um movimento quasi imperceptível dos lábios, uma ruga que mal se lhe desenhou na frente, e o rubor desmaiado que por momentos lhe invadiu as faces, m'o denunciaram.

—«Assim», respondeu-me d'um modo secco e afastou-se alguns passos, ostensivamente para cortar uma vara d'um castanheiro visinho, mas na realidade com o fim de interromper a conversa, que lhe desagradava.

Pela minha parte, já sabia o que desejava; e como demais ia perdendo terreno nas boas graças de Thomaz, do que não tinha desejos, acceitei a diversão e fui ajudal-o no ingenuo passatempo, em que elle fingia entreter-se, e assim nos *divertimos* durante alguns minutos.

Passado tempo, e a uma proposta sua, seguimos caminho para casa. Tive occasião de lhe dirigir de novo a palavra.

—«Que projectos fórma relativos ao seu futuro?»

—«Projectos?»

—«Sim; a que carreira se destina?»

—«Ah! não sei bem. D'antes fallavam em me mandarem para Coimbra. Talvez que esse ideia esquecesse.»

—«O que talvez estimaria.»

Fitou-me com desconfiança, respondendo :

—«Póde ser» e depois continuou. «Comtudo era a vontade de meu pae e se minha mãe o exigir... Sabe que nunca lhe pude desobedecer em coisa nenhuma?»

Tinha na voz uma sensível commoção ao dizer isto;

se o sentimento filial, se outro, o dominava então, não o pude saber.

—«Pelo que hontem ouvi dizer a sua mãe e a alguém mais da compauhia», continuei, «julgo que esses projectos se discutem de novo actualmente.»

—«Devéras? Porque não m'o terão dito?» e calou-se preocupado por um pensamento que parecia mortifical-o.

—«Não ha no Porto uma escola onde se estude tambem?» perguntou-me em seguida.

—«Conforme. Para que estudos se inclina mais?»

Encolheu os hombros em signal de completa indifferença, e proseguimos no nosso caminho silenciosamente.

Chegamos emfim á porta da gradaria que fechava o pomar, onde nos encontramos com o medico, personagem esguio e descarnado que poderia servir de exemplar para estudos de osteologia sêcca. Uma mumificação progressiva quasi lhe permittia já livre passagem atravez dos varões de ferro e inutilisava o uso da porta, que apesar d'isso Thomaz se apressou em abrir-lhe, mais por delicadeza que por necessidade.

—«Bons dias, meu pequeno cliente» disse elle dirigindo-se a Thomaz e enviando-me ao mesmo tempo uma ceremoniatica reverencia.

Um sorriso de inoffensiva zombaria se deslisou nos labios de Thomaz, ao contemplar o doutor.

—«Então já de volta da sua excursão clinica, Dr. madrugada?, bem esforços faz por desmentir o *vita brevis*, que sempre traz na bocca.»

—«É preceito hygienico que observo religiosamente; deito-me ás oito horas para ás quatro me levantar. Isto auxilia a boa distribuição dos humores e a cocção das materias peccantes.»

O aspecto do doutor não era muito lisongeiro á theoria, ou tudo n'aquelle corpo era materia peccante; pois de facto dir-se-ia ter passado todo elle por uma cocção verdadeira.

—«E as suas dôres de cabeça?» accrescentou voltando-se para Thomaz.

—«Vão-me sendo infieis e ameaçam deixar-me, as ingratas.»

—«Ruimzinho! Isso já podia estar fóra,» e voltando-se para mim: «Ora diga, uma *cephaléa* com um fundo *plethorico*, devida evidentemente á confluencia dos humores para a cabeça, coisa propria da idade, qual o tratamento racional que exige? Salta aos olhos dos leigos.»

Apezar d'isso não saltou aos meus, o que me granjeou uma reputação duvidosa na mente do illustre adversario das materias peccantes, de cuja algарvia eu não pudera perceber palavra.

—«Não ha que vêr,» respondeu elle por mim, e com certo azedume, «a sangria, a sangria e só a sangria.»

Depois dirigindo-se a Thomaz:

—«E como está a mamã?»

—«Vai vêr,» disse este, abrindo a porta da sala do jantar onde havíamos já chegado.

Depois de uma lucta de delicadezas e reciproca troca de zumbaias entre mim e o medico, consegui fazêl-o entrar adiante e penetramos na sala.

Justamente n'aquelle momento acabava a senhora de Entre-arroios de prégar aos creados o seu duodecimo recado, tarefa que sob o nome de *canceiras de casa*, encetava pela manhã para terminar á noute.

### III

À nossa chegada desanuviaram-se as feições contrahidas da senhora de Entre-arroios; desceu uma oitava ao tom da voz e; adiando para mais tarde a explosão de suas justas iras, justas deviam de ser, saudou o medico com o epitheto mais amavel que lhe occorreu, passando a informar-se, como alma caritativa que era a final de contas, dos clientes mais pobres do Hippocrates campe-zino, os quaes ella tantas vezes com cuidados, mais poderosos do que as drogas medicinaes, lhe auxiliava a curar.

Eu no entretanto dirigira-me com Thomaz para a janelá onde, para dizer alguma coisa, me puz a exaltar a paisagem, realmente bella, que se gosava d'alli.

Thomaz parecia escutar-me com prazer; fez côro comigo e, com mais ardor do que eu, exprimia o seu enthusiasmo por as bellezas do campo.

—«Póde acreditar—disse-lhe no discurso da conversa,—que hontem, ainda que extenuado pelas fadigas da jornada, passei algumas horas absorvido na con-

templação de toda esta scena, phantasticamente allumiada pela claridade de um magnifico luar de julho?»

Estas palavras, pronunciadas sem intenção, produziram em Thomaz um effeito, que, antes de as concluir, eu já notava e que me não foi difficil explicar.

Vi-o estremecer e olhando-me d'um modo especial:

— «Hontem? a que horas?» perguntou-me, com não disfarçada curiosidade.

Mentir não me era facil.

— «Depois da ceia... Das onze horas para a meia noite.»

— «E d'onde? de que janella?»

— «D'acolá!» e apontei para o pavilhão.

Os olhos de Thomaz seguiram essa direção, d'ahi voltaram-se na do seu quarto e, depois de curta reflexão mental, fitou-me um olhar tão fixo, que, sem saber bem por que, desviei o meu. Trahi-me.

Elle tambem me havia sondado.

Córou um pouco e depois, como se abraçasse uma subita resolução, perguntou-me com notavel vivacidade:

— «E que viu?»

Adivinhei logo o sentido da pergunta, mas fingi ignoral-o, respondendo:

— «Todos estes mil effeitos, que nos surpreendem e que não sei descrever; contrastes admiraveis de sombra, e luz...

— «Só?»

— «Pois que mais?»

Eu achava-me n'uma posição falsa, e que não poderia sustentar por muito tempo, pois confesso não serem grandes os meus talentos para dissimular.

— «Então, além d'isso, não viu mais nada?» insis-

tia Thomaz «nem acolá?» e apontava para a janella do quarto.

A interpeção era muita directa d'esta vez para lhe resistir; desde que o vi lançar assim as cartas na meza, julguei melhor imital-o.

— «Alguma coisa, é verdade, mas . . . tambem viu?» accrescentei a meia voz.

— «Se era eu mesmo.»

— «Ah!»

Soube então quanto nos vale esta interjeição em casos apertados. Ganha-se tempo com ella, sem arriscar um passo que possa comprometter-nos.

— «É verdade; que quer? continuou Thomaz, como se tivesse pressa de me explicar o seu procedimento. Eu tambem amo a natureza. Extasio-me ao respirar de noite o ar embalsamado dos bosques, sob um tecto de verdura, atravez do qual se descobrem, se escondem, scintillam e resplandecem as estrellas, parecendo reflectir-se na terra n'esses milhares de insectos que das azas luminosas despedem fogos, tão fugitivos como os pensamentos que a essa hora nos atravessam o espirito. Ás vezes, acredite, chego a imaginar que de todos os lados me surgem as fôrmas vagas e vaporosas que idealisa a poetica imaginação do nosso povo e que imprimem nas singelas narrações dos campos, nas canções entoadas á hora das ceifas, ou junto do lar, um encanto indefinível. Talvez me julgue creança se lhe disser que um dos meus maiores prazeres n'esta vida é, n'uma noite como a d'hontem, na espessura das devezas, d'onde escute o murmurar d'um ribeiro visinho e veja desenhar-se no chão, em fôrmas phantasticas e movediças a folhagem que os raios da lua a custo podem atravessar,

n'uma noite assim ouvir contar uma d'essas historias de fadas, que em pequeno tanto me entretinham e ainda hoje me deleitam e mais já tenho perto de deseseis annos! »

— «Mas contadas por quem, essas historias?» perguntei, talvez impertinentemente.

Thomaz hesitou em responder e murmurou não sei que palavras inintelligiveis, terminando por estas:

— «Pouco importa. É uma questão secundaria essa.»

— «Perdão; mas não penso eu assim,» accrescentei decidido a não me contentar com uma resposta tão evasiva.— Comprehendo que possa encontrar n'isso grande prazer e até, para lhe fallar a verdade, era esse um passatempo que me não desagradaria de todo, concordo; mas exigiria que os narradores fossem de duas classes apenas; ou uma d'estas velhas, que parece terem sido creadas só para narrarem contos e que o tempo respeita já com o fim de transmittir suas memorias ás gerações que surgem; ou então, e melhor ainda, uns labios femininos, uma voz com o timbre dos quinze ou vinte annos, que muita vez chegue a fazer-nos esquecer do conto para só nos lembrarmos da contadora.»

Os mesmos signaes de impaciencia, que por mais d'uma vez havia offerecido a physionomia de Thomaz, de novo se lhe manifestaram, mais profundamente que nunca, e, como se me não tivesse comprehendido, continuou, dizendo:

— «Eu não tenho comtudo a liberdade de satisfazer estes desejos, a não ser da maneira que viu hontem.»

— «Um tanto arriscada.»

— «Póde ser. Mas o receio exagerado que minha mãe tem ao *ar da noite*—e accentuou estas palavras

sorrindo—fez-me perder a esperança de obter a sua permissão para satisfazer em mim este capricho, se não é uma verdadeira necessidade; mas capricho ou necessidade em todo o caso incompreensível para ella. Eis o motivo porque me sirvo d'um stratagemma, um tanto singular e talvez ridiculo.»

—«Diga antes perigoso.»

—«Ora! parece-lhe?»

Se o que me dizia Thomaz era verdade, não era comtudo ainda a verdade inteira;—presentia-o. Dei, apesar d'isso, á minha physionomia um ar de convencimento, que me pareceu tranquillisal-o.

Apressou-se a tomar a questão em tom jovial, rindo-se das suas proprias façanhas acrobaticas e esforçando-se por se mostrar mais creança, do que era effectivamente, para tirar toda a importancia á scena da vespera.

Houve emfim uma pausa na nossa conversação, que permittiu nos chegasse aos ouvidos o fim do dialogo, travado entre D. Margarida e o doutor, o qual até alli nos passára desapercibido.

—«Pobre homem! dizia a senhora de Entre-arroios, profundamente compungida,—e deu-lhe assim de repente?»

—«D'um momento para o outro. Ainda esta manhã, quando a filha partiu para a villa, estava elle de perfeita saude».

—«E não dá esperanças?»

—«Hum! aquelle... Receio que em poucas horas entroixe e parta.»

—«Pobre Paulina!»

Estas palavras exerceram em Thomaz, distrahido até então, um effeito magico.

Ainda bem não haviam sahido dos labios de D. Margarida, já elle, abandonando subitamente o lugar onde nos achavamos ambos, estava no meio dos dois, sobre maneira inquieto, e podendo a custo perguntar á mãe :

— « Que é ? que aconteceu ? »

Se ainda fosse mysterio para mim o segredo de Thomaz, ser-me-ia n'este momento revelado, tal era a expressão de sua physionomia. A minha attenção achava-se naturalmente attrahida para a scena.

— « Olha, não sabes, Thomaz ? — respondia D. Margarida, suspirando — o pae da Paulina, a leiteirita dos cazaes, conheces ? »

Thomaz não pôde reprimir um movimento de impaciencia, que o denunciava.

— « Sim, sim, e depois ? »

— « Diz agora o doutor que, quando vinha, o encontrou expirando, com um mal que lhe deu de repente. »

— « E' possível ?! »

— « Infelizmente. »

— « E... a filha ? »

— « Julgo que ainda o ignora, pois tinha já partido para a villa como costuma todas as manhãs. »

Thomaz olhou para o doutor, que, lendo uma folha do Porto, abanou silenciosamente a cabeça, em signal de confirmação.

— « E' preciso lá ir », foram as primeiras palavras de Thomaz, depois de um instante de reflexão.

Por unica resposta a snr.<sup>a</sup> D. Margarida dirigiu-se para o gabinete. Thomaz deteve-a.

— « A mãe não espera hoje ninguem para jantar ? »

— « Sim, mas... »

— « Irá logo então; agora deixe-me ir só. » E sem

esperar outra resposta, encaminhou-se rapidamente para a porta e sahiu da sala.

Ao passar por baixo da janella onde eu ainda me conservava, presenciando toda esta scena, o nome de Paulina sahindo-lhe dos labios, chegou-me distinctamente aos ouvidos.

A senhora de Entre-arroios viu-o sahir, sem tentar impedir-o e, abanando lentamente a cabeça, murmurou commovida :

— « Pobre filho ! tem o coração d'um anjo ! »

O medico, sem despegar os olhos da folha, fez ouvir um inintelligivel monosyllabo com pretensões a particula affirmativa.

D. Margarida conhecia o doutor e por via de regra não o procurava em momentos de expansão e de sentimentalismo ; por isso preferiu dirigir-se a mim e recostando-se ao parapeito da janella, d'onde eu observava ainda Thomaz, que já se perdia por entre os desvios das avenidas, continuou :

— « Não faz ideia, snr. D... como aquella alma sensível se afflige, quando algum infortunio succede que ella não possa remediar. »

— « Seu filho tem nobres sentimentos, minha senhora ; pude-o avaliar agora e suspeitava-o, desde que trocamos as primeiras palavras esta manhã. »

— «Meu pobre Thomaz! e lembrar-me que, talvez bem cedo, tenha de me separar d'elle!»

— «Uma ausencia momentanea é compensada de sobra pela alegria da volta!»

— «Da volta! mas quando entre nós e essa volta estão ainda annos e quando se tem uma saude tão delicada, como a de Thomaz!»

— «Oh! minha senhora, isso são temores de mãe. A constituição do Thomazinho é até vigorosa, e senão o doutor que o diga.»

— «Pois sim! e aquella melancolia?»

— «Eu achei-o jovial.»

— «Ai, enganou-se. Está assim um momento e elleahi principia a entristecer, a entristecer, a entristecer, que me corta o coração só em olhar para elle.»

— «Que quer minha senhora? São coisas dos quinze annos. As recordações de v. ex.<sup>a</sup> não lhe dizem nada a este respeito?»

— «Sei ao que se quer referir; mas não vejo fundamentos... Vivemos aqui isolados...»

— «Por isso mesmo, minha senhora. Ha cousas que o coração nos ensina, ainda quando longe dos objectos que lh'as possam fazer lembrar. Quanto mais...»

— «E quer saber? — accrescentou em tom de mysterio a senhora de Entre-arroios, inclinando-se ao meu ouvido, — vou confiar-lhe um segredo, que a ninguem ainda disse e que espero a ninguem ha de dizer tambem.»

— «Póde crê-lo, minha senhora.»

— «Thomaz é poeta! continuou ella, baixando ainda mais a voz e quasi com uma expressão de terror.

— «Ah! Não vejo n'isso grande mal; e até, para lhe fallar a verdade, minha senhora, eu já o suspeitava.»

— « Sim ? e pensa... »

— « Penso, minha senhora, que os poetas são almas privilegiadas, que Deus creou para entoar seus louvores, quer os cantos se lhes elevem nos templos como o incenso dos thurybulos, quer se derramem, como o perfume das flôres, por toda a natureza. »

— « Mas aqui todos me dizem que os poetas são uns loucos, extravagantes e que o seu fim nunca é bom ! »

— « V. ex.<sup>a</sup> gosta de flôres ? »

— « Muito ! »

— « E que lhe dizem d'ellas tambem essas pessoas ? »

— « Nem sequer fallam em similhante cousa, que eu saiba. »

— « Pois os poetas, minha senhora, são as flôres da humanidade. »

A senhora de Entre-arroios pareceu reflectir n'estas palavras, e respirou emfim como se se visse livre d'um pesadêlo.

— « O snr. tambem é poeta ? »

Foi a pergunta que em seguida me fez.

— « Não tenho essa fortuna, minha senhora. »

— « Mas entende de versos ? »

— « Leio-os com prazer. »

— « Ora então espere. » E sahiu da sala.

A snr.<sup>a</sup> D. Margarida apresentara-se-me agora sob um aspecto novo, em que não pude deixar de admirar-a.

Até alli vira n'ella encarnado o typo, não direi ridiculo, mas vulgar e prosaico da dona da casa, que eleva á altura de questões diplomaticas as pequeninas misérias de uma vida domestica, deslisada das sete horas da manhã ás dez da noite, sem nenhum accidente serio, que viesse alterar-lhe a monotona serenidade. Agora,

porém, via-a transformada, purificada pelo amor de mãe, que lhe fazia vibrar o coração em harmonia com os mais delicados sentimentos, e dotava-lhe a intelligencia de uma penetração superior á esphera acanhada de suas habituaes occupações e educação incompleta.

Como o sopro de vida que no seio da crysalida a faz, n'um momento dado, voar borboleta, o amor materno operava n'esta creatura, que me parecera vulgar, uma metamorphose que ás vezes a tornava em um ser, verdadeiramente superior.

A senhora de Entre-arroios voltou á sala, trazendo na mão um pequeno papel dobrado, que ao passar pelo doutor, o qual n'aquelle momento principiava a leitura d'um segundo periodico, teve o cuidado de occultar com uma especie de temor quasi infantil.

Chegando junto de mim passou-m'o para as mãos, dizendo:

— « Thomaz esqueceu isso um dia de manhã sobre a meza do quarto. Encontrei-o, quando o arrumava, li-o e não entendi bem. Como elle depois nunca pareceu dar pela falta, resolvi guardal-o. Isto foi ha perto de tres mezes, justamente pelo tempo, e é isto que me dá canseira, em que elle principiou a ter aquellas dôres de cabeça, que o perseguem tanto. Pois póde acreditar que de então para cá, não passa uma noite sem que eu me ponha a lêr este papel, e o caso é que n'alguns pontos já pude entendêl-o melhor. »

Eu desdobrei o papel e li as seguintes estancias, escriptas com uma letra rapida e como por uma mão convulsa, mas sem uma unica emenda: adivinhava-se, ao vêl-a, que fôra escripta com rapidez em um instante de inspiração:

Flôr dos campos, flôr singela,  
P'ra quem guardas tuas cores?  
Deos creou-te entre verdores  
Só p'ra os campos enfeitar?  
Desconhecem-te a belleza  
Outras flôres que t'a invejam.  
E as brizas, se te bafejam,  
Não o sabem revelar.

— «Ore repare;— disse, interrompendo-me a senhora de Entre-arroios,— porque me parece que esta flôr, de que aqui se falla, não é bem uma flôr.»

Sorri-me á observação, e continuei:

Ha tanto que corro os prados  
Por sobre viçosas relvas!  
Tantas flôres pelas selvas,  
Tantas no monte encontrei!  
Ha tanto! e porque só hoje,  
Alva cecem da campina,  
Quiz a minha ingrata sina  
Que te encontrasse? Não sei.

— «Vê, não lhe parece estranho?— ponderou de novo a senhora de Entre-arroios, — mas leia, leia.»

Não sei. O peito agitado  
Seus segredos não revela.  
Se o vêr-te foi minha estrella,  
Se é sorte pensar em ti...  
Pensarei, sim; tua imagem  
Ha-de seguir-me incessante,

Em ti só, flôr vecejante,  
Pensarei, já que te vi.

Novo gesto de D. Margarida, eu continuei:

À noite nos arvoredos,  
Onde formas vaporosas  
Vagueiam mysteriosas,  
Irei procurar-te, a sós,  
De manhã quando no oiteiro  
Surja a chamma matutina  
Já o teu nome...

Havia aqui um espaço deixado em branco e completava a estancia:

Repetirá minha voz.

— «Tenho-me matado para vêr se adivinho o nome da flôr, que ahí falta, mas não vejo.

Eu que, como o leitor deve suppôr, não encontrei grande difficuldade em completar o verso, disse sorrindo-me para a senhora de Entre-arroios:

— «Preciso seria que primeiro assentassemos se, como v. ex.<sup>a</sup> disse ha pouco, esta flôr é bem uma flôr — e preparava-me para continuar a leitura, quando se abriu a porta de par em par, e deu passagem á figura rubicunda e espherica do abbade, que saudou a assembléa com o seu habitual:

— «Louvado seja nosso Senhor Jesus Christo.»

— «Amen — respondeu a snr.<sup>a</sup> D. Margarida, em quanto que, apertando-me o braço com vivacidade, ta-

citamente me instava a esconder o fatal papel, revelador do delicto poetico de Thomaz.

Este sentimento de delicado pudor, que inspirara áquella mãe o occultar dos olhos de seus prosaicos convivas .os devaneios litterarios de uma imaginação de quinze annos, devaneios, cujo sentido, quasi enigmatico, ella propria mais adivinhara do que comprehendera, tinha o quer que era de tocante, que me commoveu.

Apressei-me pois a esconder o papel, como se partilhasse tambem dos mesmos terrores, e respondi ao abbade, que me havia dirigido não sei que pergunta, que por insignificante me esqueceu já.

O medico havia n'este momento acabado de se pôr em dia com os acontecimentos europeus.

Depois de esvoaçar por todas as nações do mundo civilizado, aquelle pensamento repousava agora, talvez, a ponderar nos destinos do Grão-Sultão e da Porta.

O abbade odiava os jornaes politicos, como odiava todas as cousas cujo uso não se remontasse ao antigo systema governamental, de que era, e se confessava, afferrado partidario.

Entre elle e o medico, que militara no cerco do Porto, e fôra ferido n'um ataque ás linhas, ao saltar um muro para observar o espectaculo de mais de longe, ferida que provavelmente hoje lhe valerá uma pensão vitalicia, havia constantemente hostilidade supita, que se trahia nas mais pequenas cousas e que a menor faisca fazia rebentar em terriveis explosões, as quaes só o animo pacificador de D. Margàrida conseguia apaziguar.

— «*Quid curas, doctor?*» — disse o abbade aproximando-se do antagonista com affabilidade felina.

O doutor com os olhos no chão, as pernas cruzadas

e os beijos fazendo tromba, parecia calcular mentalmente a área do pavimento da sala; ás palavras do abbade levantou a cabeça.

— «Oh! reverendissimo! pensava agora n'uma importante medida, que actualmente se discute nas camaras; é relativa aos morgados.»

Uma tosse secca e significativa foi a resposta do reverendo egresso.

— «As *camaras!*» — continuou accentuando a palavra com emphase — «era d'uma vez um dragão de cem cabeças... Não sabe o que diz a fabula?»

— «Sei só o que diz a historia — respondeu o doutor, já um pouco desabrido.

— «Que muitas vezes é fabulosa» — redarguiu o abbade, saboreando com delicia uma pitada.

D. Margarida presentindo a tempestade imminente accudiu a interrompel-os.

— «Sabe, snr. fr. Domingos, que temos hoje uns ovos de recheio, que espero ha de apreciar?»

— «Ovos de recheio! Devéras? Oh! minha rica snr.<sup>a</sup> D. Margarida; *semper honos, nomenque tuum, laudes que manebunt*, com mais rasão do que a honra, o nome e os louvores de Dido, que a final de contas... não se lembrou de apresentar a Eneias ovos de recheio. Ah! ah! ah! — accrescentou, rindo-se ainda mais pela promessa dos ovos, do que pela graça que dissera.»

— «E hoje, meus senhores — continuou D. Margarida — havemos de acabar de decidir a respeito do Thomazinho. Aqui está o snr. D... que nos ajudará com o seu conselho.»

O medico, que n'aquelle momento limpava os olhos, collocou-os de novo sobre o nariz e olhando para mim

directamente, como ainda até alli o não havia feito, perguntou-me :

— «O snr. é formado ? Tem algum curso?»

— «Não, snr.» — respondi immediatamente.

Pareceu-me que no seu conceito desci cincoenta por cento, depois da resposta... Voltou-me as costas sem cerimonia, e, com a familiaridade que lhe dava uma convivencia de longos annos, tirou do bufete um par de ameixas seccas e foi saboreal-as para a janella.

O abbade encarregou-se de continuar a inquirição principiada.

— «Mas v. s.<sup>a</sup> — disse-me elle com voz melifica — tem seguido alguns estudos?»

— «Possuo leves rudimentos d'alguns.»

— «Cultiva a litteratura?»

— «Aprecio-a imperfeitamente.»

— «Quem são os seus auctores favoritos?»

— «Encontro sempre grande difficuldade em responder a uma interpellação d'esse genero. Não sei. Admiro tanto Balzac, como Walter Scott, como Alfred de Vigny; extasio-me com uma das mais arrojadas estrophes de Byron, de Victor Hugo ou Musset, tanto como me extasio com um dos sentimentaes poemas de Lamartine.»

Respondi com a maior ingenuidade e vi a estupefacção desenhar-se no rosto do abbade a cada um dos nomes que ia pronunciando, para elle mais indecifráveis que os de festim de Balthazar. Quando cheguei ao ultimo carregou o sobr'olho e preparou-se para fallar. Escutei.

— «Que disse ? Lamartine ? Não é um jacobino ? Parece-me que tenho ideia de...»

Não pude responder com receio de perder a gravidade.

Vendo o meu silencio, continuou :

— « Sim, não tem que vêr, é o proprio; um dos vermelhos, um pedreiro livre, dos taes senhores da *égalité*! — e accentuou sarcasticamente a syllaba final — « Com que então... admira isso? »

Aqui abriu a caixa de rapé, fungou uma abundante pitada, assoou-se e, depois de soltar um suspiro *ab imo pectore*, voltou-me as costas, murmurando não sei que verso de Virgilio ou de Horacio, que provavelmente não me lisongearia muito se fosse ouvido.

N'este momento a snr.<sup>a</sup> D. Margarida annunciou a chegada do terceiro conviva. Era o dr. Theophilo, personagem exotico, cujos olhos pardacentos, como que envergonhados de se verem tão feios, fugiam um do outro, confinando-se no angulo mais externo d'umas escavadas orbitas.

O dr. Theophilo, acalentando de ha muito as mais fagueiras esperanças na *mão em segunda mão* da senhora de Entre-arroios, — trocadilho de sua lavra, muito festejado pelo auctor, — cada dia inventava novas finezas, sem nunca atinar com aquella que esperava lhe havia de valer a entrega da praça e da guarnição.

D'esta vez trazia pendente da mão esquerda uma trouxa que promettia grande surpresa para o *dessert*, occasião escolhida sempre por elle para as suas offertas amorosamente ambiciosas.

— « Já era retardatario ao que vejo » — exclamou o doutor, ao encarar com os outros dois frequentadores dos jantares de Entre-arroios.

— « A justiça é sempre a ultima a chegar » — resmungou o medico, explorando de novo, e com igual

successo, o bufete, que exercia sobre elle uma manifesta attracção.

O dr. Theophilo, imperturbavel por indole e por calculo professional, respondeu amavelmente :

— « Onde a sciencia e a religião existem, não se faz esperar a justiça. »

O doutor era uma especie de mediador plastico, perdoem-me os philosophos se rebaixo o termo, entre os dois elementos heterogeneos do abbade e do medico.

A snr.<sup>a</sup> D. Margarida, á imitação dos fabricantes de instrumentos de physica, que entremeiam o ouro entre a prata e a platina, na construcção de certas laminas, para podel-as sugeitar á acção do calor, servia-se do doutor para que a soldadura do abbade e do medico não rompesse tambem no calor da discussão.

Era vez do advogado se dirigir a mim.

— « E como vai o hospede ? »

— « Encantado com a hospedagem. »

— « Bellissimo ! — disse o doutor pronunciando esta palavra portugueza, como se tivesse necessidade de ser italiana.

D. Margarida, no animo de quem eu havia conquistado terreno, depois da nossa rapida conversação, encentou a meu respeito uma apologia, que a modestia me obriga a calar, e que teve um effeito exactamente contrario ao que talvez a boa senhora esperava. De facto o doutor, ao notar o fogo com que a D. Margarida fazia o meu panegyrico, mostrou-se inquieto : olhou para mim d'um modo particular, depois para ella, depois de novo para mim, e, como sem consciencia do que fazia, aproximou-se da meza e bebeu até á ultima gota um copo de agua que encontrou á mão. Caso realmente extraor-

dinario na sua vida, por quanto o doutor nunca podéra concordar com Pindaro, a respeito das excellencias da agua.

Percebi que o ciume aguilhoava o coração do erudito interprete do digesto.

Que popularidade! Em poucos minutos conseguira tornar-me antipathico aos tres commensaes de D. Margarida!

Mas o meio dia chegára em fim, hora consagrada desde tempos immemoriaes em Entre-arroios á solemnidade gastronomica, a que se dá o nome de jantar.

No campo o meio dia adivinha-se, independente de relos. Um silencio mais profundo, um não sei que particular na luz do sol, uma côr uniforme que parece tingir a paisagem, nol-o annunciam. Depois temos a voz do estomago, esta poderosa voz mais real do que a do sangue, a qual os romancistas comtudo admittem como factio incontroverso. O estomago quer aos seus habitos, como viscera burgueza que é; uma vez affeito a comer ao meio dia, exaspera-se quando lhe tardam e agitando-se no abdomen dá a conhecer á economia as suas necessidades imperiosas.

Foi a razão pela qual o abbade, escutando o appetite, este irmão mais novo da fome, jovial como creança, mas cujo humor se azeda com a idade, se aproximou da janella, contemplou os ares, e voltando-se, soltou estas palavras, que vieram dar a razão dos bocejos continuados do medico, de suas frequentes visitas ao bufete e dos suspiros, melodiosamente melancolicos, do doutor:

— «Isto deve ser meio dia.»

— «Ha-de ser — disse D. Margarida, — vou mandar tirar o jantar; Thomaz provavelmente janta mais tarde.»

Estas palavras foram acolhidas com geral satisfação.

E o jantar veio para a meza; rompeu a agradável orchestra de garfos e facas, para muito boa gente mais harmoniosa do que as melhores partituras de Bellini ou Donizetti; e todos empregamos, como aliados, uma batalha, cujo destino não podiam ser duvidosos.

O medico e o abbade esqueceram por um pouco a reciproca antipathia; comtudo esta affabilidade diminuiu na razão directa do appetite. A sopa, eram quasi amigos, ao cozido tolerantes apenas; mas quando chegou o prato de meio, já os primeiros assomos de hostilidade começavam a transparecer. Um frango guizado foi o pomo da discordia.

Eis o caso:

A entrada triumphal da ave de Marte fôra saudada com verdadeiro enthusiasmo, e, depois de a admirar em globo, cada um em detalhe a admirava no prato.

— « Excellente molho! — disse o abbade, imbebendo n'elle enormes fatias de pão trigo, gallicismo gastronomico que, seja dito de passagem, causa delicias a muitos severos puritanos. »

— « Eu sou partidario dos molhos » — exclamou o doutor, seguindo o exemplo dado pelo visinho.

O medico, para contradizer, disse-os anti-hygienicos; mas não ficava atraz dos antagonistas na gloriosa cruzada contra este inimigo dos estomagos humanos.

— « A historia dos molhos — accrescentava o abbade, limpando ao guardanapo os beiços besuntados — anda a par da civilização. Os heroes de Homero desconheciam o verdadeiro molho; Virgilio falla-nos de carne assada no espeto, *veribusque trementia figunt; scilicet viscera*, mas nunca em molhos; Anacreonte... »

— « O abbade podia muito bem emprehender uma obra em que provasse...»

— « Os molhos? É a obra que estou emprehendendo. Eh! eh! eh!»

— « Não, porém que a florescencia dos estados prendia nos aperfeiçoamentos dos molhos — terminou o medico, sorrindo.»

O doutor que previu tempestade, tomou a palavra:

— « Mas de facto, ha aqui uma fusão de substancias, que formam um todo delicioso.»

— « É o gosto do cravo, da pimenta, do açafão, da salsa, do alho; é tudo isto e não é nada d'isto; — paraphraseou o abbade.»

— « É um verdadeiro systema constitucional; — disse o medico, que tomava posse do seu temperamento — e accrescentou: — O absolutismo, a predominancia d'um elemento unico é sempre mau em molhos, como em politica.»

O abbade tremeu.

O doutor concedeu uma rizada de approvação á burlesca comparação do medico. Grave imprudencia!

Isto acabou de transtornar o egresso:

— « Bem me parecia, doutor, que vós outros avaliaes as coisas em politica pelas leis de gastronomia! Bom é tudo aquillo que satisfaz o estomago.»

— « Sem causar indigestão, — respondeu o medico, com imperturbavel sangue frio.

A cólera do abbade subia ao seu auge. Estava fullo.

— « O vosso systema de molhos em politica, doutor, tem só o inconveniente de encher o governo de no-doas.»

O abbade, superior á sua época, manejava já então

o *calembourg*, em que muito pouco se fallava ainda por cá.

Como ninguem se rira do gracejo, acompanhou-o elle d'uma gargalhada fradesca, de grau superior á homerica.

D. Margarida, inquieta pela ausencia prolongada de Thomaz, não dava fé da tempestade, que se agglomerava sombria, nem pensava em intervenção.

Ensaiou-o o doutor e enchendo os copos.

— «Vá,» exclamou, «à saúde da fusão dos partidos e dos...»

O abbade não deixou concluir.

— «Tambem o doutor!»

Isto fez-me lembrar o *tu quoque* de Cesar.

O doutor sentou-se desanimado.

Fr. Domingos perdera de todo a cabeça; os olhos injectados cahiram sobre mim; não lhe escapei innocente victima que era!

— «Falta o snr. lá, o que me disse que preferia aos poetas antigos as poesias de... Robespierre ou não sei que outro heroe.

D. Margarida comprehendeu enfim a necessidade de intervir e não lhe foi difficil.

— «Abbade, eis os ovos de recheio.»

Foi agua que cahiu na fervura.

Tudo serenou e cedo os ovos foram, no rigor da palavra, absorvidos.

O resto do jantar correu sem outra novidade, a não ser a saudação geral, que victoriou a surpresa do doutor, a qual, d'esta vez consistiu em uma duzia das decantadas frigideiras de Braga, a mais appetitosa concepção dos pastelleiros da *augusta* cidade *Cezaria*.

Acabado o jantar e dita a oração de *graças*, a senhora de Entre-arroios, depois de nos dar as *boas tardes* do estylo, chamou a attenção dos circumstantes, pedindo que se passasse a discutir o futuro de Thomazinho.

O medico, depois de fazer uma ultima provisão de ameixas seccas, que elle sustentava serem estomachaes, deu o assentimento; imitou-o, em ambas as coisas o abbade, apesar da mutua animadversão, e contentando-se o doutor de se prover de palitos, passamos todos para o salão contiguo, que era o lugar de honra da casa e escolhido pela snr.<sup>a</sup> D. Margarida de proposito para augmentar a solemnidade do acto.

A senhora de Entre-arroios tomou a cadeira da presidencia; todos se sentaram, só eu que, preocupado pela subita doença do pae de Paulina, tinha pouca vontade de entrar na discussão, me conservei um pouco de lado, sem que ninguem se lembrasse de me chamar, nem a senhora de Entre-arroios, a qual provavelmente

me quiz facilitar o ensejo de terminar a leitura da poesia de Thomaz.

O aposento em que nos achavamos era uma vasta sala rectangular, forrada por um papel de côr escura que, absorvendo os raios luminosos, lhe dava um aspecto sombrio e triste, apesar das duas amplas janellas de peitoril, que abriam sobre o pomar; por cima do fogão de lousa artisticamente cinzelado, pendia um espelho de moldura dourada, mas já em parte ennegrecida pelo tempo; toda a mobilia era pesada e antiga; o tapete, que forrava o pavimento, revelava longos annos de serviço nas côres, meio desbotadas e no fio da urdidura já em algumas partes descoberto. N'uma das paredes lateraes, fronteira á porta por onde entraramos, notava-se, em caixilho cuidadosamente conservado, um retrato a oleo de grandeza natural e de correcto desenho.

Representava um velho de nobre physionomia, vestido com a farda da marinha portugueza e em cujo peito se divisava, distinctivo de lealdade e valor, uma pequena fita azul em fivela de prata.

Era o retrato do pae de Thomaz, velho militar, que havia combatido sob o commando de Napier, e voltára á terra onde nascera coberto de annos e de cicatrizes honrosas, para procurar no seio da familia, uma morte socegada.

A pintura era d'um discipulo de Vieira portuense, amigo intimo do velho marinheiro e seu hospede durante uma viagem que fizera pelo Minho. Não quizera o artista perder a occasião de reproduzir com o pincel um d'esses typos de soldado do mar, que de dia para dia mais se vão perdendo na nossa terra, outr'ora berço e escóla de navegadores.

D. Margarida tinha para com este retrato uma veneração quasi supersticiosa. Amara extremosamente o marido; porém, como de ordinario acontece entre caracteres de força desigual, este amor fôra n'ella misturado com um sentimento de respeito, que ainda conservava pela memoria d'elle.

Aquelle olhar grave e severo, tão perfeitamente reproduzido na tela, parecia ainda exercer sobre a senhora de Entre-arroios a mesma influencia, que exercera em vida.

Se por acaso e involuntariamente, fazia chorar o pequeno Thomaz já não ousava erguer os olhos na presença d'este retrato, como se temesse encontrar-lhe mais severidade na expressão; mas se, pelo contrario, alguma coisa acontecia, que fizesse sorrir o filho, — se as caricias lhe estancavam as lagrimas, olhava-o, esperando quasi vê-lo sorrir tambem. De pequeno costumára Thomaz a vir todas as manhãs saudar a imagem do pae; e dir-se-ia estranhar que este lhe não retribuísse a saudação em bençãos.

N'este momento a mãe carinhosa parecia invocar a memoria d'aquelle, que lhe fôra tão caro, para que velasse pelo interesse do filho; na presença d'este retrato, sob os olhares melancolicos d'aquella nobre figura, que se dissera contemplal-a ainda com amor, a pobre senhora achava-se mais forte; era este o tempo onde a sacerdotisa recebia a inspiração que lhe illuminava o espirito; fôra d'este recinto a senhora de Entre-arroios sentia-se apeada do pedestal, e despojada de não sei que aureola que a circundava alli.

Desde que nos viu todos dispostos a escutal-a, disse-nos que emfim se achava decidida, ainda que com o coração despedaçado, a cumprir a vontade do marido,

o qual sempre revelára, desejos de que Thomaz seguisse os estudos; que julgava ser a idade, a que chegára o filho, aquella em que convinha pensar na realisação d'este projecto, e que por isso pedia aos seus amigos, os quaes folgava vêr alli reunidos, que assentassem por uma vez, qual das carreiras conviria ao Thomazinho e quando se deveria marcar o dia da partida. E, ao dizer isto, a voz tremula e lacrimosa da pobre mãe revelava uma profunda commoção.

Houve silencio na sala.

— «Então?» — continuou ella, conseguindo dominar o sentimento, — «que decidem? O que deve estudar o Thomazinho?»

— «A medicina.»

— «A jurisprudencia.»

— «A theologia.»

Bradaram a um tempo o medico, o advogado e o abbade.

— «Jesus, Maria! mas... concordem n'uma coisa. Elle não ha de estudar tudo isso. A sua opinião, dada por essa fórma, de nada me vale. Decidam-se por uma.»

— «Pela jurisprudencia.»

— «Pela medicina.»

— «Pela theologia.»

Repetiu o côro.

— «Valha-me Deus» — dizia a senhora de Entre-arroios, toda afflicta.

O advogado continuou.

— «A jurisprudencia, snr.<sup>a</sup> D. Margarida, é o sustentaculo da sociedade!»

— «A medicina, minha snr.<sup>a</sup>, — replicou o medico — é a ancora da humanidade!»

— « A theologia é o esteio da religião » ! — disse por sua vez o abbade, em tom de oraculo.

— « E d'isso tudo que é que se tira? » — exclamou a mãe desesperada.

— « O que se tira? » balbuciou o abbade.

— « Pois que se ha de tirar? » redarguiu o medico.

E ambos pareciam repetir silenciosamente a si mesmos a pergunta, sem atinarem com a resposta desejada.

— « Tira-se, minha snr.<sup>a</sup> — respondeu emfim o advogado, que era homem para estes apertos — « que a jurisprudencia é a mais nobre das profissões, a sciencia mais util, o mais valioso conhecimento. O jurisconsulto é um benêmerito da patria e da humanidade, *cuja* o de-vêra glorificar e render-lhe preito; — quem mais util do que elle, já, quando instituindo leis que devam regular os povos, já, quando... »

Eu estava resolvido a conservar-me mudo. espectador d'este conciliabulo, que tinha muito de soberanamente ridiculo; porém a perspectiva das legiões de *já quandos* que antevira no discurso do orador, e um olhar expressivo da senhora de Entre-arroios fez-me mudar de resolução, e decidi-me a intervir.

— « Dá-me licença? »

O doutor parou, visivelmente contrariado.

O humor dos outros membros do conselho não me foi, ao que pude julgar, mais favoravel; para elles era um intruso e atrevido.

— « Não sabemos se... » foram as palavras que acolheram a minha intervenção, ao passo que, olhando para D. Margarida, os tres pareciam emprazal-a tacitamente a conter a minha ousadia. A senhora de Entre-arroios mostrou porém d'esta vez uma firmeza, n'ella pouco vulgar,

e que espantou os eloquentes oradores além de toda a medida.

— « O snr. D... — disse ella — é um homem de bem e digno de toda a minha confiança. Julgo que a opinião d'elle merece ser escutada, visto que ha tanto tempo os snrs. discutem esta materia sem que ainda fosse possivel approximal-os de um accordo, que desejo, e a que, de qualquer maneira que seja, hoje é preciso chegar. Falle, snr. D..., a qual das opiniões se inclina? »

— « A nenhuma, minha senhora. »

Sensação na assemblêa: eu não cedi a palavra.

— « E peço a v. ex.<sup>a</sup> — continuei — que de maneira alguma supponha que intervenho com o intuito de me pronunciar a respeito de uma carreira que possa convir a Thomazinho. Conhecendo-lhe as inclinações, pela natural penetração de mãe, melhor do que nós o poderá v. ex.<sup>a</sup> decidir. Mas nem eu penso que se tracte aqui d'uma creança incapaz de julgar por si das proprias conveniencias e aptidões. O filho de v. ex.<sup>a</sup> tem quasi dezeseis annos, e é demais uma intelligencia adulta; parece-me por isso extravagante que se esteja agora aqui talhando um futuro, talvez já concebido bem differente pela principal pessoa interessada. Eu voto que, em vez de nos consultar, consulte v. ex.<sup>a</sup> directamente a Thomazinho. »

Estas palavras levantaram uma celeuma tal na assemblêa, que me não foi possivel ouvir a resposta de D. Margarida.

— « Que extravagancia! »

— « Que singular opinião! »

— « Pois um menor... »

— « O snr. é tão creança como elle. »

— « Onde se ouviu semelhante coisa. »

— « *Quæ te dementi cepit!* »

Esta era do abbade.

— « São doutrinas perigosas. »

— « Subversivas. »

— « Anti-sociaes. »

— « Republicanas. »

Outra do reverendo.

— « Mostra ignorancia do codigo. »

— « Uma creança senhora sua! »

E a vozeria era já tal, que fazia estremecer a sala.

Em vão tentava defender-me, em vão D. Margarida se esforçava a pedir silencio; a irritação fazia bramir os tres argumentadores, ligados excepcionalmente contra o inimigo commum, que, por graça especial, haviam encarnado na minha pessoa.

Durava e promettia perpetuar-se esta algazarra infernal, quando a porta do salão se abriu violentamente e Thomaz appareceu no limiar, fazendo de subito, e como por encanto, cessar todo o ruido.

A scena era d'um effeito theatral.

Thomaz, mais que nunca excessivamente pálido, com os labios tremulos, e os olhos como pizados de chorar, parou por algum tempo á entrada da sala e correu com a vista os circumstantes, que todos permaneceram mudos debaixo do olhar d'aquelle, que momentos antes tratavam de creança. N'aquella physionomia energica haviam pela primeira vez reconhecido o homem.

A expressão do pae accentuava-se profundamente nas feições do filho. A senhora de Entre-arroios, vendo-o, juntou as mãos e elevou os olhos para o retrato do marido. Dir-se-ia que acreditava em uma apparição.

Thomaz entrou para a sala.

— «Sei do que se trata;— disse com voz alterada — agradeço o incommodo que tem tomado por minha causa, meus senhores; porém dispenso tal intervenção.»

E voltando-se para a mãe:

— «Minha mãe, o meu destino está nas suas mãos. A mãe sabe que tudo quanto de si me vier eu o receberei, como costume receber as suas bênçãos, de joelhos e com gratidão. E ajoelhando diante d'ella beijou-lhe affectuosamente a mão.

As lagrimas saltavam pelas faces da pobre senhora.

Thomaz ergueu-se e, enxugando os olhos tambem, continuou:

— «Mas não fallemos por ora n'isto. D'uma cousa mais grave lhe vinha fallar, mãe.»

Eu quiz deixar o quarto e consegui que os outros fingissem imitar-me.

— «Não, não, fiquem» — exclamou Thomaz, detendo-nos com um gesto — «o que eu tenho a dizer a minha mãe não me envergonha; antes estimo tel-os por testemunhas.»

— «Jesus, meu filho! que tens tu, que me assustas?»

— «Não é nada» — disse Thomaz cada vez mais dominado por uma commoção desconhecida — e depois continuou:

— «E' que o seu doente, doutor, acaba de me expirar nos braços. Paulina está orphã.»

Passado um momento de silenciosa hesitação, accrescentou com voz lenta e firme:

— «E Paulina é desde hoje minha desposada.»

## VI

Não sei de coisa alguma que podesse determinar n'esta occasião um espanto igual ao que produziram as palavras de Thomaz.

A mais viva surpresa se desenhava no rosto dos circumstantes. Eu mesmo, que tinha motivos para menos do que os outros me maravilhar, não pude reprimir um gesto de admiração, ao ouvir aquellas poucas palavras pronunciadas com voz tão segura, que bem denunciava a resolução inabalavel que as dictara.

A senhora de Entre-arroios olhava para o filho, como se ainda lhe parecesse um sonho o que tinha ouvido, e desejasse assegurar-se da realidade.

— «É uma divida sagrada, minha mãe — continuou Thomaz — contrahi-a junto do leito de um moribundo, e sobre a cabeça de uma orphã; — contrahi-a, invocando o nome de aquelle, que parece d'acolá olhar-me e comprehender-me» — e apontava para o retrato do pae; depois continuou mais baixo: — «contrahi-a, inspirado pelo amor.»

Estas ultimas palavras explicaram melhor a D. Margarida o acontecido; mas a revelação assustava-a, sem talvez bem saber porquê. A pobre senhora escondeu a cabeça entre as mãos, murmurando com voz sumida:

— «Jesus, meu Deus!» E assim se conservou alguns minutos.

Thomaz não despregava os olhos da mãe, como se das primeiras palavras, que ella pronunciasse, lhe dependesse a vida.

O resto dos personagens d'esta scena, entre os quaes me incluo tambem, não se sentia á vontade.

Tudo se devia decidir entre a mãe e o filho. Ha nas familias acontecimentos, em que toda a intervenção d'um estranho é inconveniente.

Nenhum de nós ousava fallar e conservavamos a immobibilidade d'um quadro vivo.

No fim de alguns momentos, D. Margarida ergueu a cabeça. Impressionou-me o ar de nobreza e de resolução que se lhe lia no gesto. Era uma nova metamorphose d'esta mulher singular.

— «É promessa sagrada, meu filho, — disse ella — ha-de cumprir-se.»

E fitou os olhos no retrato do marido, como se d'ahi lhe viera a inspiração.

— «Ó minha mãe!» — exclamou Thomaz, ajoelhando diante d'ella.

D. Margarida susteve-o com a mão.

— «Não sejamos todos crianças, Thomaz. Escuta, que não consinto sem condições.»

— «Não preciso şabel-as, para me sugerir a ellas.»

— «O snr. D... — continuou D. Margarida, olhando para mim, — disse-me ter de partir amanhã já para o

Porto; has-de acompanhal-o; e d'ahi tu proprio escolhe-rás a carreira que mais te agradar seguir.»

— «Amanhã? já!»

— «É preciso. A vontade de teu pae é tão sagrada como a tua promessa, filho. É tempo de a cumprir; e ha mais que o devêra ter feito.

— «Seja... mas...»

Thomaz hesitou ao continuar; a mãe porém adivi-nhòu o resto; attraheu-o a si, estreitou-o nos braços, e, beijando-lhe a fronte com o maior carinho, disse-lhe a meia voz:

— «Descança; ella será minha filha.»

Estas palavras fizeram rebentar as lagrimas a Thomaz.

— «Oh! obrigado; o coração dizia-me que a mãe me não havia de querer mal por isto.»

— «Querer-te mal, filho!» E depois, afastando-o:

— «Não é verdade, snr. D..., que nos fará o obsequio de acompanhar Thomaz?»

— «Tudo em que a puder servir, minha senhora.»

E de novo recahimos em silencio.

Os convidados apressaram-se em abandonar esta casa, onde respiravam uma atmospherã de constrangimento.

Á noite todos na aldeia sabiam do occorrido, e cada qual commentava a seu modo a criancice de Thomaz, como elles diziam, e a leviandade da mãe. Outros viam na resolução de D. Margarida, em mandar viajar o filho, um meio de desfazer as difficuldades; porque era impossivel que esta paixão despropositada, pensavam elles, resistisse a uma ausência de annos.

De mim não sei que disseram, mas é de crêr, atten-

dendo a que os propaladores dos boatos eram os tres meus affeioados, que não fosse muito christãmente tratado.

Ficandó sós, a mãe, o filho e eu, não rompemos o silencio, que se manteve durante horas; todos talvez pensando no occorrido, e todos á porfia evitando a menor allusão que podesse recordal-o.

Thomaz despediu-se ás nove horas da mãe, que o beijou com o affecto costumado. Dispunha-me tambem a deixar a sala, quando um signal da senhora de Entre-arroios me obrigou a ficar.

Tudo revelava n'ella uma serenidade de espirito que me fazia scismar. Depois de assegurar-se de que ninguem escutava, D. Margarida sentou-se junto de mim e perguntou-me:

— «Então que lhe parece tudo isto?»

— «Para lhe fallar a verdade, minha senhora, com quanto receie que este acontecimento seja talvez funesto ao futuro de seu filho, não posso deixar de admirar-lhe a nobreza de character.»

— «Está como eu. Póde crel-o? Isto que a outra mãe traria a desesperação talvez, quasi que me dá jubilo. Com tudo reconheço que é um passo grave, e preciso impedir que tenha graves consequencias.»

— «Eu julgo ter comprehendido os projectos de v. ex.<sup>a</sup>»

— «Talvez não; — disse ella, quasi sorrindo.»

— «Uma ausencia demorada amortece certos sentimentos, e faz esquecer promessas que em um momento de exaltação...»

— «Não o espero, e se por acaso meu filho se esquecesse, cumpriria a mim lembrar-lh'o; e eu lh'o lem-

braria, acredite. Se foi loucura, tanto peior, que tem de ser escravo d'ella.

— «Mas Paulina mesma, talvez...»

— «Esquecer Thomaz!»

Havia tanta candura n'este brado de vaidade maternal, que não tive coração para continuar a exprimir-lhe as minhas duvidas.

— «Não, não; o meu designio é outro — continuou ella — mas por em quanto é secreto. O que lhe peço é que use de toda a sua influencia com Thomaz para o decidir a partir para o estrangeiro. Que va estudar a França, á Inglaterra, á Allemanha, onde quizer e o que quizer, mas que saia do reino e se demore por fóra. Quatro, cinco a seis annos. É essencial.»

— «Não posso comprehender com que vistas...»

— «É o meu segredo — disse ella sorrindo. — Promette?»

— «Tudo quanto desejar, minha senhora. Reconheço em v. ex.<sup>a</sup> uma superioridade...»

— «Nada de lisonjas, se não quer perder a minha confiança.»

— «V. ex.<sup>a</sup> deve ter notado que é a primeira vez que lhe fallo assim; é porque ha pouco ainda principiei a comprehendel-a e a admiral-a.

— «Bem; façamos alliança. Mas, antes, quero perguntar-lhe uma cousa: que me diga o que lhe parece mais para receiar n'esta resolução de Thomaz?»

— «Receio que aquella paixão seja n'elle uma das muitas illusões de uma idade tão tenra como a sua; e que cedo...»

A senhora de Entre-arroios interrompeu-me com um gesto de impaciencia e negação.

— « Cedo não; tarde, tarde que é o peor! Olhe, ahi vae o que eu penso: Thomaz ama sinceramente Paulina, acredito-o. Esta paixão, longe d'ella, augmentará talvez. As scenas que a sanctificaram, n'uma alma como a d'elle, deixam vestigios que o tempo não desfaz. Meu filho, verá, ha de voltar-nos tanto ou mais amante do que partiu. Mas depois? Paulina pôde satisfazer-lhe ao coração, e em quanto o coração reinar, Thomaz será feliz. Porém quando chegar a vez da intelligencia? e olhe que ha de chegar tambem; como poderá a pobre rapariga bastar áquella cabeça, que eu já suspeitava, e agora vejo claramente ser toda de fogo? Creia-me, snr. D..., a infelicidade d'estas ligações desiguaes está toda aqui.»

— « Estou inteiramente d'accordo, minha senhora, e admiro tanta penetração.»

E dizia a verdade. Esta mulher, como as aparições de certos contos de fadas, de momento para momento assumia a meus olhos maiores proporções. Ella, que na vespera me parecera vulgar no meio de quasi ridiculas tribulações da vida domestica, que já momentos antes admirara quando, incitada pelo amor maternal, se esforçava em penetrar o sentido das expressões vagas e figuradas d'uma poesia amorosa; agora surprehendia-me pela profundeza de vistas, com que antevia no futuro os sentimentos do filho; a mãe cujos dotes vinham todos do coração, previra que a intelligencia não se satisfaz só com sentimentos e, na desigualdade de educação de Thomaz e Paulina, encontrava a causa da futura infelicidade d'ambos.

E que tentava ella para evitar o mal? É o que não pude saber então, baldados os esforços que fiz para o adivinhar.

Depois de mais algumas palavras, trocadas entre ambos, a senhora de Entre-arroios levantou-se, e estendendo-me a mão affectuosamente, disse com um sorriso:

— «Vá dormir, snr. D..., que eu vou pensar no futuro de meu filho.»

Não me foi muito facil conciliar o somno. O animo sobresaltado pelas scenas que tinha presenciado, mal me permittia o repouso.

No dia seguinte levantei-me cedo. Desci á sala, onde já encontrei D. Margarida fazendo preparativos para a partida de Thomaz.

Exigencias, a que não podia faltar, me obrigavam de facto a partir n'aquella manhã para o Porto, bem mais cedo do que contava e, direi até, do que desejava.

A senhora de Entre-arroios mostrava-se preocupada, mas não afflicta. A despeito das leves rugas, que lhe sulcavam a fronte, entrevia-se-lhe um fundo de serenidade na physionomia, que me fez julgar que a noite fôra fiel d'esta vez á sua fama de boa conselheira. Ao vêr-me, D. Margarida exclamou:

— «Que pressa de nos deixar, snr. D..., são seis horas e já erguido?»

— «E porque não ha de antes dizer v. ex.<sup>a</sup> que foi para gosar por mais tempo da sua companhia que assim madruguei?»

— «Porque é tão lisongeiro que me custa a acreditar. Passou bem a noite?»

— «Optimamente. V. ex.<sup>a</sup> é que, se me não engano, dormiu pouco.»

— «Não dormi nada.»

— «E aproveitou ao menos a vigilia?»

— «Espero que sim.»

Thomaz juntou-se comnosco. As faces abatidas, os olhos vermelhos, as feições decompostas, denunciavam que elle tambem não havia dormido.

Á vista dos preparativos da partida não pôde reprimir um suspiro. Depois de cumprimentar a mãe, dirigiu-se á janella para occultar as lagrimas, que lhe vieram aos olhos.

D. Margarida sahio igualmente commovida.

Eu reuni-me a elle.

— « Deve-lhe ser custosa esta separação ? »

Abanou a cabeça affirmativamente. A commoção impedia-lhe o fallar.

— « São alguns annos de provação, — continuei — para depois apreciar melhor a ventura. »

— « Alguns annos! Como diz isso! E que hei-de eu fazer durante esse tempo? »

— « O estudo o distrahirá. »

— « O estudo! Pois julga que, assim como estou, poderei entregar-me a algum estudo sério ? »

— « E porque não ? »

— « Se soubesse... Parto com o desespero no coração. »

— « Não diga desespero; pois não tem a esperanza no futuro ? »

A senhora D. Margarida terminára em fim os preparativos de jornada, sem que a menor omissão se podesse notar á sua providencia maternal. E quanta resignação lhe não fôra precisa!

Passamos á sala do almoço e cada vez a tristeza a tornar-se maior! Fazia lembrar um d'estes dias de inverno, em que a escuridade cresce, cresce cada vez mais, até rebentar a chuva.

A mãe e o filho surprehendiam-se por vezes, olhando um para o outro, com os olhos arrazados de lagrimas.

Em fim o momento chegou.

Tive eu de annuncial-o; d'outro modo quando chegaria?

— «Vamos?» — vi-me forçado a dizer.

Um olhar, dolorosamente expressivo, trocado entre os dois, seguiu-se a esta palavra.

— «Adeus, meu filho! — disse a senhora de Entre-arroios, desfallecendo-lhe a voz.

O resto imaginai-o como a experiencia vol-o terá mostrado, se não sois privilegiados do destino.

Um abraço prolongado, em que mãe e filho se cobriram de lagrimas e beijos, annunciou aquella primeira separação.

— «Então, então, Thomaz, mostra-te homem — dizia a senhora de Entre-arroios suffocada em pranto, — isto é uma criancice. Dentro em poucos annos voltarás e... has-de ser feliz, prometto-te.»

— «Adeus, mãe, adeus. Pense em mim e lembre-se de... de Paulina.»

— «E qual é a mãe que se não lembra de seus filhos?»

Thomaz desprendeuse-lhe a final dos braços e dirigiu-se commigo, que não partia tambem sem saudades, para a proxima estação das diligencias do Porto.

Da casa de Entre-arroios avistava-se, n'uma grande extensão, o caminho que seguíamos ambos e assim, a cada passo, paravamos na carreira para que Thomaz lançasse mais uma vez, um olhar de despedida áquellas janellas, com as quaes tantas recordações deixava, e d'onde a mãe lhe enviava o ultimo adeus.

Perdemol-as em fim de vista e por largo tempo caminhamos silenciosos ao lado um do outro.

O caminho que seguíamos, estreito e orlado de silvas, conduziu-nos a um pequeno largo, cuberto de relva, no centro do qual se elevava um cruzeiro de pedra. Frondosos carvalhos assombravam este logar solitario e imprimiam-lhe um aspecto verdadeiramente pittoresco. Quando nos approximavamos, pareceu-me divisar no pedestal da cruz um vulto, que a meia obscuridade, que se conservava alli, me não deixou reconhecer logo. Thomaz, com os olhos abaixados, não attentára n'elle. Mais perto percebi esta forma mover-se, attrahida ao que parecia, pelo ruido dos nossos passos; ao vêr-nos, ergueu-se subitamente e reconhecia-a.

Era Paulina.

Se na vespera já admirára a figura graciosa da pequena leiteira, tingida com o rubor da modestia; mais me suprehendeu d'esta vez a sua physionomia, verdadeiramente bella, desmaiada pela pallidez do soffrimento. Os cabellos soltos, as mãos juntas, nas faces vestigios de lagrimas recentes, assim n'aquelle logar e aos pés da cruz, recordava uma d'essas virgens, cuja fé e martyrios valeram tantas paginas de verdadeira poesia aos annaes da religião christã.

Thomaz, como se escutasse uma voz interior, elevou n'este momento a cabeça e contemplou com amor a aparição.

Paulina, rapida como o relampago, correu para elle e cingiu-o com os braços, cuja alvura, pouco vulgar no campo, mais realçava ainda sobre o escuro dos vestidos de lucto.

A minha presença não reprimiu este acesso de violenta paixão.

— «Sei tudo! — disse ella suffocada pelo choro. — Sei tudo; Thomaz! — Olha, até aqui amei-te com um amor de creança, mas agora — accrescentou, desviando-lhe da frente os cabellos com movimentos quasi febris — agora, hei-de amar-te como uma mulher, adorar-te... como escrava.»

E, unindo os seus labios aos d'elle, confirmou esta singela confissão por um ardente beijo.

— «Paulina!» disse Thomaz quasi em delirio.

— «Mas para que partes?» continuou Paulina em tom de voz repassada de meiga exprobração.

— «Era vontade de meu pae.»

— «E eu, Thomaz, que farei eu só aqui?» disse a pobre rapariga, afastando brandamente de si a frente do amante e olhando-o com expressão de saudade inquieta.

— «Então, Paulina, queres tirar-me o animo de...»

Estas palavras operaram subita transformação em Paulina. Estremeceu, como se accordasse d'um sonho importuno, ergueu a cabeça, enxugou os olhos com as mãos, e afastando para traz as negras tranças, disse com um sorriso forçado e a voz abafada e tremula:

— «Não, parte, parte! — e, como receiando commover-se de novo, desprendeü-se por gracioso movimento dos braços de Thomaz e desapareceu.

— «Paulina!» — exclamou Thomaz, como tentando seguil-a.

— «Deixe-a partir! — disse-lhe eu, — não tornará menos amarga a despedida, prolongando-a.»

— «Oh! meu amigo — murmurou Thomaz, apertando-me a mão.

Era a primeira vez que me concedera este titulo, que nunca depois me negou.

Dentro de alguns minutos partiamos silenciosos para o Porto, sentados um ao lado do outro em um dos logares da diligencia da manhã.

## VII

Thomaz demorou-se pouco tempo no Porto. Indifferente a tudo, desde a sua partida de Entre-arroios, facilmente se resolveu a embarcar para Paris, quando, cumprindo a recommendação de D. Margarida, o animei a seguir alli um curso qualquer, demorando-se com esse fim os annos que lhe fossem necessarios. Dentro de um mez, acompanhei-o a bordo de um navio que partia para o Havre de Grace.

Thomaz parecia deixar em Portugal as esperanças de felicidade. Ao despedir-se de mim, o seu desalento era completo.

Escrevi á senhora de Entre-arroios a dar-lhe parte do acontecido, e relatando-lhe até á menor particularidade a partida do filho.

Recebi em resposta uma carta, na qual ella, depois de me agradecer exageradamente este pouco que eu havia feito por Thomaz, me dizia que, achando a casa de Entre-arroios insupportavel, depois da partida do filho, resolvêra fazer uma excursão durante a ausencia d'elle,

para illudir saudades. Não sabia ainda para onde iria, e que tempo se demoraria na viagem, e por isso me avisava que não lhe escrevesse, antes de primeiro receber carta sua.

Esta carta nunca chegou. Negocios particulares me impediram de voltar a Entre-arroios, e minhas proprias canseiras, reunidas á acção do tempo, foram combatendo em mim cada vez mais a memoria das scenas, que, no curto espaço de tres dias, eu presenciára, e que me haviam feito participar dos sentimentos d'uma familia, pouco antes para mim desconhecida.

De Thomaz nada mais pude saber, do que de sua mãe.

Depois de uma carta, ainda repassada de saudades em que me noticiava a sua chegada a Paris e a resolução que tomára de seguir o curso na faculdade de medicina, enchendo o resto a fallar-me de Paulina, não soube mais noticias d'elle.

Alguns portuguezes chegados de Paris, a quem interroguei, não o tinham visto, ou davam-me a seu respeito informações inexactas.

Assim se passaram seis annos.

Um dia, chegando a casa, recebi uma carta que me viera pelo paquete; trazia o carimbo de Saint-Nazaire.

Abria, ignorando quem me escrevia, tão remota, confesso-o, me andava já a idéa do pequeno Thomaz, em quem me habituára quasi a não pensar.

Comtudo, a carta era d'elle, e concebida assim:

« Meu caro D...

« Com razão me deve suppor uma creatura bem des-  
«agradecida.

« Nem eu sei como justificar-me do conceito. Com-

«tudo não me chame voluvel, não pense que os fulgores  
«de Paris, poderam offuscar na minha memoria as sce-  
«nas da patria, e principalmente as ultimas, que n'um  
«momento decidiram do futuro da minha vida inteira.  
«Não julgue, se não quer ser injusto tambem. Ainda a  
«saudade me falla d'ellas, e a esperanza me faz palpi-  
«tar o coração, mostrándome proxima a epocha de vêr  
«realizados aquelles meus antigos sonhos, — sonhos que  
«nunca me abandonaram, felizmente. Não lhe tenho es-  
«cripto, não me pergunte porque, que mal lh'o poderei  
«dizer. Não me absolverá sem penitencia? A esperanza  
«faz parte da bagagem do peccador; eu não desanimo.

«Estou em Saint-Nazaire. Não me foi possivel partir,  
«como desejava n'este paquete, o que espero fazer para  
«o seguinte.

«Conto, pois, abraçal-o dentro em pouco, convidan-  
«do-o desde já a acompanhar-me a Entre-arroios, para  
«assistir á inauguração da minha felicidade.

«Paulina espera-me. Minha mãe tem-me escripto e  
«informado, mez por mez, do viver de toda a minha  
«gente em Entre-arroios. Os dias continuam a correr-  
«lhe alli n'aquella santa placidez em que eu fui creado  
«e onde só vejo a minha felicidade, se n'isso não con-  
«siste a felicidade de todos.

«Adeus; breve conversaremos mais.

«*P. S.* — Que cabeça a minha! Ia-me esquecendo  
«participar-lhe que me formei em medicina. Satisfiz a  
«vontade de meu pae. Pude relacionar-me com algumas  
«das principaes capacidades litterarias scientificas de  
«Paris, e acho-me um pouco peor d'uma impertinente  
«doença que d'ahi trouxe — a poesia. Adeus, adeus;  
«hei-de fallar-lhe com mais vagar de minhas viagens pela

«França, e d'outras ainda mais do meu gosto, por um mundo menos real.

«Seu afeiçoado,

«THOMAZ DE AVELLAR.»

Esta carta trouxe-me novamente á recordação todas as scenas passadas em Entre-arroios.

Seis annos tinham decorrido, os seis annos que D. Margarida marcára á ausencia de Thomaz. O que se passára durante este tempo e o que se ia passar agora?

Thomaz via eu, com verdadeiro prazer, que se não esquecera em Pariz da sua desposada de Entre-arroios. Mas o que sobretudo me maravilhou foi o ter D. Margarida escripto ao filho por todos os paquetes, descrevendo-lhe a vida de Entre-arroios, a qual correra, segundo me dizia Thomaz, com a placidez costumada.

Logo não havia ella, como me tinha dito, abandonado a aldeia. Porque não me escreveria então?

Por mais que scismasse, não me foi possível encontrar explicação satisfactoria, e não pensei mais n'isso.

Passado um mez, entrava Thomaz no meu quarto e apertava-me nos braços com verdadeira alegria.

Algumas alterações soffrera n'elle a physionomia durante os annos que viveramos separados. O rosto perdera a expressão infantil que tinha ainda em Entre-arroios, quando pela primeira vez o conheci; era agora uma face mais varonil, mas tão nobre e intelligente como d'antes.

— «Então, *mon cher docteur* — disse-lhe eu — eil-o de volta? e sem que toda a sua sciencia, ao que parece,

tenha conseguido cural-o de uma doença de coração, com que *partiu.*»

— «Venho peor, muito peor» — respondeu-me sorrindo.

— «Devéras? Pois confesso que receei nos apparecesse curado.»

— «Receio bem pouco lisongeiro para o meu caracter.»

— «Isto não é questão de caracter. São *mysterios* do coração que eu desculpo e respeito quasi.»

— «Seja o que quizer. Agora vamos a saber: está disposto a acompanhar-me a Entre-arroios?»

— «Da melhor vontade.»

— «Partimos amanhã?»

— «Hoje que queira.»

— «Seja hoje.»

Passamos o dia juntos. Contou-me a sua vida em Paris, vida exemplar para um rapaz d'aquella idade; seus felizes successos na eschola de medicina, onde fôra reputado entre os melhores e suas *pequenas fortunas litterarias*, como afrancezadamente elle dizia.

Thomaz voltava com uma instrucção solida, uma superioridade de vistas, um gosto apurado, que me fizeram lembrar dos receios da senhora de Entre-arroios.

Como poderia, de facto, esta intelligencia satisfazer-se com o espirito inculto d'uma rapariga aldeã, depois de saciados os primeiros ardores da paixão?

O plano de D. Margarida peorára a situação, ao que me parecia, exagerando a desigualdade.

Dei a entender isto mesmo a Thomaz, elle sorriu:

«Socegue — respondeu-me — vi lá por fôra muitas mulheres, a quem o *espirito* havia estragado, alienan-

do-as aos gosos de familia, para me inquietar por tão pouco.»

Com quanto reconhecesse algum fundo de verdade n'estas palavras, as minhas apprehensões não se desvaneceram totalmente.

Estivemos á noite no theatro, onde pude admirar ainda melhor a extensão e variedade dos conhecimentos artisticos de Thomaz.

Sahindo do theatro, introduzimo-nos n'um *coupé* e por aquelle mesmo caminho que, seis annos antes, seguimos em direcção opposta e com bem diversos sentimentos, dirigimo-nos para Entre-arroios.

Ao romper da manhã avistavamos os telhados das primeiras casas da aldeia.

O tecto elevado de Entre-arroios, com a sua alta claraboia, não tardou tambem a despontar no horisonte.

O olhar de Thomaz brilhava n'este momento, o sangue affluia-lhe ás faces, palpitava-lhe o coração com violencia.

— « Conheço-vos! conheço-vos! — dizia elle — arvores da minha infancia! Conheço-te, berço dos meus primeiros annos e que espero serás o descanso dos ultimos. Nenhum monumento, nenhum espectaculo grandioso das capitaes que percorri me fez esquecer de vós, testemunhas da minha ventura e de meus primeiros sonhos de amor. Oh! meu amigo! — continuou apertando-me a mão — sou verdadeiramente feliz. Parece-me que deixei aqui a minha vida, e que a adquiro, de novo ao respirar estes ares conhecidos, estes perfumes ferteis em memorias d'outros tempos.»

E emmudeceu, cahindo em languida contemplação.

Estas scenas tambem me recordavam o passado; e o

passado mostra-se-nos sempre atravez de um veu de saudades.

A aldeia, como todas as aldeias, soffrera poucas mudanças no espaço de seis annos.

As mesmas arvores, as mesmas sebes, os mesmos ribeiros e pontes, tudo fazia reviver em Thomaz a memoria dos primeiros annos.

Apeamo-nos para melhor gosar d'estas scenas, que tanto nos impressionavam.

Ao chegarmos ao logar, onde Paulina ultimamente nos apparecera, Thomaz parou a contemplar o humilde cruzeiro com um fervor quasi religioso.

— Lembra-se? disse-me, sorrindo.

— Como se fosse agora!

— Tem razão. Ao chegar aqui parece-me impossivel que tenham já passado seis annos da minha vida! É como se accordára d'um sonho de momentos.

Continuamos no nosso caminho até o portão da quinta de Entre-arroios; ao levantar o braço para tocar a sineta, as forças abandonaram-no e deixou-o pender como exhausto por esforço prolongado.

A commoção dominara-o completamente.

Toquei eu. Respondeu-nos a voz conhecida dos mesmos cães. Seguiram-se-lhe os passos tropegos d'um velho creado, o mais antigo na casa de Thomaz, e companheiro do pae, nas tormentas do mar e na refrega dos combates. Hoje imitando Cincinato, deixára a espada pela enxada que o bom homem pensava, com o poeta ser:

Morgado e não pena dos filhos de Adão.

Ao encarar-nos, o velho hortelão fez um gesto de

surpreza e levou a mão ao chapéu para nos comprimentar, mas afirmando-se melhor em Thomaz, reconheceu-o, e arrojando a incrível distancia o chapéu que já empunhava, gritou abrindo os braços :

— Ai o snr. Thomazinho !

E esquecendo toda a etiqueta, levantou-o ao ar, como lhe fazia em creança. Thomaz correspondeu com effusão ao cumprimento.

— Minha senhora ! minha senhora ! bradou o velho, aqui está o senhor...

A mãe de Thomaz interrompeu-lhe as palavras. Elle meditára uma surpresa.

Mas que mais era preciso para avisar o coração de mãe ?

A porta da casa abriu-se e com uma agilidade superior á sua idade, D. Margarida percorria n'um momento a avenida, que a separava de nós e cahia nos braços do filho.

Eu, que naturalmente nem fôra ainda notado, vi então avançar-se não menos alvoroçada, porém mais tímida, a poetica apparição do cruzeiro, Paulina. Vestida ainda á camponeza, porém com um gosto e elegancia pouco vulgares, parecia-me uma d'essas pastoras ideaes que sonhava a poesia do seculo de Luiz xrv, sonho tantas vezes contado em idyllios, sonetos e madrigaes.

Não direi que Paulina fosse mais bella do que quando a deixáramos, mas o que havia era um não sei que particular n'aquella physionomia, que me impressionava, sem poder dar a razão d'isto.

O sangue dos vinte annos, que animava agora em mulher a creança d'então, explicava muito, mas não me explicava tudo.

Em vez de saltar, como outr'ora, ao cólo de Thomaz com uma confiança toda infantil, parara interdicta, trémula, contemplando-o com ar apaixonado, invejando talvez aquelles beijos que D. Margarida lhe roubava, mas não ousando disputar-lh'os. Esta porém, depois de dar expansão ao proprio jubilo, abriu o coração a sentimentos menos egoistas e pôz em pratica o que eu considero como a decima quinta obra de misericordia: reunir os que se amam. Assim, depois de um ultimo beijo, a boa mãe tomou pela mão Paulina e impelliu-a para os braços de Thomaz, dizendo simplesmente:

— Eil-a.

Thomaz pareceu fascinado pela belleza da sua desposada. Talvez que experimentasse ao vê-la a mesma impressão que eu já sentira. Não foi com a antiga confiança, antes com um sentimento de respeito que a cingiu ao seio e a beijou na fronte, beijo, que apesar de tudo, não deixou de a fazer córar excessivamente.

O resto d'esta scena adivinha-se, que eu sou tão incapaz de descrever as alegrias da volta, como as tristezas da partida.

## VIII

Satisfeitos os primeiros transportes do amor materno, D. Margarida concedeu-me attenção, e mostrou-se para comigo tão affectuosa como d'antes. Desculpou-se, como pôde, de me não haver escripto e não tocou nos seus projectos de viagens, evitando habilmente fallar-me n'isso, quando eu para ahi tentava dirigir as minhas investigações.

Thomaz veio encontrar algumas mudanças nos hábitos da casa.

Faltava alli o abbade que havia um anno tinha morrido de ataque apoplectico, consecutivo a uma indigestão de lagosta. Pobre homem! vivera para o estomago e o ingrato sacrificou-o! Era destino! Elle pertencêra a um mosteiro de Benedictinos, celebres por um invento gastronomico.

Melhor que ninguem aprendera alli a preparar a decantada *farinha de S. Bento*, substancial golodice, com que os bons monges de Santo Thyrso aplacavam, segundo diz a lenda, as iras estomacaeas de um monarcha

portuguez e segundo o bom senso affirma, as iras, não menos temerosas, das suas proprias *visceras monasticas*.

Seja-lhe mais leve a terra, do que lhe foi o ultimo banquete.

Notava-se tambem a falta do doutor Theophilo, que desesperando de levar a effeito o consorcio com D. Margarida, dirigia actualmente as suas amaveis atencões a uma rica brazileira das proximidades, nutrindo o amor com mandioca e banana.

O medico era dos tres o unico presente e se não re-cesasse abusar da força de concepção do leitor, pedir-lhe-ia que o imaginasse mais magro ainda, do que quando pela primeira vez lh'o apresentei. Empregava elle os maiores esforços para não fallar diante de Thomaz em assumptos de medicina. Renovava d'algum modo a fábula do estatuario e

... on le vit frémir le premier

• Et redouter son propre ouvrage

que *obra sua* dizia elle ser a formatura do Thomaz.

A aldeia não ficou pouco surprehendida, quando, passados dias, se annunciou o proximo casamento de Thomaz com Paulina.

Julgava-se já isso coisa esquecida. A nova estalou pois no meio do circulo como uma bomba, e conjuntamente em phrase vulgar, estalou uma castanha na bocca a muitos paes e mães de familia, productores e expositores de *jeunes filles à marier*, n'esta pequena exposição de Entre-arroios.

O medico, visivelmente contrariado, informou-se logo

se Thomaz tencionava persistir na aldeia, depois de tomar novo estado. Thomaz respondeu que sim, porém, como para o acalmar, accrescentou que não estava disposto a exercer a clinica, a não ser gratuitamente aos pobres.

O nosso Esculapio não morria de amores por esta parte da clientella e por isso louvou excessivamente a caridade do novo doutor e esquecendo até o habitual laconismo, citou, no ardor do entusiasmo, Hippocrates recusando os presentes do Artaxerxes, facto da vida do medico do Cós, que o bom do homem lá para com seus botões, julgava redonda parvoice.

A familia de Entre-arroios passou a viver uma vida toda interior e a gosar de uma serenidade que me deliciava.

Paulina mostrava-se terna, sensível e ingenua como d'antes. Thomaz parecia idolatral-a. Ao serão, em quanto ella trabalhava em costura e a snr.<sup>a</sup> D. Margarida, cuja vista cansada já lhe não permittia essas folias, dobava meadas com os movimentos regulados de um automato, Thomaz, sentado defronte d'ellas descrevia, até os minimos pormenores, a sua vida em Paris. A mãe escutava-o encantada. Por vezes as duas mulheres suspendiam o trabalho, para seguirem a narração nos pontos mais interessantes; por vezes D. Margarida trocava com Paulina, a quem votava uma afeição verdadeiramente maternal, um olhar e um sorriso, cuja significação eu não podia decifrar.

Conservei-me n'esta casa até o casamento de Thomaz, que se effectuou passados quinze dias.

Foi um facto notavel na aldeia.

Não se fallou n'outra coisa por muito tempo senão

no joven doutor, e na fidalga, conduzindo pela mão ao altar a Paulina, vestida ainda com os costumes do lugar, apenas mais artisticamente dispostos que o das outras raparigas, em quem esta particularidade, compensada pelas maneiras modestas da noiva, longe de lhe attrahirem invejas, antes parecia despertar sympathias.

A senhora de Entre-arroios andava n'esse dia visivelmente satisfeita.

— «E os seus receios, minha snr.<sup>a</sup>?» — Disse-lhe eu, n'um momento que estivemos sós.

— «Cuida que os perdi já?» — respondeu-me sorrindo.

— «Pois acaso?...»

— «Receio como d'antes.»

— «Então...»

— «Acabe.»

— «Mal comprehendo a alegria de v. ex.<sup>a</sup> n'este momento, porque...»

— «Pareço-lhe uma mãe desnaturada; não é isso?»

— «Não digo tanto, mas...»

— «Com o tempo fallaremos.»

E riu-se.

Na tarde d'esse mesmo dia, que era um domingo, percebendo que havia alegria sufficiente n'aquella casa, para que a minha ausencia podésse ser muito sentida, despedi-me dos noivos e da senhora de Entre-arroios e montei a cavallo para o Porto.

Ao sahir d'uma encruzilhada ouvi atraz de mim passos de cavalgadura. Voltei-me; era a tradicional mula do medico, com seu descarnado senhor, cujas pernas retezadas e divergentes, lhe davam a apparencia de um ypsilon voltado.

— « Então já de partida, meu caro? » — exclamou de longe ao avistar-me.

Esperei-o e caminhamos a par pela estrada.

— « E' verdade. Deixei a felicidade a substituir-me. Espero que se não queixarão da troca. »

— « Então sempre casou o Thomazito? Eu não pude assistir; tive um recado com pressa. E então que me diz de toda esta historia? »

— « Digo que Thomaz fez a sua felicidade. »

— « Ora não me venha com isso. A rapariga não tem nada de seu, e aquelle rapaz podia aspirar a um bom casamento. »

— « Bom em que sentido? »

— « Essa é boa! Olhe que isto de casar é uma coisa séria. »

— « Não duvido e nem julgo que Thomaz o fizesse a rir. O doutor sabe tão bem como eu os pormenores d'este casamento... »

— « Romances! O que me admira é a D. Margarida! Nunca esperei d'ella... »

— « Ora, meu caro snr., isso não é assim. A mãe e o filho tiveram muito tempo para pensar n'isto. Não foi um passo considerado. »

— « Mas se eu lhe digo que D. Margarida não tem a cabeça em seu lugar! »

— « Ah! não sabia! »

— « Pois é facto. Não me dirá o snr. o que ella fez durante cinco annos? »

— « O que ella fez? »

— « Sim; de balde penso n'isto. Quebro a cabeça e não acho nada! »

Sorri-me da ingenuidade da confissão.

— « Então não acha nada? »

— « Nada. »

— « E quebra a cabeça? »

— « É verdade. »

— « É mau signal » — Não pude deixar de observar a meia voz.

— « Mas o snr. não me diz o que fez D. Margarida? »  
— teimava elle.

— « Mas o que havia ella de fazer? O que d'antes fazia. »

— « E aquella viagem! »

— « Que viagem? »

— « Uma viagem de cinco annos. »

— « Ah! pois D. Margarida... »

— « Um mez depois do pequeno partir, sahiu tambem da terra com a Paulinita e lá andaram cinco annos... sabe Deus por onde. »

— « É singular! mas ella disse-nos que... »

— « Se eu lhe afianço que ella não tem o juizo em seu logar! »

N'isto chegamos ao ponto onde nos deviamos separar. O doutor despediu-se de mim, firmemente convencido de que a familia de Entre-arroios não era forte em senso commum, e que aliás abundava n'elle.

Com quanto eu não adoptasse absolutamente esta opinião, nem n'uma nem na outra parte, não podia deixar de reflectir no character excentrico da senhora de Entre-arroios e na causa d'este segredo, que ella parecia querer manter a respeito da sua viagem; segredo que só a sua muita tactica e o isolamento em que vivia a familia lhe poderia assegurar por muito tempo.

Ceguei ao Porto com as melhores disposições e em

breve deixei de pensar no character e mysterios da senhora de Entre-arroios, os quaes me satisfiz em explicar por um dos muitos caprichos de mulher; explicação, que á similhaça de muitas theorias em sciencia, deixava o facto na mesma obscuridade.

Thomaz, todo absorvido pela sua felicidade, não me escreveu por muito tempo. Nem tive, durante um longo periodo, noticias de Entre-arroios.

Um dia appareceu-me finalmente uma carta de Thomaz, na qual elle se dizia extremamente venturoso; só lamentava não me vêr a seu lado e pedia-me que o visitasse breve.

Não me foi possivel acceder então ao convite.

Pouco tempo depois recebi segunda carta. Os mesmos protestos de felicidade e lastimava que não houvesse nas immédiações ninguem com quem se conviver. Havia ahí um paragrapho que me deu que scismar; era assim:

«... e agora o inverno aproxima-se. Já m'o andam «a annunciar estas pesadas nuvens de mau agouro, que «obscrecem a cada passo a limpidez do ceu. Confesso-«lhe que me assusta um pouco esta perspectiva. Com o «inverno vem as noites compridas. Não me dirá no que as hei-de passar aqui?»

«Noites compridas!—disse eu commigo ao lêr, e lembraram-me as apprehensões da senhora de Entre-arroios.

A esta seguiram-se outras cartas, nas quaes Thomaz me fallava largamente de assumptos de litteratura, de artes e de sciencias. Eram verdadeiras expansões de um homem de talento, que de ordinario se vê obrigado a suffocal-as.

Na ultima deixava-me entrever vagamente a ideia de uma proxima viagem ao Porto.

Estes symptomas principiavam a inquietar-me, quando passados dois mezes recebi uma pequena carta de D. Margarida, que continha estas palavras apenas:

«Meu caro snr. D...

«Olhe que os meus receios principiam a realizar-se. «Convido-o a que venha examinar o meu *doente* e talvez «a presenciar a cura.

Sua dedicada

MARGARIDA D'AVELLAR.»

Esta carta, quasi enigmatica, excitou a minha curiosidade e foi com o mais vivo interesse que n'essa mesma tarde tomei bilhete nas diligencias e parti para Entre-arroios.

A primeira pessoa que encontrei foi Thomaz passeando n'uma alameda visinha com um livro na mão.

Ao vêr-me deu quasi um grito de surpresa e abraçou-me com effusão. A minha presença parecia satisfazer n'elle uma necessidade.

Apresentou-me logo á mãe, que, ao cumprimentar-me, sorriu e me fez signal de não fallar a Thomaz na carta que eu recebera d'ella.

Paulina tambem me acolheu com agrado e contra o que eu receiava, pareceu-me intimamente satisfeita.

Era bella como sempre. Thomaz mostrava-se em extremo affectuoso para com ella. A's vezes contemplava-a n'uma tacita adoração e quasi em extase, mas um suspiro vinha quasi sempre terminar esta contemplação silenciosa.

Seria Prometheo ambicionando o fogo do céu para animar a estatua?

A senhora de Entre-arroios, n'estes momentos, olhava-me com um sorriso, como de vaidade satisfeita.

Ella via n'aquelle suspiro realisada a sua prophecia; mas eu avaliava muito bem a boa indole d'esta excellente senhora e a grandeza do seu amor maternal, para acreditar que isto lhe causasse o menor prazer, se ella não tivesse algum meio, meio que em vão tentei descobrir, para evitar-lhe as consequencias.

Thomaz sahiu commigo, a instancias da mãe e de Paulina, que ambas mostravam bastante empenho em que emprendessemos este passeio.

Só com Thomaz, que se despediu de sua mulher com um beijo affectuoso, eu tentei sondar a profundidade da *doença*, como lhe chamava a senhora de Entre-arroios.

— «Vejo que se realisaram todos os seus votos; pôde emfim dizer-se feliz.»

— «Sim: extremamente feliz.»

— «Não tem nada que o penalise?»

— «Nada.» — Respondeu, em tom mais baixo e suspirando.

— «Seja franco. Tem alguma coisa.»

— «Porque diz isso?»

— «Porque o acho preocupado. Triste quasi.»

— «Oh! E' engano.»

— «E quer que lhe diga o que o preocupa.»

— «Mas...»

— «Ouça e falle depois.»

— «Pois diga.»

— «Ha-de permittir-me a franqueza.»

— «Exijo-a.»

— «Um pouco rude.»

— «Não lhe admitto outra.»

— «Não tem direito para tanto, porque também a não usa commigo.»

— «Prometto-lh'a depois de ouvil-o.»

— «Seja, e ahi vai o que eu penso ; se vou commetter uma indiscrição, perdoa-m'a. O senhor casou por paixão e paixão violenta, que se não desvaneceu em seis annos de ausencia. Sua mulher é bella, como poucas, extremosa e affavel ; possui um coração formado para sympathisar com o seu ; saberá consolal-o nas penas, exultar com suas alegrias, receber e comprehender as effusões de sentimento, mas...»

— «Mas?» —interrogou Thomaz, com olhar de inquietação.

— «Mas uma alma como a sua, Thomaz, é mais exigente.»

— «Não, não, é.»

— «Ouça. Ha momentos em que isso lhe basta, em que essa reciprocidade, essa harmonia de sentimentos lhe parece a suprema ventura ; bem sei. Mas ha outros em que a intelligencia aspira a encontrar-se com uma intelligencia que o aprecie ; ambiciona voar, engrandecer-se, elevar-se e não quereria achar-se só no espaço, desejaria outra para marcharem unidas, e essa outra não póde ser a de Paulina.»

— «Podia, se...»

— «Se se dessem circumstancias, que se não realisaram.»

— «Ha um fundo de verdade n'isso que diz — respondeu Thomaz — mas creio ainda assim que sou menos merecedor de exprobração, do que lhe pareço talvez.»

Sim, é certo; lamento ás vezes que Paulina não tivesse recebido uma educação superior, não por ambicionar quem possa satisfazer-me a vaidade de ser comprehendido, *apreciado*, como diz; de estranhos pouco me importaria isso, mas por desejar ser em tudo comprehendido por ella, tornar mais intima esta identificação das nossas existencias. Não lhe parece menos egoista este sentimento assim?»

— «Por certo.»

— «E depois, sabe o que me consola? E' que esta necessidade de effusões é ficticia; as unicas verdadeiras e irresistiveis são as do coração. Eu creio que elle sobrevive á intelligencia. Alguns medicos chamaram-lhe o *ultimum moriens*; assim o considero tambem referindo-lhe a vida dos affectos. Com a idade as exigencias do coração duram ainda, em quanto as da phantasia amortecem e acabam por se extinguir. Isto em mim é uma crise que ha-de passar; Paulina é a unica mulher que podia realisar n'este mundo a minha felicidade.»

— «Acredito, mas isso não tira que a desejasse animada pela luz da educação.»

Thomaz ficou um pouco pensativo.

— «Prometti ser franco — disse suspirando — hei-de sel-o. É uma verdade.»

— «Bem dizia sua mãe. A cabeça domina agora o coração.»

— «Minha mãe!»

— «Ha seis annos que previra isto mesmo.»

— «Ella? É verdade que certas palavras vagas, certos olhares me davam a entender... e comtudo eu proprio o duvidava ainda.

— «Animo! É preciso vencer esse sentimento.»

— «Hei-de vencel-o custe o que custar. Mas quando penso que aquella voz se perdeu para a musica, aquella intelligencia para a poesia!... que aquelle gosto, naturalmente dedicado, se não exerce em lides dignas d'ella!... quando me lembra'de que aquelle espirito, creado para voar, se não eleva por falta de azas...»

— «Agora recordo-lhe o que me disse quando chegou de França, lembra-se?—o espirito aliena ás vezes a mulher da vida de familia.»

— «Oh! mas Paulina...» e interrompendo-se subitamente — «Vamos para casa. É peccar contra Deus ser tão exigente, quando se é tão feliz.»

Caminhamos longo tempo silenciosos e quasi tristes.

Ao approximarmo-nos do pomar uma vaga harmonia chegou aos nossos ouvidos; eram os sons de um piano.

D. Margarida introduzira esta innovação em Entre-arroios, depois que Thomaz voltara de França, apesar de que só elle em casa tirava o instrumento do silencio, em que dias inteiros se conservava, encostado á parede da sala principal, onde eu já uma vez me encontrei com o leitor.

Ao ouvir os primeiros sons do piano, Thomaz mostrou-se impaciente.

— «Ao que me parece, minha mãe recebeu visitas durante a nossa ausencia. Que impertinencia!»

Mas á medida que nos approximavamos, as notas do instrumento tornavam-se mais distinctas. A execução revelava uma mão conhecedora. Thomaz parou a escutal-as.

— «Meus Deus! — exclamou surprehendido — quem pôde tocar tam divinamente.»

De facto quanto mais perto mais sensível se tornava

a mestria com que as teclas, ordinariamente mudas, eram movidas então, produzindo verdadeiros milagres de execução.

Uma voz feminina cedo acompanhou as harmonias do instrumento; cantava uma d'estas toadas melancholicas, que nos commovem até o fundo d'alma.

Thomaz apertou-me violentamente o braço, em que se apoiava.

— «Escute!» — e depois accrescentou a meia voz, e como para si mesmo:

— «Paulina, se cantasse, devia cantar assim! Entremos.»

Eu tive um sentimento de tristeza ao obedecer a este convite. Esta mulher, quem quer que fosse, ia talvez exercer na imaginação de Thomaz uma influencia funesta para Paulina. De facto reparando para elle, ao abrir a porta do salão, vio-o excessivamente agitado.

Entramos.

A sala estava muito escura. Os ultimos raios de um sol de janeiro a custo podiam já atravessar as cortinas de fina garça que guarneciam as janellas.

Apenas me foi possivel reconhecer D. Margarida, sentada ao lado do piano e parecendo não dar pela nossa chegada, absorvida como estava na contemplação da cantora

Esta, voltada com as costas para nós, mostrava ser ainda joven. As tranças negras, artisticamente penteadas, realçavam sobre o vestido branco, em que se viam realizados os mil caprichos da moda. A musica parecia enleval-a. Mostrava-se dominada pelos sentimentos que a canção exprimia. Cantando tristezas, a voz tinha modulações, que revelavam lagrimas, e para o desespero

era o grito partido do coração; para saudades dir-se-iam as notas maviosas da ave do crepusculo, para esperanças o trinado das que annunciam alegres a madrugada.

A voz d'esta mulher fascinava!

Paramos á porta, a ouvil-a; a canção não se interrompeu e a letra tornou-se-nos intelligivel. Fôra semanas antes escripta por Thomaz, em um dos seus momentos de exaltação e em breve esquecida depois, como a tantas outras acontecia. Ao ouvir assim exprimir pensamentos que concebera, e palavras que havia escripto, Thomaz adiantou-se pouco a pouco para a cantora. As pernas vacillavam-lhe, a pallidez augmentava, parecia sob a influencia d'uma fascinação poderosa.

Eu fiquei immovel e inquieto por elle e por Paulina, cuja felicidade futura antevia ameaçada.

Thomaz chegou junto d'esta cantora desconhecida, justamente quando ella acabava de entoar com uma commoção, mais profunda do que até ahi e que se lhe denunciava no ligeiro tremor de voz, os ultimos versos da canção, que diziam assim:

Mais vida! meus Deus, mais vida!  
Que a chamma inda arde violenta!  
E a alma, de viver sedenta,  
Outros sonhos concebeu.

Ainda as derradeiras notas vibravam no espaço, já um grito de surpresa, um grito inexprimivel lhe interrompia as harmonias, e Thomaz recuava exclamando:

— «Paulina!»

A cantora, que effectivamente não era outra senão

Paulina, afastou violentamente a cadeira em que estivera sentada e lançou-se nos braços de Thomaz.

A senhora de Entre-arroios chorava de commovida.

— «Paulina, sim, Paulina» — dizia a gentil menina cobrindo o marido de beijos.

— «Paulina que te comprehende, que sempre te comprehendeu, meu pobre poeta, meu quasi martyr! Aspiravas dar expansão á tua intelligencia e receiavas fascinar-me; mas tu não sabes que é á chamma do teu espirito que eu me alento? Querias elevar-te ás regiões, onde a phantasia te chamava, e receiavas despenhar-me da altura, mas ignoras que ha muito eu te sigo ahi, que estou contigo onde te julgavas solitario? Pois sabe-o agora, quero dizer-t'o assim, com os meus labios unidos aos teus, quero gravar-t'o no peito, quero... ser digna de ti. Os versos que de noite confiavas ás brizas, os cantos que a paixão te inspirava, recolhia-os eu no coração, repetia-os de manhã como a oração matinal; a melodia que encantasse teus ouvidos, guardava-a na memoria, para a reproduzir mais tarde, para a extrahir em notas sonoras d'este piano, companheiro inseparavel dos meus sonhos de felicidade, confidente de minhas esperanças no futuro; as paisagens, que te agradavam, pedia ao crayon que as reproduzisse; os livros que de preferencia escolhias, lia-os e meditava-os na tua ausencia, para me encontrar contigo tambem nas regiões do pensamento, para n'elles descobrir o caminho do teu espirito, como ha tanto conheço o de teu coração, para um dia, entre beijos, te dizer como hoje, como agora te digo: Thomaz, os teus pensamentos são os meus, as tuas aspirações são as minhas! Em qualquer direcção que ellas te apontem eu te acompanharei. Partamos!»

E o entusiasmo animava as feições de Paulina, que parecia inspirada.

—«Isto é um milagre do céu!» — disse Thomaz, dominado pela commoção.

—«Não, não, Thomaz. É o milagre d'uma santa, é o milagre de tua... de nossa mãe!»

—«De minha mãe!»

—«Não, meu filho — disse banhada em lagrimas d'allegria a senhora de Entre-arroios, apontando para Paulina, — é o milagre da intelligencia d'ella.

—«Minha mãe! Paulina! Oh! isto é de enlouquecer!»

Eu aproximara-me da senhora de Entre-arroios com um movimento de admiração. Comprehendera emfim o mysterio.

Os cinco annos de ausencia de D. Margarida estavam explicados.

Thomaz parecia duvidar ainda da realidade do que se passava n'este momento. Temia ainda um desengano depois da allucinação.

—«Tu és Paulina?!...» — dizia elle, contemplando sua mulher.

A duvida era fundada.

Paulina, a gentil camponeza, offerecia agora sob novos trajés, cuja elegancia e gosto mostravam que não despresara o estudo de *toilette* em quanto cultivara os dotes naturaes do espirito, novo aspecto á sua belleza.

Vendo-a, todas a diriam creada de pequena n'um d'esses mimosos ninhos de rendas, onde vivem a infancia as mais delicadas mulheres, que surgem depois borboletas, fracas em vigor, mas fortes pela fascinação que exercem.

Thomaz cahia de surpresa em surpresa. Paulina levou-o ao seu pequeno gabinete de estudo, no logar mais remoto da casa, elegante sanctuario por elle ignorado até então. Ah! tudo o extasiou. A historia de seus poeticos amores alli renascia inteira; já em versos, que perdera ou deixara incompletos, já em mimosos desenhos, onde o lapis reproduzira os sitios mais queridos dos dois, todos aquelles onde se prendia uma recordação e uma saudade; em flôres, em retratos, em mil pequenos nada, com que se escreve a historia de uns amores e que de futuro nol-a recordam fielmente.

Em quanto Thomaz e Paulina se esqueciam assim em amenas recordações, eu ouvia da senhora de Entre-arroios uma mais exacta explicação do milagre.

Logo depois da partida de Thomaz, D. Margarida, obedecendo ao pensamento que tivera desde que lhe fôra manifesta a paixão do filho, chamou Paulina para junto de si e fez-lhe comprehender a necessidade de se elevar pela educação até á altura de Thomaz, para assegurar a felicidade do seu porvir. A intelligencia de Paulina, esclarecida pelo amor, comprehendeu e acceitou com effusão o offerecimento da senhora de Entre-arroios.

Foram viver para Lisboa, sem o communicarem a Thomaz, que pela astucia de D. Margarida continuou a receber cartas, pouco verdadeiras, datadas de Entre-arroios.

D. Margarida, não se poupou a despezas para tornar Paulina perfeita nas artes e nas linguas. A intelligencia natural da pobre menina, o ardor com que se votava ao estudo excederam toda a expectativa e surprehenderam os mestres. Em Lisboa corria-se com avidez para as *soirées*, aliás raras onde Paulina cantava.

A tarefa que D. Margarida principiara, tendo só em vista a felicidade do filho, completou-a com todo o amor do artista que se revê na sua obra.

Dentro em cinco annos Paulina era digna de Thomaz.

A senhora de Entre-arroios não quiz revelar a metamorphose da pequena leiteira, que para todos se conservou mysterio. Era um bem desculpavel amor proprio, que desejava fazer sentir assim mais a necessidade da sua obra.

— «E de mais, quem sabe?—dizia ella, e eu admirava ainda n'este ponto a sua penetração,—quem sabe se Thomaz sentiria então a mesma alegria, que sentiu agora? Elle amava Paulina tal como lhe apparecera havia seis annos; se a visse outra, se a visse mudada, talvez interiormente sentisse certo desgosto. Hoje era outra cousa. Viu como elle acceitou a transformação? E depois, aqui para nós—continuava a boa mãe com um sorriso espirituoso—de quando em quando não são de todo más estas metamorphoses entre casados. Avivam a luz, que se amortece. Espero que não seja esta a ultima de Paulina, e a seguinte ha de ser ainda mais poderosa. Verá.»

— «Outro mysterio, snr.<sup>a</sup> D. Margarida? De que ultima quer fallar?»

— «Não temos mysterio nenhum, homem. A ultima é a que é de esperar. A metamorphose da esposa em mãe.»

N'isto entravam na sala a nova Paulina, como lhe chamava a senhora de Entre-arroios, e Thomaz, o qual se mostrou esta noite mais espirituoso do que nunca.

Elle tinha razão. A intelligencia de Paulina só pre-

cisava de azas para voar ao lado da sua. Era um espectáculo interessante vê-las agora librem-se no espaço e pairarem nas mais elevadas regiões, e D. Margarida, permitta-se uma comparação que então me ocorreu, como o inventor dos primeiros aereostatos, vendo-as cá de baixo subir, orgulhosa da sua obra.

Passei alguns dias ainda com esta familia, regenerada quasi, e ao partir, trazia mais saudades do que nunca.

Thomaz é feliz ainda hoje. Agora escreve-me poucas vezes, e não se lembra de que são compridas as noites e inverno.

Paulina satisfaz-lhe ás ambições de gloria, como ás ambições de amor. Se ás vezes aspira a um espaço mais vasto para escrever seu nome, algumas paginas de seus escriptos ineditos apparecem nas columnas dos jornaes da época e são geralmente admiradas. Mas cedo se desengana que esta gloria é menos real do que a primeira, e volta contente á sua feliz obscuridade.

D. Margarida é venturosa; descança hoje a intelligencia de seis annos de esforços. E' nas crises que toda a grandeza do seu character se revela; agora entretem-se já um pouco a apoquentar os criados e encarrega-me de dar parte ás leitoras do nascimento de um menino, que ella sustenta ser a cara do pae.

Eu, pela minha parte, quando nos embates continuados da vida me sinto desanimar, vou passar oito dias com a familia d'Entre-arroios e venho curado.



## O ESPOLIO DO SENHOR CYPRIANO

Desde que uma crença consegue radicar-se verdadeiramente na imaginação do povo, difficil é ao poder dos seculos ou á evidencia dos factos desarraigal-a. Parece que á medida que um por um se vão quebrando os laços que a prendiam á razão e diminuindo a plausibilidade que dos espiritos sensatos a fazia ainda accete, mais attractivos ella ostenta á phantasia popular, sempre affeigoadá ao maravilhoso e impellida a correr atraz d'uma d'estas seductoras illusões, como as creanças a perseguirem as borboletas atravez das campinas.

Quando o povo vê fugir, por inverosimil, do campo da discussão um facto controvertido, é quando mais se apressa a recebê-lo como dogma, a adoptal-o com a cegueira da fé; é então que o transmite aos filhos, á maneira d'um novo artigo do seu credo religioso e olha para o que se atreve a levantar a mão iconoclasta contra esses vagos objectos do seu culto ideal, como para um impio, digno da fulminação celeste.

De historiadores e biographos se ri: não há provas nem documentos que valham para lhe fazer vêr as coisas differentes de como as imaginou; mais vezes aquel-

les cedem até, sacrificando a exactidão á poesia, e admitindo em seus escriptos a collaboração da penna popular. Por isso nas chronicas dos tempos passados é atravez das lendas que se póde procurar a historia. Adornada com as galas e louçainhas do maravilhoso, é que o povo se apraz de acolher a tradição. Despida ás mãos do historiador austero, parece affectar-lhe tão escandalosamente a vista, como a dos mais castos monges da Thebaida as formas nuas de tentadoras aparições.

Egualmente, ao lado da biographia exacta d'um individuo, ainda dos mais obscuros, o povo refere de ordinario outra, menos documentada talvez, porém sempre mais curiosa.

Com olhar prescrutador penetra o seio das familias a descobrir ahi factos reconditos, pequenos incidentes da vida domestica, onde, mais fielmente do que nos da vida publica, se reflectem os caracteres e as indoles.

Não julgueis que lhe basta a enumeração das batallas, dos feitos brilhantes, dos serviços humanitarios, dos actos civis do heroe do dia; quer vê-lo em familia, depois de despir a farda, a toga ou os arminhos, para envergar o modesto *robe-de-chambre*; aspira a devasar-lhe no modo de viver intimo e a estudar-lhe os habitos; obriga o personagem da historia a representar diante de si o papel de filho, de irmão, de amante, de esposo e de pae no drama da vida, e é então que mais interesse lhe excita, é então que applaude; e quando lhe fallecem as informações, inventa, recorre ao inexgotavel thesouro da imaginação, senão a alguma coisa de mais seguro. E n'isto é o povo verdadeiramente admiravel! Ha o quer que é sobrenatural na maneira por que se lhe revelam ás vezes segredos, sabidos apenas por duas pes-

soas, interessadas ambas em conserval-os ignorados; não espera por provas, satisfaz-se já com indícios; pronuncia-se, quando os mais prudentes hesitam e, devemos confessal-o, se em certos casos esta antecipação o leva ao erro, muitas vezes tambem, ou quasi sempre, por caminhos mysteriosos, o conduz á verdade.

Os boatos! Ahi temos um d'esses problemas que desafiam toda a sciencia humana. D'onde partiram estas, deixe-me assim chamar-lhes, emanações subteis que aspiramos todos, os credulos e os espiritos fortes, os ignorantes e os illustrados, como todos contrahimos a epidemia, cujo foco se desconhece?

Suscita-se ás vezes sobre qualquer individuo uma opinião que se diz *publica*, sómente porque cada qual em particular se não atreve a reconhecê-la por sua; os factos conhecidos da vida d'esse homem parece desmentirem-na, todas as apparencias lhe são contrarias, é humanamente impossível encontrar algures os fundamentos d'essa crença, nascida não se sabe onde, propagada não se sabe como; e comtudo persiste. Porque? Quem o póde dizer? É, a meu vêr, um facto da ordem de outros que observa o naturalista na historia dos animaes. É um phenomeno de instincto.

Na aproximação do inverno, as aves viajoras reúnem-se em bandos para desertarem das paragens que parecia offerecerem-lhes ainda por algum tempo os ultimos calores d'uma estação favoravel. Que indicio lhes revelou o perigo? quem lhes apontou o caminho de mais amenas regiões? O instincto: respondem os philosophos; e a mesma resposta obtereis, se os interrogardes sobre tantos outros maravilhosos actos que nos surpreendem, nos costumes de certas familias zoologicas.

Concedam pois tambem ao povo instinctos, instinctos que o fazem adivinhar factos occultos, como a ave presente o inverno; instinctos sobre os quaes se elevam juizos, que a razão prudente repelle ao principio, mas que tantas vezes o futuro vem confirmar mais tarde.

O povo tem uma physiologia especial que ainda está por escrever; esse concurso de individualidades tão heterogeneas, dá uma resultante, cuja noção nos não pôde vir só do conhecimento isolado dos componentes.

Quem o fosse estudar por uma analyse minuciosa, quem, por um quasi processo anatomico, o decompozesse em elementos, para um a um os examinar com escrupuloso cuidado, não o teria comprehendido; não seria mais feliz do que se procurasse resolver o problema da vida, dissecando um cadaver, e applicando o microscopio a cada fibra de seus tecidos e órgãos. Onde os homens se reúnem em povo, uma influencia occulta se lhes associa: uma como intelligencia commum, d'ahi, os enigmas da multidão.

A solução d'estes enigmas não a procurem portanto nos individuos, que n'elles não reside; está na entidade collectiva; assim como o modo de reagir do sal neutro não se encontra no acido, nem na base, seus elementos unicos; é o resultado da combinação.

Sirvam estas reflexões de prefacio ao caso modesto e obscuro, que vamos narrar e que as exemplifica.

Por uma das taes vozes interiores que entretem o povo dos mais recatados mysterios da vida de familia, como se linguareiro duende lh'os andasse segredando ao ouvido, era que n'uma pequena cidade da provincia do Minho, havia muito se tornara opinião geral que Cypriano Martins, octogenario que vivia miseravelmente na

mais estreita e mal esclarecida rua do menos limpo e povoado bairro d'aquella já de si não muito appetecivel terra, não obstante taes apparencias pouco inculcadoras, possuia fabulosas riquezas, e era devorado pela mais sordida e inqualificavel sovynice.

Nada podia modificar a opinião publica a este respeito; era absoluta, geral, intransigente, incapaz de vacillar, estavel no seu posto, que defendia heroicamente contra o ataque combinado de todas as apparencias; sublime de pertinacia, admiravel de resistencia.

Nunca experimentara d'estas oscillações vulgares nas mais enraizadas crenças; nunca passara por as alternativas de desfavor que até as idéas mais generosas soffrem no correr das épocas, nunca; nem quando os aguçados cotovellos do velho Cypriano rompiam escandalosamente atravez das mangas coçadas e benemeritas do seu casacão de saragoça; nem quando aos olhos dos commentadores se patenteavam as laceradas plantas... das botas colossaes de que o nosso Harpagão usava, ou as numerosas cicatrizes, — vestigios honrosos de longos annos de assignalados serviços —, que lhe crivavam as calças, onde cada fabrica de tecidos tinha um especimen de seus productos, combinados todos em artistico mosaico.

Cada vez que o inoffensivo thema dos longos e pouco misericordiosos commentarios populares, entrava n'uma loja a comprar os parcos materiaes de sua diaria alimentação e estendia a mão para receber os trocos miudos aos quaes, como outro qualquer, tinha direitos incontestaveis e garantidos por lei, havia nos circumstantes certo resfolegar de mofa que, ao voltar costas o velho, degenerava em bem significativas e nada equivocas exclamações.

— Olhem o unhas de fome!

— Sume-te, porco!

— E' capaz de se enforçar por um vintem!

— Se lhe cahisse um pataco ao inferno, atirava-se lá para apanhal-o, o tinhoso.

— Sovina!

— A pobre irmã morre á mingua por causa da mesquinhez d'este thesoureiro do diabo.

— Come duas sardinhas barrentas, e cosinha só de tres em tres dias para não fazer despeza em lenha! Podem crêl-o?

— Junta, junta, para outros t'o gastarem!

— O peso do teu cofre é que te ha-de afogar na caldeira de Pero Botelho!

E assim por diante iam as apostrophes, cada qual mais lisongeira para a reputação do modesto velho, cujos nervos felizmente se não supra-excitavam com taes estimulos.

Tinha uns invejaveis nervos o snr. Cypriano! a unica das suas qualidades, que lhe podiam invejar as leitoras.

Não ha vicio menos popular do que o da avareza, pela razão de serem poucos os que com elle lucram.

Assim Cypriano Martins era um personagem antipathico para os seus compatriotas.

Mas quem lhe vira o dinheiro? quem lhe descobrira a riqueza?

N'este ponto cada qual, interrogado á parte, encolhia os hombros, prolongava os beiços, enrugava a fronte, e respondia:

— Diz-se.

Santa palavra! salvaterio das asserções arrojadas! como a consciencia fica tranquilla quando, apoz uma af-

firmação, cuja responsabilidade não quer, a bocca officiosa te pronuncia! Descendente em linha recta d'aquelle *traditur* dos historiadores romanos, tu és, como teu illustre avô, o melhor e mais universal excipiente, em que se administram ao publico fortes dôses de boatos, que elle engole de mais boamente do que quantas pilulas tem arredondado de Hippocrates para cá os dedos dos boticarios ou apregoados os Holloways de todos os tempos.

Cypriano Martins tinha uma vez por anno as suas liberalidades, circumstancia que longe de amenisar a rudeza dos juizos publicos a seu respeito, antes a exacerbava; pois de facto nunca mais alto subiam as murmuracões como quando em sexta feira santa sahia das algebeiras do sobrio velho para as dos pobres da freguezia a quantia realmente importante de... cem réis em moedas de cinco.

Então é que era ouvir o povo.

— Arrancou hoje cem fibras do coração.

— Tem para chorar cem dias, o velho.

— E para jejuar outros tantos.

— Se isto assim continúa, apparece-nos de alguma vez o homem enforcado em sabbado d'Alleluia.

— Melhor, escusa o povo de queimar outro Judas.

Quando se entra na via das concessões é necessario não dar passos acanhados, sob pena de augmentar ainda mais a indisposição dos animos.

Consideração esta de longo alcance politico, não obstante as apparencias modestas que a revestem aqui.

Cypriano Martins cahiu doente e não chamou medico.

A camara, que adoptava o pensamento publico sobre o estado financeiro do seu patricio, recusava inscrevê-lo

no quadro dos pobres, razão pela qual o não visitou o cirurgião de partido.

A camara andou assizada n'isto e mostrou-se convencida da seguinte verdade, sahida da bocca d'um grande vulto politico:

« Quando os governos não tomam espontaneamente « a iniciativa no movimento das massas; são arrastados « por ellas.»

Ora a camara, que era governo, e não pouco respeitavel, não tinha grande vontade de ser arrastada; um dos vereadores, mais que todos, em cuja caixa de rapé estava representado em gravura o fim tragico de Mazeppa sentia de si para si um estremeção de grande desconforto só de ouvir o termo. Por isso, a camara adoptou a opinião das massas.

Esta subiu ao auge da indignação, vendo Cypriano desprezar a medicina.

— Olhem o miseravel a regatear ás portas da morte o preço da vida!

— O homem tem razão, respondia o barbeiro, a quem por consenso unanime fôra decretado o diploma de espirituoso da terra, o homem tem razão, que bem conhece quão pouco ella lhe vale.

Este dito do illustrado superintendente das mais respeitaveis barbas da freguezia foi repetido em todos os circulos com geral applauso; e a reputação de aguçado satyrico, de que ha muito gosava o digno collega de Figaro, augmentou, se de augmento era susceptivel ainda.

Cypriano Martins morreu e então é que a curiosidade publica se poz á alerta e, para entreter o tempo de espera, prestou ouvidos ás historietas da imaginação. Esta fez o seu dever, nada deixando a desejar. Cypriano á

cerrar os olhos, e o publico mais do que nunca a tomal-o á sua conta. Discutiu-se-lhe a herança, avaliou-se-lhe a fortuna, apontaram-se os herdeiros, inventaram-se testamentos, phantasiaram-se clausulas absurdas, anteviram-se demandas, devassaram-se esconderijos, arrombaram-se cofres, desenterraram-se riquezas monstruosas; isto tudo durante vinte e quatro horas, no fim das quaes nem riquezas, nem esconderijos, nem cofres, nem herança, nem testamento, nem clausulas e por conseguinte nem herdeiros, nem demandas, vieram justificar a geral expectativa.

Foi um *desapontamento* que, a fallar a verdade, custou a digerir; os melhores estomagos imparam com elle e mais d'uma vez foi regurgitado.

E toda aquella boa gente se punha então a ruminal-o de seu vagar, sem que o fizesse mais digerivel.

A irmã do morto que, de si para si, nunca nutrira grandes esperanças, porque nunca tivera fé nas riquezas do mano, apresentou-se n'esse mesmo dia, chorando, em casa do administrador a pedir-lhe que providenciasse para se fazer o enterro do velho Cypriano, pois nas gavetas só lhe encontrara uns cobres, que não bastavam para as despezas exigidas pela solemnidade.

O administrador viera sceptico de Coimbra, doença que apanhara nas margens do Mondego e que pelos modos se lhe tornara chronica no concelho, que, como diziam os jornaes da epocha, tão dignamente administrava. Por isso olhou para a pobre Macquelina, pois era esse o nome d'ella, atravez dos vidros da luneta pendente, ao mesmo tempo que o mais incredulo sorriso que o espelho lhe aconselhara, vinha encrespar-lhe espirituosamente o labio superior. Ao desbaste de crenças, que

este magistrado soffrera, tinha por felicidade sobrevivido entre poucas a crença no espelho, um dos principaes conselheiros a quem devia a manutenção da dignidade administrativa.

— «Com que então só uns cobritos, diz vocemecê, heim?»

O bacharel fizera a descoberta de que este *heim* lhe dava ás palavras certa melodia de bom gosto e por isso o adoptara.

— «Eis tudo quanto possuo, respondeu Macquelina, mostrando em patacos um cruzado, quando muito — v. s.<sup>a</sup> bem vê, continuou, meu irmão tinha o seu pequeno negocio de sócos, ha muito em decadencia; elle, coitado, estava velho e não queria officiaes... e agora com a molestia... por mais economias que a gente fizesse, sempre eram despezas certas e nenhum dinheiro a apurar.»

O administrador teve aqui um movimento de labios, expressivo de inveterada descrença, e como para mais depressa livrar do contacto de um ser humano; respondeu seccamente:

— «Faça, se quizer, um requerimento á camara, porque seu irmão não figura no quadro dos pobres.»

E mais não disse.

Macquelina á palavra requerimento empallideceu. Fazer um requerimento é um negocio importante, um passo difficil na vida d'estes seres inoffensivos e alheios a processos judiciaes, a cuja confraria pertencia a boa mulher.

Mas que remedio!

Sahi d'alli e procurou o presidente da camara.

Era este um gordo merceeiro, cuja cabeça se podia dizer um vulcão de medidas tendentes todas ao melho-

ramento publico e progresso social. Durante a sua feliz administração dos negocios municipaes, contava actos realmente surprehendentes de tino governativo. Seja-me licito citar aqui alguns factos da vida publica d'este não aproveitado estadista.

Os moradores d'uma rua estreita, onde os beiraes dos telhados fronteiros quasi se encontravam, a ponto de interceptarem a passagem da luz solar, queixavam-se da mania desenvolvida em alguns visinhos, de cultivarem frondosos arbustos nas sacadas das habitações, com grande incommodo e prejuizo dos queixosos para os quaes anoitecia mais depressa, graças á sombra impenetravel que projectavam os folhudos ramos na já de si pouco esclarecida rua. O sabio edil legislou á vista d'isso :

« Ficam prohibidas as arvores em todos os logares « onde a sua vegetação seja impossivel. »

Eu penso que se Montesquieu tivesse noticia d'esta lei havia de apreciar-a, pela admiravel concordancia com as da immutavel natureza.

D'outra vez os contribuintes pacificos que habitavam proximos aos arrabaldes lamentaram-se, em termos legaes, pelas incommodas harmonias, com que todas as manhãs os despertavam os carreteiros com a infernal chiadeira de impertinentes carros. Pensava aquella boa gente que a symphonia de *ouverture* da criação não perdia nada se lhe supprimissem da orchestra o pouco harmonioso instrumento. Attendendo á justa reclamação dos povos o judicioso funcionario promulgou que : « Todos os carros que chiassem contra as posturas municipaes, pagassem dois mil réis de multa, sendo metade « para o denunciante, dado o caso de serem ouvidos. »

Já se vê que chiar contra as posturas era coisa séria; a camara tinha susceptibilidades e offendida chegava a multar... os carros.

Quando esta medida se discutiu em plena vereação um dos camaristas levantou-se e deu mostras de querer fallar.

— Peço a palavra, snr. presidente.

— Tem a palavra o illustre collega.

— Eu desejava que se fosse mais severo contra os perturbadores do somno publico e se dêsse maior alcance a esta medida policial, multando todo o carro que chiar, quer seja ouvido quer não.

O conselho attendendo porém a que não convinha ser demasiado rispido com os povos e a que os carros não sendo ouvidos, pouco podiam incommodar, adoptou a clausula do auctor do projecto regeitando a emenda.

E foi muito bem considerado.

Outra occasião ainda, ouvindo o nosso homem discutirem dois bachareis, classe de sabios que sempre respeitou, sobre a conveniencia das rodas, e vendo-os accordes na necessidade de importantes e radicaes reformas n'estes estabelecimentos, veio para casa pensativo, e o cerebro, fecundado por aquella ideia, lidou toda a noite em gestação mental, tendo no fim o seu bom successo, por quanto pela manhã o magistrado municipal apresentou á approvação dos collegas, a seguinte medida regulamentar:

« Toda a mãe que expozer seu filho sem um bilhete do municipio, fica *tacitamente* encarregada da educação d'este.»

A entender-se grammaticalmente a cousa, rude tarefa cabia á pobre da mãe, superior ao esforço humano.

Esta medida d'um incommensuravel alcance economico, por um tris ia passando.

Mas emperrou no adverbio *tacitamente*, que de facto era a maior palavra do periodo e que o legislador empregára para o arredondar; elle tinha lá suas ideias a respeito de *estyllo*, não obstante viver antes das ultimas reformas dos lyceus, na qual pelos modos este assumpto foi regulado d'uma vez para sempre. Se a laconica definição de Buffon é verdadeira, *se o estylo é o homem*, ninguem de facto como o nosso vereador podia fazer periodos mais rotundos. Mas o corpo camarario viu na phrase não sei que sentido *machiavelico* e mostrou escrupulos. Em vão o digno chefe de tão respeitavel corporação, com aquella abnegação quasi estoica que o caracterisava, se promptificou a substituir esse adverbio por outro qualquer, sem escolha, taes como: *restrictamente*, *completamente*, *impreterivelmente*, *cathegoricamente*, etc. etc., elle só queria salvar a belleza da fórma; não houve de que, o conselho, entrando uma vez no caminho da desconfiança, não tinha por costume recuar.

Esteve ainda assim, vai não vai, a resolver-se pela adopção do *cathegoricamente*, agradado da euphonia da palavra; mas em fim nem esse admittiu, e a medida foi rejeitada.

Era pois diante d'este vasto talento governativo que Macquelina fôra enviada a implorar um diploma de pobre.

Louvido seja Deus! até isto se implora!

— «Mas, observou o judicioso presidente ao ouvil-a, pobre é todo aquelle que não tem dinheiro.»

Macquelina concordou. Pudera não.

A definição satisfazia a todos os preceitos menciona-

dos no Genuense, curta, clara, etc., etc.; e mais o nosso vereador não estudara logica.

O homem continuou :

— « E segundo é voz e fama vocês tem mundos e fundos.»

Aqui principiava Macquelina a discordar, por infelicidade sua. Em unica resposta mostrou os cobres que trazia.

— « Eis a minha riqueza.»

— « Pois sim, pois sim... mas... olhe, d'isso não quero eu saber. É pobre? Peça ao parcho e ao regedor um attestado e depois... depois... isso é com a junta de parochia.»

— « Mas...»

— « Adeus, minha amiga, temos conversado.»

E o oraculo emmudeceu.

Macquelina ao sahir levava uma cara que seria a sua justificação, se o vereador acreditasse na sciencia dos physionomistas; mas, parece-me poder attestar o contrario. O bom homem chamaria tolo a Lavater se o tivesse conhecido.

D'alli passou Macquelina a casa do parcho.

Eram horas de sésta e o reverendo dormia; unico ponto de contacto que tinha com Homero.

E que somno!

Bem pudera de seus parochiaes flancos elevar-se toda a bem provida arvore de Jessé, que está representada na nave direita da egreja dos Franciscanos no Porto, que elle rivalisaria em impassibilidade com aquelle veneravel patriarcha, que a sustenta.

Quando o foram accordar, o pastor d'aquelles povos resmungou, moveu-se, voltou-se para o outro lado e...

continuou a dormir. Á segunda tentativa, tornou a resmungar, tornou a mover-se, a voltar-se para o outro lado e... tornou a dormir; á terceira, sentou-se na cama, esfregou os olhos, abriu a bocca estrepitosamente e não deu accordo de si: poz-se a olhar depois para o travesseiro com visiveis tentações de se precipitar de novo n'elle; obstou-o a creada que voltou a chamal-o á vida real. Então seguiu-se o descer do leito, o evacuar dos pulmões obstruidos por um catarrho chronico, o fungar d'uma farta pitada e emfim appareceu o homem em toda a magnitude da sua... gordura.

Dizem que o erguer de leito é a occasião em que os monarchas são mais accessiveis a pedidos; o nosso abade, com quanto tambem cabeça coroada, não se parecia n'este particular com suas magestades; pelo contrario, se havia para elle hora de mau humor eram as que se seguiam ao momento, em que a inexoravel força das circumstancias o obrigava a emergir d'entre os lençoes, oceano, onde voluntariamente aquelle sol se mergulhava.

— « Oh! oh! bradou o indolente levita ao vér Macquelina, então foi-se o homem? »

— « Assim o quiz nosso senhor. »

— « E vamos a saber, quanto se herdou? »

Macquelina exhibiu os 400 reis., que era todo o espolio em metal.

— « Historias da Maria Carocha » — resmungou o abade zangado.

— « É isto que digo a v. s.<sup>a</sup>; meu irmão... »

— « Não me venha contar tonilhos. Diga lá o que quer? »

Macquelina expoz o fim da visita.

O padre arregalou os olhos.

— «Ui! Essa é de barbas! Eu hei-de attestar que você é pobre!»

Macquelina fez um signal affirmativo.

— «Ora, santinha, ora. E para isso fez-me acordar d'um somno que... que...»

— «Mas, snr. abbade, é a verdade que v. s.<sup>a</sup> attesta e senão diga-me onde me encontra a riqueza?»

— «Seu irmão ha-de ter deixado sommas fabulosas!»

— «Pois venha v. rev.<sup>ma</sup> vêr e dirá depois. Jesus, meu Deus, procurem, procurem, oxalá que achassem, meu Divino Pae do ceu!»

— «Emfim, mulher, não me metta em trabalhos; vá ter-se com o regedor e eu, o mais que posso fazer, é confirmar lá na junta o que elle certificar.»

Macquelina passou á regedoria.

O regedor era taverneiro e n'aquelle momento o seu duplo estabelecimento estava atulhado de freguezes. As largas mãos d'este vigilador da ordem publica, distribuiam simultaneamente vinho e justiça aos circumstantes, e mais amplas medidas de justiça que de vinho, a acreditarmos os consumidores.

A entrada de Macquelina causou sensação.

O regedor, em pleno gozo de seu functionalismo, dignou-se interrogar a irmã do fallecido e *os olhos da importante authoridade, pondo n'ella:*

— «Então que a traz por aqui, snr.<sup>a</sup> Macquelina? disse com voz benigna. — Não é bonito andar assim já pela rua quando tem seu irmão morto em casa. Que ha-de dizer o publico?!»

Não sei de nada mais delicado, do que é este ser

mysterioso e respeitavel por excellencia, a que se dá o nome de *publico*.

É singular como todos tomam a peito manter-lhe a veneração devida e se doem ás mais leves infracções que esta soffre. Grita-se contra um facto escandaloso, pateia-se no theatro uma producção immoral, fulmina-se um procedimento menos honesto, em respeito ao publico, já se sabe. Não me offendi eu, nem vós, nem elles; interrogae-os um por um, nenhum se dará por offendido, mas todos vos responderão com a formula: « e o publico!» Porém valha-nos Deus, o publico é exactamente constituido por mim, por ti, por vós todos que assim respondeis; como é pois que de elementos tão pouco susceptiveis resulta um producto tão melindroso?

Cada qual no gabinete lê uma obra de duvidosa moralidade, ri-se, diverte-se com a leitura, e ninguem quererá admittir que ella lhe possa ter causado o menor prejuizo. Ahi temos portanto uma obra inoffensiva; pois não é tal; antes a vemos proclamar um verdadeiro veneno, servido pela imprensa ao publico, um miasma que se ergueu dos prelos, um fermento de dissolução de costumes, e outros nomes igualmente feios. A não vemos n'estes factos a confirmação d'aquellas ideias, que nas primeiras paginas expendi, não sei que outra solução razoavel daremos ao problema.

É certo porém que o publico, citado pelo regedor, achava-se exactamente n'estas circumstancias. Todos os presentes abanavam a cabeça em signal de approvação; nenhum pela sua parte se mostrava escandalizado com o extemporaneo apparecimento de Macquelina, mas o complexo pelos modos soffria muito com isso.

Á referida observação da authoridade humedeceram-se os olhos de Macquelina.

— «E que lhe hei-de eu fazer, snr. Bento Maria? Quem é pobre...»

Houve sussurro na assembléa; o adjectivo parecia beliscar o auditorio.

— «Pobre! É sempre o mesmo estribilho»—disseram algumas vozes.

O regedor serenou o tumulto, dirigindo-se a Macquelina.

— «Bem, deixemos agora isso. O que a traz por aqui?»

Macquelina explicou-se.

A indignação dos circumstantes rebentou.

— Sempre é desaforo?

— Também é preciso ter descaramento.

— E' digna do irmão, já vejo.

— A alma do sovina metteu-se-lhe no corpo.

— Quem esconjura esta mulher?

O regedor principiou a franzir a testa.

— Ora vejam a pobresinha.

— Nosso Senhor a favoreça, irmã.

— Ora já viram!

O regedor levantou-se.

— Quem enterra o mano?

— Forte perda, se fica de fóra?

— Aquelle nem os bichos o querem.

— Leva rumor! Ai, que eu... rugiu por entre dentes o regedor e todos immediatamente... *silent, arrectisque auribus adstant.*

Pudera; o *ai que eu...* do snr. Bento Maria não ficou a dever nada ao celebre *quos ego...* de Neptuno. O re-

gedor sabia como Virgilio, o valor de eloquentes reticencias.

Em auxilio da ordem veio de mais a observação de um circumstante, dotado de sentimentos mais humanitarios.

— A mulher tem rasão, coitadinha, se o miseravel deixou tudo escondido.

As massas são facéis de impressionar. O alvitre modificou as opiniões:

— E' assim, é assim.

— Pobre creatura!

— Que vale têl-o, se se não sabe aonde.

Por este têl-o entendia-se dinheiro; é de facto o substitivo que mais completas elipses supporta; tão presente o trazem na ideia, que não necessita estar nas orações antecedentes, para ser subentendido.

— Sim, sim, ella tem razão, é pobre, é...

O regedor, enfarinhado nas praxes constitucionaes, não era homem que fosse de encontro á opinião dos freguezes, e por tanto, depois de concentrar por algum tempo o espirito, operação que nem por isso lhe augmentou demasiado a energia, passou o seguinte attestado, modelo de diplomacia e de exactidão orthographica: -

«Eu Bento maria do portal, regidor de esta fregesia  
«atesto, im como, maquilina, rosa, martins, solteira, de  
«esta Cidade, não tem, aberes para fazer, as despesas  
«do intero do seu irmom cepreano cujo, consta, ter di-  
«nheiro Mas o qué certo é que por morte se não incontrou  
«i se é berdadeiro o dito do bulgo o debe ter, nalgum is-  
«condrijo, que ainda se não inchergou. E por ser berda-

«de o que Açupra, atesto e mo disserem peçoas diganas  
«para mim de todo o creto, pazei esta qué juro.

«Dada em esta Cidade a 12 de Janeiro de...

*Bento maria do portal.*

Bento Maria era decididamente o funcionario publico de mais expediente e de mais arrojadas medidas que existia então na cidade.

Depois de mais algumas difficuldades e tropeços sempre se conseguiu enterrar, á ordem da junta de parochia, o velho Cypriano, o qual d'outra maneira bem teria de ficar fóra do seio da terra, por não haver deixado dinheiro.

Todos estes acontecimentos, longe de desvanecerem os boatos das occultas e sonhadas riquezas de Cypriano, os augmentaram, e deram logar a duas versões differentes.

Uns, mas eram a minoria, lançavam em rosto á pobre Macquelina o mesmo que haviam imputado ao irmão; outros porém, viam n'ella uma victima, ainda além da campa, da sordida avareza do incorrigivel octogenario.

Só Macquelina é que rejeitava uma e outra crença. Sabia-se innocente e não se acreditava victima. E lutando com a idade avançada, tirava forças da fraqueza e ia provendo conforme podia ao seu sustento quotidiano.

Não pôde porém resistir inteiramente ás insinuações dos que lhe fallavam em thesouros enterrados e as portas da casa abriram-se de par em par, a uma junta de inquerito, presidida pelo regedor, a qual, pelos mais escusos recantos, e a grande profundidade no quintal pro-

curou o decantado thesouro, sem no fim colher fructos de tantos esforços.

E as cousas conservaram-se por muito tempo n'este pouco agradável *statu quo*.

Um dia porém pioraram, longe de se desannuiarem, as circumstancias de Macquelina.

Um sobrinho seu, filho d'umã irmã que morrera joven, voltou do Brasil e, contra o que era d'esperar, vinha como partira, isto é, com a riqueza de Job na desgraça.

A historia d'este rapaz é uma historia longa e curiosa, que d'esta vez não contarei ao leitor.

Uma manhã pois, quando Macquelina estava meditando em não sei què medida de economia domestica, importantissima para a melhor direcção de suas mesquinhas finanças, entrou-lhe pela porta dentro um rapaz magro, espigado, de physionomia denunciadora de sofrimentos, o qual lhe estendia as mãos, dizendo:

— «Bons dias, madrinha, então não me conhece?»

— «Santa Maria! Querem vêr que... És tu, Agostinho?»

— «Eu, eu mesmo.»

A boa Macquelina saltou-lhe ao pescoço e devorou-o de beijos.

O rapaz viu-se em talas e com ameaças de asphyxia.

Depois veio um pensamento á tia Macquelina, pensamento um pouco interesseiro é verdade, mas desculpen'a, e não m'a principiem já por isso a olhar com maus olhos; todos como ella o teriam e, o que peor é, a poucos viria apenas em segundo logar e só muito apoz dos espontaneos impulsos de uma affeição desinteressada: «o rapaz vinha do Brazil... e o Brazil... sempre é o Brazil» foi a ideia que lhe voou pelo espirito.

— «Então, disse ella movida por essa ideia, vens... rico!»

Agostinho virou os bolsos do avesso por unica resposta.

Macquelina juntou as mãos e tambem não deu palavra.

E para que? Queriam ainda de parte a parte mimica mais expressiva!

— «Vim para não morrer de fome.»

Aqui benzeu-se a boa da tia.

— «Embarquei como moço de navio por não ter dinheiro para a passagem.»

N'este ponto persignou-se.

— «E agora venho pedir-lhe, continuou o sobrinho, que me receba em casa até... até... arranjar modo de vida.»

Macquelina quando, junto da pia baptismal do pequeno Agostinho, se declarara madrinha, á face da igreja, do filho querido de sua irmã, tinha já concebido uma alta ideia da missão que desde aquelle momento ia adoptar por sua e para com o recém-nascido que sustentava nos braços; nem foram para ella simples palavras de formalidade as que em tom de prédica ouvira ao parochó, sobre os seus deveres futuros. «Na falta dos paes, dissera elle, aos padrinhos compete a vigilancia e a educação das creanças, que sob a sua protecção entrarem no gremio da igreja catholica.» Ora os paes de Agostinho lá se tinham já partido para melhor morada e Macquelina, que eminentemente escrupulosa em negocios de consciencia, se julgava por ella obrigada a cumprir até as ultimas extremidades os seus deveres de christã, tinha de mais a mais um coração farto para affeições e sentimento.

Fechou pois os olhos aos sacrificios futuros e accceitou a companhia do afilhado.

— «Elle me ajudará tambem, dizia comsigo mesma a boa mulher, como se quizesse colorir com um pensamento egoista o impulso, que lhe viera directamente do coração!

Nós temos d'estas coisas.

Mas o certo é que, apesar da melhor vontade, em pouco podia Agostinho auxiliar a madrinha.

Auxiliar de que maneira?

Emprego não o poude elle obter. N'aquella cidade, como em muitas outras terras do reino, não se veem com bons olhos os infelizes que voltam do Brazil pobres. Lá parece uma prova de pouco espirito e de nenhuma aptidão a essa boa gente um similhante successo. O Brazil é, para ella, como o campo de batalha. Ou volta-se de lá victorioso ou morre-se combatendo. Fugir é de cobardes.

E ora ahi tem os leitores a razão porque dois mezes depois da chegada de Agostinho, era ainda Macquelina quem só provia ás despezas da casa, as quaes, como era de suppôr, tinham augmentado; desenvolvendo a pobre velha esforços sublimes para um duplo resultado: obter meios de subsistencia e occultar ao sobrinho os immensos sacrificios, a que para isso se sujeitava.

Mas Agostinho suspeitava-os e affligia-se.

Um dia fallou á madrinha nas vozes que corriam ainda sobre as riquezas do defuncto. Macquelina sorriu tristemente, respondendo:

— Pois procura-as.

Agostinho deitou-se á obra com alma, revolveu de novo o quintal a mais d'um metro de profundidade, des-

pregou as taboas do soalho, sondou as paredes, trepou aos mais altos escaninhos da casa... tudo foi inutil.

Disse adeus ainda a essa illusão. O que lhe valeu foi estar já costumado a despedir-se d'ellas. A primeira vez custa mais.

No entretanto os esforços e vigílias de Macquelina arruinaram-lhe a saude. Luctou braço a braço com a doença como luctara com a fome. Luctas heroicas que passam ignoradas, em quanto tantas outras muito menos merecedoras das honras da epopeia, são extremamente celebradas em oitava rima.

A final cahiu vencida no leito, e então é que o futuro se lhe mostrou carregado.

A pobre mulher não se illudia nem sobre a gravidade da sua molestia, nem sobre as consequencias da sua morte.

Que seria de Agostinho? Agostinho, a quem ella amava já, como se amam os entes fracos que vieram procurar a nossa protecção, com esse amor bem mais intenso mesmo do que o votado aos seres que nos protegem.

Porque o primeiro lisongeia o nosso orgulho, e o segundo, esse, revela a nossa inferioridade.

Coisas humanas.

O futuro de Agostinho era a ideia negra de Macquelina; como ella ficaria contente por morrer se não fôra isso! Mas agora custava-lhe; esta lembrança augmentava-lhe a doença. Que diria ella á irmã, quando no ceu lhe pedisse novas do filho? Que o deixara na miseria? E era isso de boa madrinha?

E estes pensamentos e apprehensões definhavam-n'a a olhos vistos.

Agostinho aterrou-se, e reconheceu então tudo quanto tinha havido de heroica abnegação no procedimento da tia.

O seu coração de homem teve um movimento pelo qual procurou libertar-se da especie de colapso em que infortunios continuados o haviam lançado. Agostinho curvara a cabeça sob a corrente de desgraças que sem interrupção haviam succedido na sua vida; agora tentava eleva-la n'um ultimo esforço.

É preciso tentar fortuna, dizia elle comsigo; amanhã de manhã sahirei a pedir trabalho, a tudo me quero sujeitar, a tudo.

E adormeceu com este pensamento, sonhando-se d'ahi a pouco n'uma mina d'ouro, onde ao fim de muita fadiga, só conseguia extrahir enormes pedras de carvão.

O leitor póde imaginar toda a agradável voluptuosidade de semelhante sonho.

Por a manhã ergueu-se disposto a realisar o projecto da vespera; mas foi encontrar a tia n'um estado tão assustador, que não teve animo para abandonal-a.

— Não tem de ser! disse comsigo Agostinho, a quem a desgraça quasi tornára fatalista.

Macquelina mostrava-se de facto em risco imminente.

O facultativo de partido veio vél-a; pois Macquelina havia emfim conseguido entrar no quadro dos pobres.

Tomou-lhe um pulso, depois o outro; deu-lhe tres pancadas do lado direito do thorax, igual numero do esquerdo; ponsou-lhe o ouvido sobre as descarnadas costellas, e, como se escutasse lá dentro os passos da morte, ergueu-se e fez um gesto de descontentamento visivel.

Receitou um chá de altheia e sahiu.

Agostinho esperava-o á porta.

— «Então?»

O medico puxou pelo relógio ao qual principiou a dar corda, dizendo com a indiferença professional:

— «Como áquella machina se não dá corda como a esta, pára dentro em poucas horas.»

Agostinho sentiu subirem-lhe as lagrimas aos olhos.

O medico voltou-se ainda de novo para dizer:

— «Eu escuso de cá voltar, agora o padre.»

Estas palavras, ditas em tom mais alto e da maneira mais natural possivel, como as sabem dizer alguns adeptos da sciencia hippocratica que se jactam de fortes, chegaram aos ouvidos de Macquelina que juntou as mãos e erguendo os olhos ao ceu, disse com voz debil:

— «Aqui está a serva do Senhor, cumpra-se em mim a sua santissima vontade.»

Quando Agostinho entrou no quarto, encontrou-a resignada.

N'essa mesma tarde confessou-se e sacramentou-se aquella pobre de Christo.

Na cidade dizia-se:

— Coitada! o irmão matou-a. Morre de fome e fadiga e com o dinheiro em casa.

Era forte scisma a do povo!

Mas ha d'essas teimas.

Ao pé da noite pediu Macquelina um chá para mitigar a séde. N'aquelle dia não se accendera ainda o lume em casa. Agostinho esquecera-se de comer e se se lembrasse não sei bem o que teria succedido.

Melhor foi que se não lembrasse.

Agostinho correu á cosinha, reuniu a custo alguns cavacos já meio queimados para accender o lume e voltou á sala.

Macquelina dava-lhe instrucções da cama.

— « Ainda achaste lenha? »

— « Achei, sim, madrinha. »

— « Bem; ora agora... Essa lamparina está accesa ainda? »

— « Está, madrinha, está, pois não vê? »

— « Não, filho, já a não vejo. »

Havia n'este *jd* uma significação que commoveu Agostinho.

Ella continuava:

— « Encontraste carqueja... »

— « Não, madrinha... mas... »

— « Valha-me Deus, disse ella lutando já com difficuldades para se fazer ouvir. Olha, sabes, ahi... na gaveta do toucador... está uma papellada de que... ás vezes me sirvo para economisar. Accende alguma na... lamparina e... Ai! » — terminou ella com um suspiro, que o longo esforço que tinha feito para fallar lhe tornara necessario; e depois em voz mais baixa accrescentou:

— « Louvado seja o Senhor, a que estado eu cheguei! »

Agostinho abriu a gaveta.

— « Ahi, continuou Macquelina com voz sumida e tremula. »

— « Achaste? bem... ora agora... »

Agostinho inflammou á chamma escassa da lamparina um dos papeis que tirara do velho toucador da tia.

— « Isso » disse esta satisfeita por se vêr comprehendida.

Ás sombras indistinctas que reinavam no aposento succedeu a claridade da lavareda, mas foi de pouca duração. Ainda não teria ardido metade de papel, já Agos-

tinho, soltando um grito inexprimivel, o atirava ao chão, abafava-o com os pés, precipitando ao mesmo tempo pela vivacidade do movimento a lamparina que se fez em pedaços.

A escuridade tornou-se completa.

— «Que foi, santo nome de Jesus! que foi Agostinho?» dizia assustada Macquelina erguendo-se a meio corpo.

— «Que papeis eram estes, minha madrinha?»

— «Eu sei lá, filho; mas que foi, valha-me o Senhor?»

— «Uma luz! uma luz!» bradou Agostinho fóra de si; e sahiu repentinamente da casa, atravessou a rua, enfiou pela primeira porta que encontrou aberta, galgou um lançaço de escadas, penetrou n'um quarto onde trabalhavam pacificamente algumas mulheres, apoderou-se da luz que viu no meio da meza, em volta da qual ellas se formavam em circulo e sem dar uma unica palavra, sahiu arrebatado, deixando em completa estupefacção as circumstantes que só passados minutos voltaram a si, para correrem atraz do mancebo que parecia possesso.

Agostinho entrou de novo no quarto da tia moribunda, aproximou-se do logar onde deixára os restos do papel meio consumido, apanhou-o, examinou-o com escrupulosa attenção, depois correu á gaveta do toucador, sujeitou a egual exame os outros papeis semelhantes que ahi estavam a monte:

— «Por amor de Deos, madrinha... mas... d'onde vieram estes papeis?» Exclamou elle, ao passo que um por um os passava em revista.

Macquelina apoiada no braço convulso e com os olhos espantados olhava para o sobrinho estupefacta.

— «Eram do mano, o senhor o tenha em gloria; guardava-os n'aquella arca, elle sempre me disse que de nada valiam e agora que eu me via precisada ia-os queimando, para...»

— «Mas, valha-nos a virgem! era uma riqueza inteira que queimava assim!»

— «Que dizes tu, filho?»

Os combustiveis da tia Macquelina eram nem mais nem menos que boas e excellentes notas de banco, ás quaes o velho Cypriano reduzira os seus haveres porque o amedrontava o tinir do dinheiro metallico, como chamariz de ladrões: em quanto que por outro lado nunca se podéra resignar a separar-se do seu querido capital, em cuja contemplação saboreava aquella doce voluptuosidade só dos avarentos conhecida.

Quando se procedeu a investigações em casa de Macquelina para descobrir o thesouro occulto, esqueceram-se, como quasi sempre acontece, de examinar os logares, por onde deviam ter principiado; em quanto profundavam a terra e escavavam as paredes, ninguem se lembrou de abrir a pequena gaveta, que nem chave tinha sequer, e onde Macquelina alojara toda a riqueza. Mas quem o podia suppôr?

O instincto do povo não o enganára d'esta vez.

Cypriano era de facto rico. Viveu uma vida de privações, praticou um negocio de alta usura debaixo das maiores cautelas e mysterio impenetravel; ahi está explicada a sua riqueza.

E' receita infallivel para chegar ao mesmo resultado; as pessoas, a quem não nausearem os ingredientes, adoptem-a porque não falha.

Desconfiando de todos, da propria irmã desconfiava

e dava-lhe por isso a entender que de nenhuma importancia eram os papeis que ella ás vezes por acaso chegara a descobrir.

Macquelina era ignorante e nem imaginava sequer que se podesse ter uma riqueza em papeis. Na sua intelligencia, como na das creanças, a ideia de riqueza andava associada á de muito dinheiro em ouro e prata: gavetas, commodas, caixa, burras cheias d'elle; e por isso ia queimando agora lentamente aquelle thesouro que o irmão accumulára; e isto com o fim de poupar carqueja!

Cleopatra brindando os amantes com soluções de perolas preciosas não conseguiu ser mais magnifica.

Era um passatempo de millionaria o de Macquelina.

Se Deus lhe prolongasse a vida até onde iria aquella monstruosa combustão? Que somma enorme seria ániquilada.

E ainda assim quanto não consumiria!

Nunca se pôde calcular.

Ha o quer que é de sublime n'este quadro. Uma mulher velha, cachetica, esfomeada, agonisante, tendo ao alcance do braço uma riqueza, como ella nem sequer concebera nos seus mais ambiciosos sonhos, e queimando-a!!

A noticia inesperada que recebia agora imprimiu áquella existencia o derradeiro abalo. A alma, já quasi desapegada do corpo, abandonou-o de todo e partiu.

Á meia noite morreu a santa creatura, contente porque deixara rico o sobrinho e afilhado, unico parente que possuia na terra.

Ainda assim quando se divulgou a noticia, o que, graças á communicabilidade das mulheres a quem Agos-

tinho usurpara a luz e que foram as primeiras a saber-a, se não fez esperar muito; houve quem se penteasse como herdeiro.

Faria rir se expozesse aqui os fundamentos das pretensões d'esta gente, e eu não quero fazer rir o leitor; a quem peço antes uma lagrima para a memoria de Macquelina.

Não seguiremos agora a historia de Agostinho que se modela por a de todos os homens ricos.

Apenas direi que por suas especulações commerciaes conseguiu multiplicar o capital tão inexperadamente herdado e hoje é millionario.

Vejam o instincto do povo!



## OS NOVELLOS DA TIA PHILOMELA

### I

A tia Philomela era uma pobre mulher, que eu conheci n'outro tempo, muito enrugada, muito magrinha, com a columna vertebral como a do *homem das cortezias do methodo Castilho*; queixo e nariz prolongando-se-lhe em promontorios agudos e a fazerem lembrar os crescentes sob os minaretes das mesquitas; olhos abertos para o mundo, sómente quanto bastava para lhe descobrir as vaidades, e a cabeça incessantemente animada por um movimento convulsivo, que junto ao sorriso continuo e quasi ironico que se lhe estampara nos labios, dava á physionomia de ordinario meditativa da velha, não sei que vislumbre de philosophia sceptica, que impressionava quantos a viam.

Os habitos da tia Philomela attingiam o sublime da parcimonia.

Uma sociedade ingleza de temperança não hesitaria em lhe conferir diploma de socia honoraria, se d'elles tivesse noticia.

A voz estava em flagrante antagonismo com o nome melodioso, que predilecções, provavelmente maternas, lhe tinham dado na pia baptismal.

De facto a tia Philomela, a culpa não era sua, faria córar de vergonha o rouxinol, seu harmonioso homonymo, se isto de córar não fosse exquisito attributo da especie humana.

Eu não posso comparar o timbre d'aquella voz a ruído algum conhecido na natureza; em mim produzia o mesmo desconsolado effeito que me causa aos nervos o roçar de metal agudo sobre uma mesa de marmore polido.

Ouvindo fallar algum tempo a tia Philomela, ficavame a doer o peito, e o pulso subia a um algarismo em que principiava a revelar aspirações a febre.

Se me obrigassem a viver com ella muito tempo, estou que morreria hecico.

Um dia fallei n'isto a um médico e elle explicou-me o phenomeno por uma palavra inexplicavel.

Chamou-lhe uma idiosyncrasia.

Eu dei-me por satisfeito. A coisa não era para menos.

Quando eu, com a minha idiosyncrasia, conheci a tia Philomela, gosava a mulher de uma reputação, que, a fallar a verdade, não se podia dizer das mais lisongeiras.

A gente da visinhança, as visinhanças na aldeia comprehendem-se n'um circuito de tres legoas de raio, teimava a pés juntos que ella mantinha sinistras relações com os espiritos ruins, que aos sabbados não faltava às *soirées* do diabo; e emfim que era a pobre velha nem mais nem menos do que uma ladina e famigerada feiticeira.

Punge-me ter de archivar aqui, forçado como sou pela veracidade de chronista, que a origem principal de semelhantes boatos, a fui encontrar na parte bella e amavel do sexo, do qual a tia Philomela era um especimen avariado.

A belleza e a juventude fazem d'isto. As que as possuem, orgulhosas de seus dotes seductores, invejam-se e odeiam-se mutua e cordialmente; ao mesmo tempo que despresam e calumniam as desfavorecidas n'esse ponto pela nem sempre muito imparcial natureza.

Consideração suavemente consoladora para as leitoras feias, que não incorrem pelo menos n'um d'estes peccados.

Foi effectivamente a uma conversa de raparigas que eu devi a revelação da intima correspondencia entre a tia Philomela e os espiritos das trevas.

Disse-m'o Luizita, tomando certo ar de mysteriosa seriedade, tal como a natureza do assumpto o reclamava.

Luizita era uma galante rapariga dos arredores.

O diminutivo com que a designo aqui, e que era o adoptado por todos, vale mais do que qualquer minuciosa descripção.

Nós, os peninsulares, não empregamos indifferente-mente as variedades de diminutivos, que possui em abundancia a nossa lingua.

Entre uma mulher a quem chamamos Luizita e outra que nos valeu a mais doce denominação de Luizinha, vae uma differença consideravel; differença de typo, differença de habitos, differença de character.

Uma será meiga, ingenua e sensivel, quasi sempre loira e alva, córando á menor palavra que lhe dirigirdes, baixando os olhos confusa, se a fitardes um momento;

prompta a chorar de saudade, e tendo não sei que de triste até nas mais intensas alegrias. Na outra, pelo contrario, encontrareis certa petulancia e travessura, que arrostarão com vossos olhares mais impertinentes, um rosto provocador, risos promptos e francamente joviaes, movimentos vivos, respostas faceis e naturalmente epigrammaticas; uma zombaria a cada galanteio; a cada fineza, uma reflexão que vos desconcerta e revelando sempre, até por entre lagrimas, um fundo inexgotavel de contagiosa alegria.

Tal era Luizita. Tal a conheci eu n'aquelle tempo. Tinha ella então dezoito annos; era baixa, trigueira, de olhos negros e engraçados; ninguem passava por ella na estrada que involuntariamente se não voltasse depois para a seguir com a vista. Adivinhava-o e lisongeava-se com isso. Subitamente voltava-se tambem para surpreender em flagrante os numerosos contempladores e poucas vezes podia reprimir uma risada, se conseguia preceber que os mortificára com a descoberta.

O rosto d'ella era o mais gracioso conjuncto de imperfeições, que póde perturbar a cabeça dos menos predispostos para influencias de tal ordem.

A natureza folga de quando em quando, de pregar d'estas pirraças aos profundos conhecedores da arte, que imaginam ter descoberto as verdadeiras leis do bello, em suas variadas manifestações. Apresenta-lhes uma d'essas figuras de mulher que não resistem á analyse, incorrectas e reprehensíveis segundo as regras da arte e, a despeito de todas as theorias e systemas, mau grado todos os principios fundamentaes de esthetica, ou de plastica inspira-lhes com ellas as mais endiabradas paixões que

podem transtornar o juizo d'estes absolutos legisladores da coisa menos legislavel do mundo.

Impressionados a seu pezar, como os severos apreciadores de musica, de mal comsigo mesmo quando, em contradicção com seus systemas á *priori*, se deixam enthusiasmar pelos inspirados *defeitos* de Verdi, os taes artistas philosophos são então d'uma inconsequencia que me delicia.

É para vêr como esses frios analyistas, sempre promptos a pretender encontrar em certas combinações de curvas, certo contraste de côres, certa proporção de diâmetros, a rasão de ser da belleza, e a causa unica das sensações que ella inspira, param confundidos diante d'uma d'essas seductoras irregularidades, que despedaçando os moldes acanhados onde julgavam conter o poder creador do bello, lhes revela a copia de recursos de que, em suas felizes infracções d'esses imaginarios codigos, a natureza dispõe ainda, a occultas da pretenciosa arte.

Diante de tão mysteriosas syntheses, que d'uma maneira desconhecida assim profundamente nos affectam, é que a analyse, destruindo tudo, á força de tudo querer decompôr, se mostra pequena e incompleta.

Mas estava eu fallando de Luizita que mal suspeita por certo ter servido de thema a considerações d'esta ordem.

Sympathica rapariga aquella! Mixto de ruindade e de candura, de timidez e de audacia, character caprichoso e ás vezes impertinente sobre um fundo de inexcedivel bondade, agradava-me por isso mesmo. A bondade excessiva, sempre coherente comsigo, as abnegações completas, aproximam-se demasiado da perfeição angelica; são muito isemptas de côr terrena, para nos inspirar ou-

tro sentimento que não seja o da veneração. Interessam-nos mais estes caracteres que parece tocarem por um lado no céu sem de todo se desprenderem da terra, por onde justamente se acham em mais íntima relação com-nosco.

Lado frágil e vulneravel que maiores sympathias nos desperta. A avesinha que todos nós mais amamos é a que, ferida na aza, não eleva vós a grande altura do solo.

Ao menos eu por mim declaro-me mais sujeito a ser impressionado por estes caracteres mixtos de mulher e de anjo, e ás vezes até com seus ressaibos de demonio.

Fazem-me lembrar, porque o não direi? as felizes combinações que a cada passo realisam os confeiteiros, associando como correctivo a adstringencia d'um acido á excessiva e ás vezes enjoativa doçura das massas de pastellaria.

Perdoem-me o comesinho da comparação e deixem-me continuar.

Dizia eu que fôra de Luizita que obtivera as primeiras informações sobre a vida escandalosa da tia Philomela.

E por signal que ia ficando de mal commigo ao divisar-me nos labios, ao passo que fallava, um sorriso de incredulidade.

— O snr. risse? «disse-me ella com um gesto de contrariedade e uma ruga de mau humor a sulcar-lhe a fronte, o que lhe dava á physionomia a mais adoravel expressão de colera feminina que se pôde imaginar — «é dos taes que não acredita em feiticeiras?»

— «Se acredito! Tanto que ando enfeitçado.»

— «Anda?» continuou ella, tomando já um aspecto

todo risinho por aquella extrema mobilidade de feições que possuia, a par de igual mobilidade de character; «vire o casaco do avêso; dizem que é remedio prompto.

— «Do avêso trago eu o coração, a julgar pela desordem que sinto cá dentro.»

— «Sim? Então quem lh'o voltou?»

— «Olhe que não foi a tia Philomela, isso lhe juro eu. Ha feiticeiras na terra, mas são d'outra casta.»

— «Vamos então a saber. Conte-nos isso. Quem são essas feiticeiras?» disse a minha gentil interlocutora a provocar um comprimento que pressentia.

Saboreei um prazer de deuses em lhe não dar esse gosto e respondi-lhe:

— As feiticeiras são estas arvores, estas flôres, estas campinas e montes, estas tardes e madrugadas que tão enfeitado me trazem que não ha tirar-me d'aqui.

Ella comprehendeu porém a tactica e respondeu-me com uma gargalhada provocadora.

## II

Esta scena passava-se na tarde d'um domingo e no largo onde se reunia para dançar, rir, cantar e fallar d'amores, a parte joven da população; e para rezar, dormir e fallar do passado e das vidas alheias, a outra porção mais favorecida de annos e menos de descuidosa alegria.

D'este logar, situado na encruzilhada dos quatro principaes caminhos que atravessavam a aldeia, estendia-se a vista, do lado occidental, n'uma serie extensa de varzeas e de campinas divididas em quarteirões, regulares como os taboleiros d'um jardim, por longas fileiras de choupos que as vides, enleitando-se-lhes nos ramos, guardavam com pendentes e viçosos festões.

A differente qualidade ou vigor de plantação e o diverso grau de cultura d'esses numerosos campos, em que se repartia a planicie, davam a cada um d'elles uma apparencia particular, quebrando agradavelmente a ordinaria monotonia dos terrenos pouco accidentados.

A natureza empregara na tela as mil cambiantes da

côr verde, propria ás paisagens campestres, e, por um segredo de colorido que a arte mal pôde ainda imitar, soubera introduzir, na pintura em mosaico d'essas vecejantes alcatifas, no meio d'uma uniformidade aparente a mais aprasivel variedade.

Aqui e além elevados castanheiros, frondosos carvalhos ou oliveiras verde-pallidas formavam pequenos bosques em volta d'uma ou d'outra habitação isolada, como para occultar o mysterio d'alguma existencia obscura. que se deslissasse alli e concentrar no seio da familia o grato calor dos lares domesticos que alimenta e vigora os mais affectuosos sentimentos do coração humano.

Cada uma d'estas habitações solitarias, assim envolvidas na sombra dos olivae, dos soutos ou das devezas, assim recatadas e discretas, como aquellas pessoas naturalmente pouco expansivas que se callam com suas alegrias e experimentam no gosal-as em silencio a mais casta voluptuosidade, me parecia encerrar um poema inteiro de intimas felicidades. A cada uma d'ellas associava a minha imaginação, obedecendo a não sei que irresistivel necessidade de phantasiar, uma vida de tranquilllos e ineffaveis prazeres, cuja só concepção me delectava.

E como para que ás commoções agradaveis que toda esta scena despertava, não faltasse certa melancolia, que se insinua em nossos mais delicados sentimentos lá estava, a suscitar-m'a, junto da igreja parochial o cemiterio da aldeia, sem a magnificencia dos mausoleus, mas com a poesia da tristeza; sem longas ruas assombradas por cedros e cyprestes, mas abundante em rosaes sempre floridos que, balouçados pelo vento, cubriam de petalas desfolhadas as campas mais humildes e obscuras,

onde nem sempre a amisade deposera sequer a devida homenagem d'uma flôr.

Mais longe, principiava o terreno, em suave declive, a elevar-se como nos degraus successivos d'um extenso amphitheatro e sempre tão rico de vegetação, tão revestido de arvores e de relva, que dava ao paiz n'aquelle ponto a pittoresca apparencia d'um vasto cabaz a trashedar de verdura e de flôres.

N'esta graciosa corrente de pequenas collinas, que circundavam a planicie, divisavam-se as povoações visinhas, como pequenos pontos brancos dispersos ou amontoados, por entre os arvoredos da encosta.

De cada uma d'ellas começava já então a erguer-se o fumo dos lares em columnas densas e tortuosas, que cedo se misturavam, diffundiam, rasgavam em mil pequenas nuvens irregulares, dissolvendo-se por fim n'uma atmosphaera de vapores, que pouco a pouco, como em transparente sendal, envolvia toda a paisagem.

Mais distante ainda, no extremo do horisonte, desenhavam-se em grandes sombras, vagamente contornadas sobre o claro do ceu, illuminado áquella hora, pelos ultimos raios do sol no occaso, cordilheiras de remotas serras que, tingidas por a uniforme côr azulada das paisagens longinquas, mais pareciam pesados cumulos de nuvens surgindo ameaçadoras do occidente.

Quasi sempre as coroavam altas neves, onde o sol, reflectindo-se, produzia surprehendentes effeitos de optica, simulando phantasticos palacios do porphyro e pedrarias. D'ahi se precipitavam as torrentes que pouco a pouco, descendo nos valles e enleando-os nas malhas d'uma rede complicada de arroios cristallinos, trocavam a primitiva impetuosidade, ao despenharem-se, como ca-

taractas, em fragosas ribanceiras, por um sereno deslizar entre silvados e relvas, que apenas denunciava um confuso murmurio.

Se, depois de ter assim contemplado este panorama risonho e aprasivel, voltassemos os olhos para o lado do oriente, reconheceriamos um d'esses contrastes a que é tão affeiçãoada a natureza nos paizes onde mais inexgotavel se mostra em seus recursos de artista; uma d'essas rapidas mutações de scena, que deleitam, vâriando de momento para momento as impressões que produzem.

De facto, a perspectiva era d'este lado mais limitada, ainda que absolutamente não menos bella.

Logo a pequena distancia principiava o terreno a assumir uma rapida inclinação, perdendo ao mesmo tempo a amenidade e vigor da vegetação dos valles para revestir a severa e melancolica belleza das paisagens alpestres.

Na base d'esta collina, tão diversa das que do lado opposto parecia sorrirem-lhe envolvidas em seus vistosos mantos de folhagem, vinham expirar as ultimas oliveiras, já pallidas e debeis, como se o vento das montanhas lhes consumira o vigor. Á côr viçosa da relva succedia pouco a pouco o verde sombrio das giestas e do tojo; suas tristes flôres amarellas aos variegados matizes com que se adornam os campos; ás sombras densas e impenetraveis das devezas, as sombras enganadoras dos pinhaes; o gemer malancolico das rôlas, o grito rouco dos gaios, aos alegres gorgeios que resoam nos valles, e o cheiro activo das resinas, aos brandos aromas das flôres do prado.

Ao topo d'este monte, em toda a extensão do qual

nenhum vestígio de cultura e animação interrompia, por espaços sequer, o aspecto selvagem e de completo isolamento que n'elle immediatamente nos impressionava, conduzia, descrevendo longas sinuosidades, um caminho íngreme e quasi intransitavel, comprimido entre elevadas paredes d'esse terreno argiloso de côr ensanguentada, d'onde rara brota uma planta, ou nasce sempre estiolada e debil, desfolhando-se ao menor sopro de aragem que por momentos a agite.

Imminente a esse caminho, no qual em pleno dia penetravam apenas os raios d'um pallido crepusculo, e a mais de meia encosta do monte, existia a casa da tia Philomela que não desdizia, na sua apparencia de miseria e tristeza, da paisagem que lhe servia como de fundo de quadro.

Fôra esta casa solitaria no meio d'um pinheiral sombrio, que, contrastando fortemente com a amenidade da perspectiva fronteira, onde tudo era vida e cultura, me attrahira a attenção e dera logar ao dialogo no qual a personalidade da pobre mulher começava a ser discutida, não demasiado lisongeiramente para ella.

A conversa travada entre mim e Luizita pouco a pouco se generalizou; e tão popular era o assumpto que todos tomaram parte n'ella, interrompendo as dansas, dando trégoas ás violas, e sacrificando-lhe até os trocadilhos amorosos, com que mutuamente se mimoseavam os namorados.

A minha incredulidade augmentou o ardor e vivacidade das insistencias; longe por isso de aproveitar a pobre Philomela, antes a ia prejudicando.

— « É vêr, é vêr, dizia uma morena apertando debaixo da barba o lenço escarlate, que com o movimento

da dança se lhe havia desatado, «logo que veio para aqui aquella bruxa, foi um morrer de creanças como nunca se viu.»

— «E os carneiros do ti'Zé da Nora, que em menos de quinze dias lhe morreram todos, mirrados como um torresmo?» accrescentava outra, levando aos dentes, alvos como o marfim, uma laranja que principiava a descascar.

— «E os pregos que lançou pela bocca fóra a tia do João dos Moinhos?»

— «Ora! nem que ella lançasse prégos! isso pôde lá ser!» disse, simulando sceptismo, um rubicundo mocetão de vinte annos, que alimentava para estas coisas no fundo d'alma a mais fervorosa crença.

— «Não? pois pergunta-o ao snr. doutor, que sahiu de casa d'ella a benzer-se e a dizer que não era aquillo doença de medicos.»

— «É verdade, é verdade. E foi lá o snr. abbade fazer-lhe os exorcismos.»

— «Qual? o novo?»

— «Não, o antigo, que Deus haja. O novo sim, olha, olha o outro!»

— «Esse bem se fia n'estas coisas.»

— «Assim Deus me perdôe, como elle me parece bruxo.»

— «Está doida, rapariga!»

— «Eu digo isto. Pois não vêem como falla de mano a mano com ella.

— «Se fosse bruxo, não faria as esmolas que faz», redarguiu Luizita, obedecendo aos seus bons instinctos.

— «Nanja eu que lh'as quizesse.»

— « Que dizes tu, mulher, que dizes? Ora o senhor te não castigue.»

— « Amen. Mas então para que conversa elle com a tia Philomela, sabendo de que casta ella é? Como lá diz o outro: Quem não quer ser lobo...»

— « Elle sabe lá se ella é bruxa!»

— « Pois não lh'o dizem todos, e não repara que nunca ouve missa, e nem sequer vai á egreja?»

Eu vi Luizita quasi disposta a tomar a defeza da tia Philomela. A contradicção irritava-a e instigava-a a reagir com toda a força de sua natural impaciencia.

Uma das circumstantes, porém, trouxe novo artigo de accusação contra a velha Philomela e conseguiu reunir de novo as opiniões que a questão do reitor havia dividido.

— « Sabem, vocês, a minha capa nova? fui-a encontrar toda ás tesouradas depois d'uma terça feira em que passei pela tia Philomela lá em baixo nas présas.»

— « Credo! e tornaste a trazel-a, rapariga?»

— « Deus me livre!»

— « E não cozeste o bruxedo?»

— « Ainda não. Como é que isso se faz?»

— « É preciso ferver toda a roupa n'uma panella que ainda não tenha servido, e barral-a muito bem com lodo e...»

— « Não », accrescentou uma outra, « antes lançam-se na agua sete pedras de sal, com a mão esquerda.»

— « Isso é depois...»

— « Não, senhora, é antes.»

— « Vem-me ensinar a mim, que o vi fazer á Joanna do Viuvo, quando lhe embruxaram o sobrinho.»

— « Sim, mas tambem a Joanna não diz as palavras

que dizia a Rosa do Emigdio, e sem ellas não se faz nada, ah!»

— «Se não diz essas, diz outras.»

— «E que palavras são?» perguntou a proprietaria da capa enfeitada.

— «As da Joanna são assim:

T'arrenego esp'rito immundo,  
Vai-te p'ra os fogos eternos,  
Lá no fundo, bem no fundo,  
Das profundas dos infernos.

Agua quente na panella  
Ferva esta roupa bem cedo,  
Fervida seja com ella  
A bruxa com seu bruxedo.

— «Como é o resto?... A bruxa com seu bruxedo... a bruxa com seu bruxedo», repetia a rapariga vasculhando em vão a memoria para achar o resto da cantilena imprecatoria da Joanna do Viuvo, «vêdes, não me lembra, mas é assim uma coisa.»

— «Mas ha-de ser dito com um ramo de alecrimbento na mão, fazendo-se tres cruces no ar a cada verso.»

— «Isso já se sabe.»

Outra aventurou do lado o seguinte alvitre:

— «Diz que tambem o que é muito bom contra as feiticeiras, diz que é a ortelã verde do monte.»

— «Ora, isso é para matar saudades. Quando o nosso Zé foi para o Brazil, minha mãe cozeu-lhe ortelã no forro

do collete porque o pobre rapaz, coitadinho, ia esmorecido de todo.»

— «Eu cá do que sempre uso é de figas de azeviche» opinou outra, exhibindo, como prova do seu dito, um dos objectos mencionados.

— «Sim, que não chuparam as bruxas o pequeno da Thomazia e mais tinha no pescoço uma figa que lhe déra a madrinha.»

— «O pequeno da Thomazia morreu d'uma frebre.»

— «Boa febre! Pois não se viu a olhos vistos! Podiam-se-lhe contar as marcas que lhe deixaram as feiticeiras. Tinha o corpinho todo sarapintado de nodoas roixas, que era mesmo uma pena vê-lo.»

— «Eu desde que uma tarde, era já ao luscofusco, vi rondar a tia Philomela, com pés de lã, em volta da casa de Thomazia, logo me deu uma pancada no coração.»

— «E eu que tantas vezes lhe disse: — Thomazia, tu tem cautela com o teu filho! — Não sei o que me dizia o que tinha de succeder.»

— «A rapariga tambem era desmazellada» observava outra, mantendo a conversa no tom de maledicencia em que já ia afinada. — «Deixava andar sósinha aquella creança, ainda a engatinhar, em termos de lhe acontecer alguma desgraça. Quantas vezes a fui eu tirar da ribanceira e quasi a rolar por ella abaixo.»

— «Não, eu sempre digo que ha mães tambem!»

— «Depois então é que é o gritar: Ai o rico filho da minh'alma! como ella gritava, que era até uma vergonha.»

— «Ora, uma vergonha sim! isso é bom de dizer, mas coitado de quem os tem!»

— «É como o outro que diz: aquillo sempre é sangue do nosso sangue.»

— «Mas então que olhem por elles; não é só quando morrem que...»

— «A gente, em quanto elles tem saúde, nem bem sabe o amor que lhes tem; depois é que tudo são afflicções.»

— «Isso lá é assim, é.»

— «Malditas bruxas» diziam algumas vozes, como se fôra um estribilho de canção.

— «N'essa mesma noite em que morreu o pequeno, foi que ellas appareceram ao Luiz do Canha.»

— «Ai, então appareceram-lhe as bruxas alguma noite?»

— «Pois não o sabias, mulher?»

— «Eu não!»

— «Admira! Tanto se fallou n'isso.»

— «Mas então comp foi? Eu não sei de nada.»

— «Foi uma noite em que o Luiz do Canha veio mais tarde da cidade, e não encontrou companhia. Era n'um sabbado. Ao passar nos Telheiros, pareceu-lhe ouvir o barulho de lavadeiras a bater a roupa nas presas. O rapazinho, admirado de que se lavasse áquellas horas, parou um pouco e poz-se a olhar para baixo.»

— «E que viu?» perguntaram em côro umas poucas de vozes com uma inflexão em que se revelava o mais vivo interesse.

— «Muitas sombras assim como fumo a correr d'um lado para outro, á roda, á roda, como folhas sêccas em dia de ventania. E logo umas risadas e umas vozes que chamavam por elle: «Luiz! Luiz! onde vais tão tarde? espera, espera, ouve um recado.» O pobre rapaz sentiu

que se lhe arripiavam os cabellos da cabeça e deitou a correr com toda a pressa que pôde.

«E aquellas risadas a perseguil-o. Elle a correr, e as vozes a chamal-o—depois appareceram-lhe umas sombras negras, altas como gigantes, que fugiam a esconder-se por entre as arvores, fazendo um barulho como o do vento nos pinheiraes, e umas luzinhas a apparecer e a desaparecer, a apparecer e a desaparecer. Quando passou nos moinhos, viu á beira do riacho assim como um corpo morto, embrulhado n'um panno branco e a gritar:—Ai quem me accode! ai quem me accode!—E assim o seguiram e perseguiram, até que o rapazinho chegando ao pé da igreja disse: «Valha-me Nossa Senhora do Amparo! valha-me Nossa Senhora do Amparo, minha madrinha!» Tudo então desapareceu.»

— «Credo!—disse uma das ouvintes benzendo-se, —se fosse isso commigo... eu sei lá?... já tinha morrido de susto.»

— «Pouco faltou ao Luiz, que andava, parecia enterado em vida.»

— «Bom dinheiro gastou o pae para lhe tirar o mau olhado.»

— «Foram todos a pé ao Senhor de Mathosinhos, com uma véla do tamanho do rapaz, e só então é que elle ficou bom.»

— «Santo nome de Jesus! nunca vi terra tão azada a bruxas como esta nossa!»

— «E o homem da Theresa dos palheiros? aquillo é feitiço ou não é feitiço?»

— «Que feitiço? que feitiço?» exclamou uma gorda rapariga que tinha motivos pessoaes para não sympathi-

sar com a tal Thereza dos palheiros, «que queriam vocês que elle fizesse com uma mulher d'aquellas!»

— «Então que tem a mulher, creatura? Tu tambem!...»

— «Isso; perguntem-no a mim, que ha-de ser preciso. Ora já viram!»

— «Mas diz lá o que tem?»

— «O pobre do homem a trabalhar como um moiro, e ella a gastar-lhe tudo em roupinhas e gibões.»

— «Isso é feitiço que nos espera a todos» disse o principal tocador de viola da aldeia, apertando uma cravelha do instrumento, e experimentando nas cordas, irritantemente melodiosas, o grau de afinação. Estas palavras, consideradas offensivas pela parte feminina do auditorio, suscitaram uma discussão em que foram postos em paralelo os defeitos e qualidades dos dois sexos, de ambos os lados com apaixonada parcialidade.

### III

O vento que soprava do lado do monte trouxe-nos n'este momento aos ouvidos bem distincta, apesar da distancia, a voz da tia Philomela, com aquelle timbre particular e penetrante, que já lhe conhecemos.

Chamava pelo seu gato preto, magro quadrupede, que a junta de inspecção do exercito, de que falla a Gaticanea, excluiria por incapaz do serviço militar.

Este gato era um gravissimo indicio da criminalidade da tia Philomela. Sempre que eu o via, regosijava-me interiormente por se terem apagado havia muito as fogueiras do Santo Officio. Se ellas ainda existissem, não sei eu se a tia Philomela com similhante fama e com similhante gato, haveria escapado ao processo de torrefacção com que n'aquelles felizes tempos se apurava a fé.

— «Então, visto isso perguntei a Luizita—aquelle gato é o diabo?»

— «Cruzes! exclamou ella, como correctivo ao feio nome que eu não hesitára em proferir, e depois accrescentou: —e não o diga a mangar, é vêr como esse ma-

farrico anda em guerra aberta com os outros gatos e dá cresta de quantos pilha.»

— « Ah! pelo que vejo, o diabo occupa-se agora em baixos misteres. Voltou-se contra os gatos! Que decadência! »

— « Está a brincar? »

— « Não, fallo sério. Ora diga, a menina acredita de véras que o diabo lhe dê para embirrar com os gatos? Quem a persuadiu de semelhante coisa? »

— « Não sei. Vejo que não crê no que lhe digo. Pois faz mal. »

— « Mas vamos cá, a tia Philomela, então... »

— « Para que? se não quer acreditar? »

— « Quem lhe disse que não quero? Eu só desejava que mostrasse a razão por que ella é bruxa. »

A rapariga fez um gesto de impaciencia.

— « Bem sei que me vae dizer que ella é feia e velha... Ora ahi está o que eu não posso admittir... »

Estas palavras grangearam-me um estrondosa gargalhada.

— « Então acha-a bonita e nova? E diz que não está enfeitado! Ah! ah! ah!... »

— « Valha-me Deos! Não é isso. O que eu não admitto é que as bruxas sejam feias. As que me enfeitam são outras. »

— « Ai, isso é cantiga? » E tomando um ar comicamente sizudo, continuou :

— « Ora, mas fique sabendo que a tia Philomela em certas noites, berra de maneira que se ouve no povoado. »

— « Historias! A final ha-de ser o pavão da Quinta das Cerdeiras. »

Luizita encolheu os hombros expressivamente e proseguiu sem mais resposta:

— « Accende-se ás vezes em casa d'ella, lá por altas horas, um lume vermelho...

— « Que faria se fosse azul! Ahi está a justificação da boa mulher, vê? O lume do inferno é azulado; não sabe que é de enxofre? »

Luizita olhou para mim, meia a rir-se meia despeitada.

— « Com'assim! Para que me hei-de estar a cansar. Sabe que mais? Espere pelo sabbado, ponha-se á espreita e verá bonitas coisas. »

— « Lembrou bem; hei-de observar uma noite a tia Philomela. »

— « Nem a mangar diga isso. »

— « Digo-o muito sério. »

— « Credo! Deos o livre! »

— « E depois hei-de contar-lhe o que me succedeu. »

— « Não, se tal fizesse, nada me contaria depois. »

— « E porque não? »

— « Porque estaria morto. »

— « Santo nome de Deus! que sorte tão negra! sempre tem coisas! »

— « E não se fia! »

— « Aposto até que a tia Philomela me ha-de dar de ceiar. »

— « Não diga isso que até é peccado. »

— « Que mandamento offendo eu? »

— « Vamos, agora fallo séria. Os senhores da cidade tem tolices e póde muito bem dar-lhe na cabeça essa extravagancia. Olhe que não é uma historia o que lhe digo; a tia Philomela sahe muita vez de noite e anda pe-

los montes feita n'uma luzinha e de mez a mez vem visital-a um homem de má catadura. Ha quem o tenha visto; entra e sahe logo».

— «E então quem é esse homem?»

— «O demo ou coisa que lhe pertence; vem dar-lhe parte da grande assembleia de bruxas.»

— «Ah! reúnem-se mensalmente? É para discussão dos estatutos?»

O bom humor da minha interlocutora havia-se esgotado; fez um movimento de não dissimulada impaciencia, encresparam-se-lhe os labios n'um sorriso de generosa commiseração, e depois de me fitar por alguns instantes, voltou-me as costas, deixando-me entregue á minha impia incredulidade.

Foi bem feito!

#### IV

Mas o caso é que haviam conseguido excitar-me o interesse pela tia Philomela, em quem até alli mal attentara sequer.

Eu tinha então vinte annos, e n'esta idade, não ha imaginação tão de gelo que não medite o seu romance. Todos nós pagamos esse tributo á violencia de nossos sentimentos, á facilidade de nossas impressões e tendencias que então sentimos para uma vida mais ideal, menos comprimida nos moldes estreitos da realidade.

Nem sempre esses romances se transportam aos livros, nem sempre se desenvolvem em capitulos, ou revestem uma fôrma litteraria qualquer; muitos são os que abortam, os que não recebem a encarnação da escripta; tanto peor para a litteratura, que fica assim privada talvez de seus mais perfeitos primores de arte.

Quer-me parecer que a litteratura realisada até hoje, seria apenas um fraco reflexo d'esta que, assim concebida um momento, se destroe em germen e não passa dos primeiros lineamentos embryonarios. Porque nem

sempre a improducção é prova de absoluta esterilidade. —O que ha de mais mysterioso, de mais admiravel e eternamente incomprehensivel para intelligencias humanas,—a concepção—é uma faculdade menos privativamente concedida, do que se julga talvez; mas condições secundarias podem e veem muitas vezes aniquilar-lhes os productos logo á nascença, como um defeito de organização sacrifica ao primeiro desenvolvimento o germen de um futuro ser. Muitos que ressentem as delicias e voluptuosidades da concepção, não podem vencer as fadigas penosas do trabalho que executa e que reveste esses filhos da phantasia creadora, da forma que os torna visiveis.

Em meu espirito laborava então esta necessidade de crear um mundo imaginario, onde vivesse mais á vontade do que no mundo real. Tal é quasi sempre a origem de tantos romances escriptos—e de mais ainda phantasiados apenas—que nos occupam as vigalias da juventude e ás vezes reflectem o colorido magico em nossos mais deliciosos sonhos.

Debaixo d'essa poderosa influencia é que eu via então as coisas, os homens e a natureza; eram essas ideias que me tinham acompanhado ao campo e me faziam perceber na sombra dos bosques, nas cambiantes das flôres, nos indefinidos murmurios das brizas embalsamadas e da folhagem viçosa, mysterios de luz, de harmonias e de perfumes não sentidos por outros; invisivel atmosphaera de poesia e de ideal em que tudo parecia involucrar-se a meus olhos, que me fazia conceber um drama, depois de ouvir a narração de um suicidio; imaginar uma elegia, um poema talvez, ao saber da morte de uma rapariga de quinze annos; que me mostrava um Chatterton em

cada escriptor pallido; — uma Diana Vernon, em cada amazona a cavallo; — um Antony, em cada engeitado; — uma Graziela, em cada filha de pescador; — uma Indiana, em cada creoula; em cada creada de servir, uma Genovaeva, e até um segundo Quasimodo, n'um pobre sineiro que conheci na Sé do Porto. Feliz tempo aquelle!

Via uma rapariga a chorar, um velho sentado, ao pôr do sol, debaixo d'uma arvore, um grupo de creanças, brincando á borda d'um regato, uma mãe amamentando o seu primeiro filhinho, um artista de *blouse* a lêr nas horas de descanso á porta da officina, uma costureira serandando á luz de candeieiro — eram outros tantos romances que imaginava; sempre romances, romances em tudo, romances por toda a parte. A difficuldade estava na escolha. Felizmente que nunca me metti a averiguar como philosopho porque chorava a rapariga, em que pensava o velho, o que diziam as creanças, o que ia no coração da mãe, que livro lia o artista e os habitos e vida intima da costureira; talvez que se me desse a esse trabalho, me reservasse a realidade bem desagradaveis desillusões; por isso o encarregava todo á phantasia.

Imagem pois o effeito que as palavras de Luizita e das companheiras deviam ter produzido no meu espirito, assim predisposto para concepções d'esta ordem.

Passeios nocturnos, gritos desentoados, visitas mysteriosas, luzes avermelhadas, um casebre solitario, uma velha decrepita, um gato negro... que preciosidades!

«Ó pobre tia Philomela, que tiveste a desventura de, mal o imaginando talvez, te revestires de apparencias romanticas, és minha presa! já te não livras das garras do romancista, ávido de assumptos, sequioso de situa-

- ções, guloso de typos! Tens a imprudencia de seres um typo e julgas que hasde ficar assim ignorada e esquecida nas quatro paredes d'essa miseravel habitação; cá estou eu para te ir procurar, como o naturalista, arrancando da concha bivalva o inoffensivo mollusco e sujeitando-o á sua classificação. Vou eu tambem classificar-te. Quero saber a especie e familia da Fauna romantica a que pertences. E se fosses uma especie nova!»

Isto pensava eu commigo mesmo, seguindo caminho de casa, ao passo que tomava vulto no meu espirito o projecto d'uma visita á protagonista dos contos fabulosos que havia muito corriam na aldeia de bôca em bôca, assumindo cada vez maiores e mais imponentes proporções.

Outro qualquer a quem esta mesma ideia tivesse preocupado, procuraria realisar-a da maneira mais simples, visitando de dia e sob o primeiro pretexto admissivel a mulher que dera azo a tantas discussões e boatos; mas a phantasia, sob cujo dominio eu me regulava então, exigia mais. Exigia que a visita se effectuasse de noite, atravez de incomodos e perigos, á luz das estrellas, quando piassem todas as aves tristes, e se passassem tenebrosos mysterios.

Meus habitos de commodidade reagiam, é verdade, contra estas instigações da phantasia; mas não tão valorosamente que não ficassem vencidos a final.

Eram pois onze horas da noite, quando, envolvido mysteriosamente n'uma ampla capa, como os conspiradores no theatro, dei principio a esta minha excursão romantico-artistica, esforçando-me por não ser observado, para não excitar curiosidades, sempre faceis na aldeia e sempre desagradaveis para quem é objecto d'ellas.

Ora, a noite prestou-se voluntariamente á collaboração do romance; pois se houve noite escura, ventosa, abundante de nuvens que pareciam montânhas, de clarões sinistros, que similhavam incendios, de ruidos estranhos, que lembravam um pandemonio, foi aquella.

Pouco conhecedor ainda do terreno, tive de mais a mais a romantica felicidade de me extraviar e, depois d'um quarto de hora de jornada, adquiri a consoladora certeza de que andava errando cada vez mais longe do logar a que me dirigia.

No entretanto, o vento redobrava de violencia; accumulou immensas nuvens sobre a minha cabeça e como se umas contra as outras as espremesse, á maneira d'esponjas imbebidas, vasou-as sobre mim com uma quasi destruidora impetuosidade.

Debaixo de uma chuva d'aquellas, metamorphoseiam-se os paizes; os mais amenos revestem um aspecto medonho, e tetrico; valles que, vistos á luz do sol, fariam imaginar idyllios e inspirariam poesias pastoris aos estros mais rebeldes, assumem n'esses instantes as côres sombrias e carregadas, que empregavam outr'ora os poetas épicos para pintar a entrada das regiões infernaes, onde como complemento de educação, iam uma vez na vida os heroes de suas epopeias, como hoje vão a Paris os filhos-familias de classes abastadas.

N'aquella noite, para mim de humidas recordações, tudo parecia mudado; revolviam-se torrentes impetuosas, onde momentos havia se deslisavam regatos: despenhavam-se cataractas, d'onde pouco antes cahia apenas, sacudida pelo vento, a folhagem sêcca; profundavam-se lagos, onde verdejavam lameiros; e as aguas subindo, galgavam as pontes campestres, tornando-as em restin-

gas, os oiteiros em ilhas, e os passeadores nocturnos, como eu, em naufragos ou em Robinsons Crusóes em completa incommunicabilidade com o resto dos viventes.

Imaginem pois minhas aventurosas manobras, para me guiar sem bussola atravez d'aquelles archipelagos insidiosos, no meio d'aquellas sombras ameaçadoras e claridades perfidas. Ainda hoje não sei porque milagre do instincto consegui encontrar-me, depois de muito molhado e enlameado, no fim da minha jornada e á porta da tia Philomela.

Obra da intelligencia é que por certo não foi; a cabeça tinha abdicado e concedido plenos poderes ás pernas, que se não mostraram indignas de confiança.

Estas abdições são ás vezes mais proficuas do que geralmente se julga.

Eu pelo menos lucrei n'aquella noite consideravelmente com ellas.

Achava-me emfim no antro da Sybilla; a Circe ia apresentar-se a meus olhos, rodeada dos indispensaveis utensilios da sua arte; em companhia dos animaes, colaboradores natos de magias e esconjuros, e envolvida em uma atmospheria de fumo exhalado das fornalhas, onde se destillam em retortas e alambiques filtros subtis que envenenam a alma, especie de venenos de que os toxicologistas nada poderam ainda saber, e que não figuram em nenhuns dos seus catalogos. A minha imaginação fazia-me esperar senão absolutamente isto, pelo menos alguma coisa de analogo. O typo de Norna, que Walter Scott immortalizou, embora apequenado por a influencia despoetisadora d'este seculo material, suppunha eu ir encontral-o dentro da miseravel casa, á qual, depois de muitos trabalhos e perigos, conseguira aportar.

A casa da tia Philomela—já que ella tinha a vaidosa pretensão de assim a denominar—era d'umas dimensões que permittiriam a qualquer homem de menos que mediana estatura e nenhuma disposição gymnasticas, trepar da rua ao telhado sem mais auxilio que o dos braços e das mãos. A porta obrigava a curvarem-se os visitantes meños corpulentos que lhe transpzessem o limiar e a prestarem assim, n'uma reverencia forçada, homenagem á hospitalidade, boa ou má, da inquilina. Ha portas que valem um tractado de educação.

Janellas não tinha. Era luxo d'architectura esse, que não merecera a approvação do constructor. Por o mesmo processo de simplificação supprimira elle a chaminé, confiando ás innumeraveis fendas do telhado e das paredes o cuidado de dar ao fumo a conveniente sahida. No seu entender, isto de chaminés era uma especie de excrecencia architectonica, que desviava a arte da pureza primitiva.

Outras muitas reformas introduzira na construcção do

edifício o artista, sempre em harmonia com as suas ideias simplificadoras, tendo só em vista o estrictamente necessario e cortando pela raiz no superfluo.

Era, no seculo XIX, um fiel reproductor da architectura das primitivas edades.

A chuva e o mau tempo haviam-me suggerido um excellente pretexto para reclamar a hospitalidade da tia Philomela.

N'uma noite assim, nem uma bruxa poderia recusar-se a recolher qualquer viandante, surprehendido, como eu, pelas iras atmosphericas.

Bati por isso á porta e conheci, vendo-a ceder, que não estava fechada.

Comtudo não recebi resposta.

A' segunda tentativa não obtive mais satisfactorios resultados.

Decidi-me a entreabril-a cautelosamente até que por uma estreita fresta pudesse observar o interior do aposento.

A primeira tentativa foi baldada, pela quasi completa obscuridade que havia dentro. Affazendo porém a vista ao tenue clarão, que ainda se espalhava do lar, pude em fim conseguir algum resultado.

A pequena área que comprehendia o recinto e a simplicidade da mobilia, facilitaram-me o exame e cedo adquiri a certeza de que estava deshabitado—a não ser que a inquilina, usando dos poderes sobrenaturaes que lhe attribuiam, se tivesse metamorphoseado em alguma coisa invisivel.

Como a chuva no entretanto redobrava, julguei conveniente aproveitar-me d'aquella porta aberta e entrar nos obscuros dominios da Sybilla.

A sala assumia a multipla funcção de quarto de dormir, casa de jantar, de trabalho, cosinha e estufa.

Ahi se encontravam as insignias d'este complicado mister.

Via-se ao fundo, sobre carunchosos bancos de pinho, a miseravel e esfarrapada enxerga, recoberta apenas de uma manta, cuja primitiva côr poderia ser objecto de longas discussões academicas; sobre o lar e rodeado de brasas amortecidas, um pucaro de barro negro, como o que se fabrica nos arredores do Porto, substituiu, com algum *desapontamento* da minha parte, todas as imaginadas retortas, cadinhos e alambiques: fronteira á cama uma avantajada caixa de pinho assumia as importantes attribuições de meza de jantar, segundo o fazia crer a borôa de milho negro meia partida, a toalha dobrada, a bilha de agua e o serviço de louça, pela maior parte invalido, que a guarneciam.

Duas cadeiras mancas, de aspecto tristonho e, como um veterano mutilado, ricas talvez só de recordações passadas, uma roca ainda rodeada de estopa grosseira, um sarilho desguarnecido e, junto á porta, velhos e ferrugentos utensilios de folha de Flandres, onde vegetavam cidreiras, arrúdas, salva, herva de Nossa Senhora e outros simplices de medicina caseira, completavam quasi todo o inventario.

Junto do borrarho dois pequenos pontos luminosos de fulgor phosphorico e sinistro me attrahiram a attenção.

Eram os olhos do gato negro que, fitando-me, parecia espiar-me os movimentos com suspeitosa curiosidade.

No meio d'esta humillissima e desprerenciosa mobilia, uma só coisa me impressionou.

Sobre o práteleiro — tosca taboa de pinho firmada

em dois longos prégos, introduzidos na parede e elevado por a tia Philomela á cathegoria de dispensa e aparador —divisava-se, ao lado de alguns objectos indispensaveis ao seu limitado trato culinario, uma fileira de pequenos embrulhos, de dimensões quasi uniformes e cujo papel assetinado contrastava tanto com o aspecto da miseria d'aquelle recinto como um diamante que se pregasse nos andrajos esfarrapados d'um mendigo.

Do exame d'esses volumes, uns já amarellados, outros conservando ainda toda a alvura e nitidez do papel de boa fabricação, colligia-se haverem sido alli dispostos em epochas successivas.

A minha curiosidade poz-se a fermentar á vista d'elles.

Valor, pelo menos estimativo, devia o conteúdo, qualquer que fosse, ter para a possuidora que tão cuidadosamente o resguardava com apparente sollicitude, da qual nenhum objecto mais se lhe mostrava merecedor; mas por outro lado, aquella desassombrada negligencia com que os deixava expostos ás vistas, desafiando a curiosidade, que é tantas vezes preludio ao desejo da possessão, esta casa abandonada de noite, esta porta nem sequer cerrada, contrariavam as minhas conjecturas; a não ser que a tia Philomela confiasse demasiado na sua pouca popularidade e na repulsão que inspirava, para temer visitas importunas, sobretudo áquellas horas da noite.

O que seria e d'onde viera aquillo? perguntava eu a mim proprio, sem de mim proprio receber resposta.

Evidentemente não fora da caixa da tia Philomela que tinham sahido as bellas folhas de papel *velin* que envolviam os mysteriosos conteúdos.

Tive tentações de me aproximar, para os suguitar a

um exame mais minucioso; porém—confessarei aqui uma puerilidade minha—os olhos do gato fizeram-me recuar. Não sei que a sangue frio se possa commetter uma acção reprehensivel, quando um gato vos olha assim. A final de contas, é uma testemunha. Que importa que não revele o segredo; mas sabe-o e sempre que vos vir, rosará lá comsigo—rosnar é o termo proprio—o quer que seja pouco lisongeiro ao vosso character.

Não deve ser um martyrio horrivel vermo-nos de tal forma comprehendidos por um gato e quasi na sua dependencia?

A mim pelo menos aquelles dois olhos immoveis e observadores incutiram-me respeito, não tive forças para arrostar com elles.

Mas onde estaria a estas horas a tia Philomela?

Luizita havia-me fallado d'uns celebres passeios nocturnos, em que ella se transformava em luminaria, e n'uma noite d'aquellas, a fallar a verdade, a coisa tinha pouco de natural e explicavel pelas razões ordinarias que determinam os nossos actos. Não se poderia dizer que a tia Philomela não tivesse dado motivos justificatorios da reputação que havia grangeado.

Em quanto eu fazia estas considerações e completava o meu exame sobre o interior da habitação, onde já principiava a penetrar em grossas gotas a chuva que, lhe desabára no telhado, chegou-me aos ouvidos um ruido particular que vinha de fóra.

Antes que eu tivesse tempo de meditar o plano de qualquer apresentação conveniente, a porta abriu-se... mas em vez da tia Philomela que eu esperava, entrou, juntamente com uma rajada de vento, que avivou a chamma no lar, um homem todo embuçado n'um comprido ga-

bão de saragoça, com longas botas de montar e chapéu de abas largas derrubado sobre a fronte. O aspecto, celeridade de movimentos e repentina aparição d'este homem tinham de facto alguma coisa extraordinaria que logo me fez reconhecer n'elle o personagem suspeito, cujas visitas tão gravemente desacreditavam no conceito publico a tia Philomela. Em todo elle se revelava certo ar de mysterio e um quasi receio de ser surprehendido que immediatamente me impressionou.

Como por instincto recuei e envolvendo-me nas sombras do mais escuro canto da sala, observei, sem ser observado.

O homem, sempre rapido e cauteloso, aproximou-se do prateleiro onde a longa fileira dos taes embrulhos se achava disposta e parou alguns instantes, como que a enumeral-os.

A ideia que n'este momento me passou pelo espirito, foi pouco lisongeira para o mysterioso personagem que d'um modo tão inesperado se havia introduzido na mesma casa, onde, tambem não pouco estranhamente, eu me encontrava áquellas horas.

Imaginei-o um ladrão e agourava mal do destino dos taes objectos assim deixados em absoluta indefensão pela possuidora.

Mas, no momento em que já estava meditando a maneira de intervir para me oppôr a esta repugnante infracção das leis de propriedade, o homem, depois de sacudir lentamente a cabeça e encolher os hombros — signal inequivoco de profundas reflexões mentaes — tirou do bolso um volume em tudo igual aos já existentes e, pousando-o ao lado d'elles sahiu da sala com a mesma presteza com que o tinha visto entrar.

Isto acabou de me surprehender. Eu já não estava muito longe de crer piamente nas revelações de Luizita e abjurar, na presença d'esta scena mysteriosa, a minha antiga incredulidade.

Os espiritos fortes soffrem em casos assim abalos formidaveis. Eu achava-me em taes disposições de animo que já imaginava encontrar o que quer que era sobrenatural nos sons que n'aquelle momento produziam: o vento pelas fendas innumeraveis de casa, a agua a ferver sobre o lar, o respirar ruidoso do gato, e o cahir cadenceado da chuva, filtrada atravez do telhado.

## VI

Momentos depois, novamente escutei o ruído de passos, mas d'esta vez vagarosos e tropeços e as minhas vistas, seguindo a direcção da porta, encontraram, destacando-se no fundo escuro do limiar, a figura pallida e macillenta da tia Philomela.

Trazia na mão direita um pequeno lampeão que era provavelmente ao que se reduzia a tão commentada luzinha do monte. Achava-me na presença da bruxa do pinhal!

A divindade descera em fim ao templo.

A posição que eu continuava occupando, envolvendo-me n'uma quasi completa escuridão, evitou que a tia Philomela me descobrisse logo ao entrar.

— «Isto é um diluvio! dizia ella comsigo, fechando a porta.—E agora a lenha assim molhada vae-me sufocar com o fumo.»

E aproximando-se do lar, deixou cahir do avental que trazia sobraçado, um montão de lenha miúda, que provavelmente andara toda a noite apanhando no pinhal.

O gato, vendo a sua senhora proxima de si, soltou um grunhido surdo, e, curvando desmesuradamente o dorso, principiou a espreguiçar-se com voluptuosa languidez.

— «Olá fusco! disse a tia Philomela, batendo-lhe amigavelmente na cabeça. Então estás com frio, meu velho? Deixa que te vou accender uma fogueira que nem para um magusto.»

E em quanto escolhia a mais secca lenha da regaçada que pudera obter nas suas explorações, a velha, com a tal voz de que eu já fallei, poz-se a cantar—cantar aquillo!—uma cantiga usada nos arredores e cuja letra extravagante e até burlesca, conhecida talvez de muitos dos meus leitores, dizia assim:

D'onde vens, ó velha?  
Venho do eirado,  
Que trazes na cesta?  
Bacalhau salgado.

Ai, oh! ai, que eu morro,  
Que eu estou p'ra morrer,  
Nos teus braços, linda,  
Bem pudera ser,  
Bem pudera ser,  
Ó meu bem.

E este *em* prolongava-se n'uma nota indefinida, nasal, monotona, rouca, desafinada e melancolica que nem eu posso descrever o effeito que me produzia.

A ária, a cantora, o logar, as meias trevas que alli reinavam, o adiantado da noite, e a tempestade lá fóra

n'um *crescendo* furioso, tudo concorria para me impressionar desagradavelmente.

E no entretanto estava dando tratos á imaginação para descobrir a maneira mais conveniente de fazer junto da tia Philomela a minha apresentação em fôrma.

A cantora continuava sempre na mesma toada e estribilho.

Depois levantou-se para avivar com os dedos a luz do lampeão, que suspendera n'um prego da parede. Quando de novo ia entregar-se ao trabalho interrompido, deu de repente com os olhos em mim e involuntariamente recuou por um movimento de surpresa.

Fui por isso constrangido a apresentar-me.

— «Tia Philomela, disse adiantando-me, a noite surprehendeu-me no pinheiral e com a noite a trovoadá; passei por aqui, vi a porta aberta, umas brazas no lar e não pude resistir-lhes. Peço desculpa...»

Em quanto eu fallava, a tia Philomela medira-me com os olhos de alto a baixo e immediatamente se lhe desvaneceu no rosto a primeira expressão de espanto, que se manifestara ao ver-me.

Foi já com a voz cheia de segurança e de completa impassibilidade que me respondeu:

— «Fez bem; era uma imprudencia metter-se assim ao caminho. Aquillo nas azenhas está um mar. E para quem não conhece os sitios, tanto peor. O que eu sinto é ter tão má casa para o receber.»

Em seguida, foi a um canto procurar a menos manca das duas unicas cadeiras que possuia, estendeu-lhe em cima uma velha, mas lavada toalha de linho, e offerecendo-m'a, accrescentou:

— «Faça o favor de se sentar e perdôe.»

— «Obrigado, tia Philomela, não se incomode por minha causa. Continue no seu trabalho. Estava a escolher a lenha, peço-lhe que continue.»

— «Então, se me dá licença... É que, vê o senhor? proseguiu ella, deitando-se de novo ao serviço,— esta lenha assim humida levanta um fumo que suffoca a gente. É preciso primeiro chegal-a ao ar do lume para a seccar. Não tem duvida, que por hoje pouco me é precisa já. Sabe o senhor? Cá a gente prepara depressa os seus cosinhados, não temos vagar para temperos. Uma fervedura faz um caldo, um cinzeiro coze um ovo, um tijolo quente assa uma sardinha ou uma febra de bacalhau. Eh! eh! eh! É que nós também não tínhamos tempo para mais. Não se vive para cosinhar, cosinha-se para viver. Não é assim? Lá os senhores foram creados n'outra educação, não admira. A desgraça está quando se nasce pobre e se tem gostos e vaidade de rico. É a perda da creatura.»

E fazendo esta reflexão a velha, que aliás não mostrava primar em laconismo, callou-se por algum tempo, parecendo absorvida por um pensamento doloroso.

— «Mas, tia Philomela, o seu systema de fazer provisão de lenha é que me não parece dos melhores, disse-lhe eu passado tempo.— Não lhe era preferivel para isso a luz do sol á d'esse lampeão que nada alumia?»

A tia Philomela meneou a cabeça ao ouvir-me.

— «O senhor diz bem. Mas não sabe que de dia estão todos esses caminhos por ahi cheios de rapaziada, que me não deixa em socego. Creanças, coitadas! Mas quando se tem sessenta e quatro annos, como eu, a paciencia vae fugindo e nem sempre se ouvem com a humildade, que Deus manda, as injurias, mesmo que ve-

nham da bocca das creanças. Melhor é fazer por não ouvir-as. De noite deixam-me ao menos em paz. Se todos tem medo de mim! Vê o senhor? Por coisa nenhuma do mundo, pessoa d'estes arredores quereria entrar, como o senhor entrou, na casa da tia Philomela, e então a que horas! Logo que vi aqui gente, conheci que era de fóra da terra.»

— «E d'onde provém esse medo?»

— «Ora! pois não sabe que me chamam a bruxa do pinhal? Eh! eh!»

Havia n'este riso um fundo de tristeza, que me compungiu.

— «Comtudo, tia Philomela, faz mal em deixar assim desamparada esta casa; da mesma maneira que eu entrei, outros o podem fazer...»

— «Que entrem; não serei eu que lhes feche a minha porta. Nunca a fechei em tempos mais felizes, quando me podia receiar dos maus; hoje, seria uma loucura.»

— «Mas olhe, tia Philomela: vou dizer-lhe uma coisa.»

— «Diga.»

— «Quando eu me aproximava, pareceu-me vêr sair d'aqui alguém que, pela figura, mostrava ser um homem corpulento e de aspecto suspeito» disse eu, não querendo revelar ainda de todo a scena que presenciara.

Ao ouvir estas palavras, a tia Philomela desviou os olhos na direcção do prateleiro e fixou-os por algum tempo na fileira dos pequenos embrulhos que me haviam já por vezes attrahido a attenção.

— «Ah! mais outro!» disse ella a meia voz, ao passo que se lhe desenhava nos labios um sorriso amargo e

quasi sarcástico, — «continuam! elles se cansarão.» E voltando-se para mim: — «Viu sahir ha muito esse homem?»

— «Haverá alguns minutos.»

— «Só eu o não hei de vêr um dia? queria dizer-lhe...» E de repente, como fugindo a corrente de pensamentos que a arrebatava, continuou em tom muito diverso:

— «Sempre está um tempo! Louvado seja Deus! Parece que arrebentou alguma nuvem. O Senhor hade vir muito molhado.» E, acto continuo, apalpando-me a roupa, accrescentou com uma exclamação de surpresa pouco melodiosa: «Santo nome de Jesus! vem n'um lago! Chegue-se aqui mais para junto do lume.»

— «Deixe, tia Philomela, deixe; isto não me faz mal nenhum.»

— «Que diz?! Ha lá coisa como a roupa molhada no corpo? É um rheumatismo certo. A agua é inimiga dos ossos,» accrescentou ella em tom aphoristico. Eu observei-lhe:

— «Pois olhe, tia Philomela, hoje usam os medicos lá por a cidade, mandar tomar aos doentes banhos de chuva, até para molestias dos ossos, se me não engano.»

A tia Philomela encolheu os hombros.

— «Isso... os medicos de hoje! Olhe, senhor, continuou ella, avivando por meu respeito a lavareda no lar, — «eu bem sei que sou uma ignorante; mas toda a minha vida vi tratar as bexigas com agazalho e chás para fazer suar; porque vê o senhor?, com o suor sahem cá para fóra todos os maos humores e o veneno que anda na massa do sangue. Pois, senhores, não mandou o medico da minha terra, o Senhor lhe perdoe, abrir as

janellas e arejar o quarto d'um pobresinho que estava com bexigas! Em termos d'ellas se assanharem, que foi a final o que aconteceu. Por isso dizem... Eu cá, olhe, vê aquellas panellas? Ahi está a minha medicina. A gente hade morrer quando tiver os seus dias contados e os medicos não servem senão para fazer uma pessoa gastar dinheiro.»

Este scepticismo medico da tia Philomela era talvez o unico ponto, pelo qual ella se podia dizer uma pessoa da sua época. Ainda assim, com uma differença importante, é que n'ella esta descrença sobreviveria ao menos, creio eu, aos preludios da mais insignificante indisposição:

— «Mas, tia Philomela,» disse-lhe eu aproximando-me do fogo, «Deus manda-nos olhar pela nossa saude e então...»

— «E' fazer por não estar doente, é fazer por não estar doente, porque depois o remedio é entregarmo-nos nas mãos do Senhor. Sahe para acolá, fusco»—acrescentou ella desviando o gato, que se lhe viera roçar voluptuosamente pelo vestido; e d'ahi a pouco:

— «Quer o senhor um chá de cidreira?»

— «Agradecido, tia Philomela.»

— «Olhe que ainda tem de ir para longe.»

— «Pois sabe onde eu moro?»

— «O senhor é o hospede que chegou ha dias á quinta do snr. beneficiado; não é?»

— «Exactamente.»

— «Logo me pareceu. Não sei como se metteu ao caminho com uma noite d'estas.»

— «Fui á caça e...»

A velha poz-se a olhar em rôda significativamente e

fez-me comprehender, que havia dito uma tolice. Andar á caça com uma simples vara de castanho, um longo capote e áquellas horas, era de facto uma exquisitece inexplicavel. Emendei o melhor que pude o desacerto, acrescentando:

— «Enviei a arma para casa por o creado e, persuadindo-me que conhecia melhor os caminhos, perdi-me.»

— «A caça é um mau divertimento» disse a tia Philomela dispondo o brazeiro para a operação culinaria. «Já tem succedido muitas desgraças por causa d'ella. Um tio meu, que Deus tenha em gloria, aliás muito bom christão e temente a Deus, ia fazendo uma morte por via da caça. Muitas vezes lh'o ouvi eu contar, quando era pequena. Andava caçando elle e um primo, que depois foi para o Brazil, e lá casou—e por signal que não encontrou a felicidade que esperava; era já quasi noite, e tinham-se separado um do outro, quando meu tio, ao atravessar uns campos, julgou ouvir o rumorejar de folhas n'uns silvados visinhos e suspeitando ser caça escondida, preparou a espingarda e aproximou-se; mais perto, pareceu-lhe vêr por entre as folhas bulir uma coisa escura, e ainda que pelo adiantado da hora não podesse bem affirmar-se, não teve duvida que seria alguma ave e fazendo a pontaria, preparava-se já para disparar: quando viu sahir de traz do silvado, onde se escondera para lhe metter um susto, o primo que lhe gritou: «Ai João que me matas?» Meu tio deixou cahir logo a arma e ficou como morto. Pois desde então, nunca mais o viram caçar. E muitas vezes dizia, inda me lembro bem, que nem com armas vazias era prudente brincar; porque o demo é capaz até de carregar uma tranca.» Passado

algum tempo de meditativo silencio, a velha accrescentou:

— «E depois que mal nos fazem os passarinhos do Senhor?» E dizendo isto, estendia na pedra quente do lar duas sardinhas que deviam constituir a parte principal da refeição da noite.

— «A tia Philomela tem razão; mas tambem que mal nos faziam as pobres sardinhas que se vão agora tostar n'esse brazido e que já exhalam d'ahi um cheiro, que me faz crescer agua na bôca.»

— «Apetecem-lhe?»

— «Convidam.»

— «Estão ás suas ordens.»

— «Agradeço, mas a tia Philomela tem-as para a ceia e eu não quero...»

— «Graças a Deus que ainda alli estão mais.» E sem esperar nova observação da minha parte, estendeu ao lado das duas já meio assadas, outras curvas e azuladas, que pareciam, segundo a phrase das vareiras, ainda a *saltar vivas*.

E dentro d'alguns minutos achava-me eu ao lado da tia Philomela, participando da sua mais que sobria refeição.

Não ha nada para augmentar a intimidade entre duas pessoas como um repasto em commum.

O estomago é um grande conciliador; tem um poder persuasivo tal que poucos corações lhe resistem, quando elle prêga a concordia—o que sempre faz estando satisfeito. Cedendo pois a familiaridade que pouco a pouco entre nós se estabelecera, perguntei á tia Philomela por menores do seu modo de viver actual.

— «A minha vida conta-se como um Padre Nosso re-

zado. Fio, apanho lenha e farrapos e com isso vou vivendo. Não é preciso muito para uma mulher de minha idade se sustentar, e por isso...»

— «E está ha muito n'esta terra?»

— «Ha cinco annos.»

— «Até ahi onde residia?»

Em vez de me responder, poz-se a olhar para mim d'aquella maneira particular ás pessoas abstractas, que nos dá a conhecer sem illusão possivel, a nenhuma attenção que prestaram á pergunta.

— «Veio de longe para aqui?» insisti eu.

— «De muito longe.»

— «Admira como n'essa idade ainda se resolveu a mudar de terra. De ordinario ha raizes a prenderem-nos aos logares onde nascemos e onde passamos os nossos primeiros annos e é sempre doloroso cortar pelas raizes.»

— «É, é, mas...»

Ha reticencias que são mais definitivas do que um ponto final. Tudo está em lhes dar certa modulação, como aquella que eu ouvi n'este momento á tia Philomela.

Percebi que por esse lado se me fechára a porta a indagações ulteriores e tomei outra direcção.

— «Então é esta toda a sua morada?»

— «Como vê. Aqui durmo, aqui janto, aqui trabalho e aqui heide morrer.»

— «Quem sabe?»

— «Sim, quem sabe: diz bem o senhor. Mal pensaria eu ha seis annos que tão longes terras me haviam de guardar os ossos.»

A melancolia da observação conseguira até disfarçar aos meus ouvidos o timbre desagradavel d'aquella voz.

Puz-me a olhar para esta mulher por algum tempo em silencio. Suspeitava que ella devia ter soffrido no passado, mas havia n'aquelles labios uma especie de energica constricção, que me tirava a esperanza de poder extrahir de lá o menor segredo, se segredo houvesse.

Levantei-me e principiei a passear no quarto. Ella conservou-se sentada, de braços cruzados, balanceando o corpo com vagaroso movimento e como sem consciencia da minha presença alli. Parei, com intenção, diante do prateleiro que tanto me excitava ainda a curiosidade.

Esta tactica de minha parte não me valeu porém mais satisfactorios successos.

— «Tia Philomela!» exclamei emfim *ex abrupto*, impacientado já com tanta indifferença.

— «Senhor?»

— «Este papel vem de longe?»

— «Que papel?»

— «O d'estes pequenos volumes.»

— «Ah!»

Pareceu-me alguma coisa embaraçada com a pergunta e respondeu, suspirando:

— «Nem eu sei...»

— «São por certo objectos da cidade; encommendas, não?»

— «Talvez...»

Olhei para ella fingindo uma surpresa que estas hesitações e respostas ambiguas me tivessem causado; ella accrescentou:

— «Da cidade vem, mas... não *encommendados*.»

Na maneira porque pronunciou aquelle=*encommen-*

*dados*—adivinhava-se um pensamento occulto, que não pude porém determinar.

— «Ahi tens, fusco», disse ella em seguida, dando ao gato os restos da nossa modesta refeição. «Vá, hoje podes regalar-te.»

Depois chegando á porta, continuou:

— «Felizmente que já lá vai o mau tempo. O vento virou ao norte.»

Maneira muito delicada de dar a entender que iam sendo horas de terminar a minha visita.

Acceitei a advertencia.

— «Tia Philomela, disse-lhe eu, é tempo de me retirar; mas não posso consentir que a minha visita lhe fique sendo pesada. As suas posses não são grandes, consinta-me por isso que eu remunerere...»

A tia Philomela fez um gesto com a cabeça, respondendo:

— «Eu sou d'uma familia pobre, mas na qual se ensinava ás creanças a não vender a hospitalidade.» E depois sorrindo accrescentou; «São costumes de soberba que trouxe para a desgraça. Muito boas noites, meu senhor, e Deus o guie.»

— «Mas, tia Philomela...»

— «Adeus, adeus. E olhe se vae cahir, tenha cautela.»

Não havia que lutar de minha parte, respondi-lhe ás boas noites e puz-me a caminho de casa.

## VII

— «Bonito!» — dizia eu commigo mesmo em quanto ia vencendo o melhor que podia as successivas difficuldades que parecia de momento para momento surgirem-me debaixo dos pés — «Passo uma hora na presença d'esta mulher enigmatica, suspeito-lhe um segredo, vejo que ha na existencia d'ella um mysterio e retiro-me sem ter penetrado este character, sem haver decifrado este enigma. Quando hei-de eu ser observador!»

A balda dos rapazes n'aquelle tempo eram estas aspirações a profundos conhecedores do coração humano. Deus perdoe a Balzac que foi o author involuntario d'essa mania que a final de contas não passava de impertinente. Todo o adolescente imberbe se considerava talhado a molde para analysta do coração, e collocava-se diante de qualquer pessoa com o sobreceño contrahido, o olhar fixo e o ar gravemente sizudo, que caracteriza o observador *pur sang*.

D'essa época data o uso immoderado das lunetas,

não reclamadas por defeitos visuaes, mas como emblema de espirito analytic e investigador.

Um supposto estudo de caracteres era o que mais tempo absorvia aos rapazes nas universidades e nas academias. Pospunham-se com grande desespero dos professores, os Laplaces, os Savignys, os Says, os Richerands e os Hufelands, ao Balzac, George Sand e a todos os romancistas da escola philosophica.

Eu andava um pouco imbuido do mal da época; para que hei-de negal-o? Não obstante nunca ter sido dos mais crentes n'esses taes olhares, com privilegio d'estyletes, que vos vão direito ao coração, para desalojar debaixo da mais imperceptivel préga onde se aninhara, o vosso sentimento predominante, a mola occulta do vosso character; adoptara comtudo tambem as minhas theorias a tal respeito, tão boas como outras que ouvia expender nas mezas de marmore e no seio da atmospher a asphixiante dos nossos botequins. Por vezes até cheguei a querer realisal-as na pratica.

Ahi porém é que me esperavam grandes desillusões, que foram pouco a pouco abalando o apparatuso edificio de minha sciencia do coração humano.

De cada vez que ensaiava o poder perscrutador do meu olhar nas menos dissimuladas creaturas do Senhor, chegava a resultados realmente pouco de animar, verdadeiros disparates que devera registrar aqui para instrucção e experiencia dos leitores. Porque sabido é que os disparates tambem encerram instrucção.

Uma das minhas derrotas mais completas acabava de experimental-a na presença da tia Philomela; e o mau humor, que resultara d'ahi, seguira-me até casa, onde cheguei depois da meia noite.

Deitei-me descontente commigo e incapaz de tudo que não fosse adormecer. Quando porém me dispunha a realisar esta unica aptidão racional que sentia n'aquelle momento, uma visita m'o impediu.

Junto do meu quarto dormia o filho morgado da hospitaleira familia que me acolhera em casa; este rapaz, meu antigo condiscipulo e em quem a tal bossa da analyse do coração humano possuia tambem um desenvolvimento extraordinario, era de mais a mais sujeito a insomnias; e por isso, percebendo-me no quarto, vestiu á pressa o *robe-de-chambre* e veio visitar-me.

— «Então ainda agora?!» disse ao entrar e com maneira de admirado. «Que diabo fizeste tu até estas horas n'uma terra selvagem como é o meu patrio ninho? Aposto que os olhos d'alguma patricia...»

— «Adivinhaste. A causa da minha demora fui uma patricia tua,—de adopção pelo menos.»

— «Ainda a Luizita?»

— «Não; e desde já te previno que te não dês ao trabalho de querer adivinhar, porque nada consegues.»

— «Porque nada consigo! Mas se eu me sinto habilitado para te fazer inventario completo de todas as mulheres em circumstancias de se apanhar por causa d'ellas um rheumatismo para o resto da vida?»

— «Ainda assim.»

— «E' singular!»

— «Olha, não quero abusar da minha posição. A mulher por quem me sugitei aos rigores d'esta endiabrada noite, foi a tia Philomela?»

— «Quem é a tia Philomela?»

— «A bruxa do pinhal.»

— «Estás a caçoar?»

— « Venho de casa d'ella, onde ceei. »

— « E que diabo foste lá fazer? »

— « Estudal-a. »

— « Ah! e então? » disse o meu amigo com um tom de voz que mostrava achar de sobra justificada a minha excentricidade por um motivo d'aquelles.

— « O resultado da empreza fez-me lembrar de quando d'antes, nos nossos tempos de estudante, me sentava á banca com firmes tenções de me pôr ao facto da lição do dia seguinte, e a final, sem bem saber como, ia-me deitar, deixando a pobre intacta, como a procurara. »

— « Pois olha, eu já estudei essa mulher e tenho o meu juizo formado a respeito d'ella. »

— « Ora pois vamos lá a ver isso. Mal sabes como eu estimo sabel-o. Principia. »

O meu amigo accendeu um charuto, recostou-se na cadeira, elevou os pés á altura do fogão e expoz-me assim o resultado do seu estudo:

— « O coração do homem... »

— « Perdão, » disse eu interrompendo-o, « poupa-me a dissertação sobre o coração do homem em geral e limita-te ao da tia Philomela em particular, que já é bastante. »

— « Seja. A tia Philomela, continuou elle, ficou definida para mim depois de alguns momentos de observação. Regra geral; quando ás apparencias da miseria vires associadas as precauções da ríqueza, a desconfiança que acompanha a possessão, a reserva do egoismo, acredita que uma unica solução póde ter o problema do character do individuo em quem se observa esta, deixa-me assim chamar-lhe, antinomia de manifestações. »

— «Chama-lhe o que quizeres e continua», disse eu bocejando.

— «O sentimento que n'elle predomina,» continuou o meu amigo «deve ser de natureza a bastar a si mesmo para a sua satisfação total, a tirar de si os meios de a realisar. Não aspira a irradiar-se; pelo contrario, teude á concentração; não é o pharol que transmite em roda de si a luz a distancias longinquas, é o reverbero que reflecte os raios do fóco para o fóco d'onde partiram. O orgulho deleita-se em observar com o olhar de aguia tudo quanto lhe fica inferior; a gloria folga de vêr o reflexo do seu esplendor nos semblantes extasiados; o amor é um som que reclama um ecco... mas ha um sentimento que dispensa o concurso, que busca a solidão, que intencionalmente semeia em volta de si as aversões — é a avareza...»

Eu n'esta passagem adormeci e não sei por isso até que ponto o meu amigo levou á evidencia aquella supposta qualidade da tia Philomela.

Sinto-o por não poder registrar aqui uma bem elaborada dissertação metaphysica, que só poderia peccar em exactidão e mais nada.

## VIII

Não foi porém impunemente que arrotei na vespera com a intemperie d'uma noite ultra-romantica.

Na manhã do dia seguinte accordei rouco, a ponto de julgar prudente não sahir de casa.

Ao meio-dia encontrei-me com Luizita, por aquelle tempo empregada em não sei que serviço campestre na quinta onde eu residia.

— «Bons dias, Luizita,» disse-lhe eu «vé o resultado da feitiçaria? Estou rouco. O bruxedo atacou-me a garganta.»

— «Que quer dizer?»

— «Que visitei hontem á noite a tia Philomela...»

— «Ora!»

— «Palavra d'honra, e até me deu de ceiar com a melhor vontade d'este mundo.»

— «É impossivel que se atrevesse...»

— «Posso jurar-lhe.»

— «E que viu lá? perguntou a rapariga, fitando-me aterrada.

— « Ora que vi? A casa d'uma pobre mulher que vive a mais santa vida d'este mundo, ella e o seu gato, animal de habitos caseiros, muito amigo do borralho e que para diabo me parecia bem morigerado.»

— « Então não viu o cabo da vassoura?»

— « A fallar a verdade, tanto não reparei; mas tambem, se isso é prova de feitiçaria, aposto que nem a Luizita se salva?»

Ella riu-se.

— « Olhe: quer então que lhe diga o unico objecto menos natural, que descubri em casa da tia Philomela.»

— « Foram as cartas?»

— « Não. Ella não costuma dar partidas.»

— « Foram...»

— « Foram uns embrulhos de papel fino e do mais fino, postos em carreira sobre um pobre prateleiro de pinho. Eram, póde dizer-se, a unica riqueza da casa.»

— « Ah! pois não sabe o que isso é?!

— « Eu não.»

— « São os novellos!»

— « Os novellos?!»

A expressão da phisionomia com que Luizita acompanhou aquella palavra foi tal que, não obstante eu não lhe comprehender bem a verdadeira significação, não pude deixar de pela minha parte manifestar quasi igual estupefacção..»

— « Mas que novellos?»

— « Que novellos? Os d'ella. Pois não sabe que as bruxas tem todas uns novellos?»

— « Ah! não sabia. E para que querem ellas isso?»

— « É que todo o seu poder está alli e quando morrem...»

— « Ah! então as bruxas também morrem? »

— « Morrem, sim, que duvida. »

— « E então que fazem ellas quando morrem? »

— « Deixam os novellos ás pessoas que mais estimam. »

— « E é boa ou má a herança? »

— « Deos nos livre d'ella. »

— « E porque? morre-se também? »

— « Nada, não senhor. »

— « Então? »

— « Fica-se sendo feiticeiro e... »

— « E acha isso mau? »

— « Está a brincar? »

— « Eu por minha parte não se me dava e Deus queira que a tia Philomela se lembre de mim no testamento. »

— « Que diz, que diz; não repara que está dizendo um peccado? »

— « É ver como a tia Philomela lhes quer, aos taes novellos, que tão resguardados os traz. »

— « Se n'elles está todo o seu condão. »

— « Mas por outro lado, sahe de noite e deixa-os assim tanto á vista que tentam os mais escrupulosos. Eu confesso, que se não fosse o gato... »

— « Quem se atreveria a tocar-lhes? Não que só a vista d'elles faz tremer. »

— « Eu não tremi. »

— « Ora! se os senhores são hereges! »

Esta reflexão tapou-me a boca.

Luizita deixou-me para ir contar ás amigas que a tia Philomela tinha uns novellos, que eu os vira e que só de os vêr ficára sem falla, a ponto de ainda me achar rou-

co; e á semelhança das visinhas de que falla o Lafontaine, as ouvintes divulgaram a historia de maneira que, pouco tempo depois, me voltou aos ouvidos debaixo da seguinte versão e tão transfigurada que me custou a reconhecer-a:

A tia Philomela tinha uns novellos, — isso era ponto incontestado. Uma noite, passeando eu pelos campos, fôra attrahido para casa d'ella por um cantar de sereias e por uma corça da alvura da neve; a corça andava, andava, e eu cego com tanta belleza, ia-a seguindo por montes e valles, por abysmos e ribanceiras, como se tudo fôra planicie; até que á entrada da casa o canto das sereias transformou-se de repente n'uma surriada infernal, e n'um phrenetico bater de palmas, que atordoava; a corça metamorphoseou-se ao mesmo tempo n'um gato preto que me saltou ao gasnate e logo um bando de feitiçeras principiou a dansar em volta de mim uma walsa diabolica. Eu cahi logo a dormir, já se sabe, e ellas então a envolverem-me com o fio dos taes novellos e com uma pressa que mettia medo. Era porque antes da meia noite devia a tarefa ficar prompta e eu todo envolvido no fio, e a servir de nucleo áquella especie de monelho. Então seria a morte certa, e ellas poderiam á vontade sucar-me o sangue, do qual, pelos modos, tinham grande appetencia.

Mas, por felicidade minha, no momento em que davam uma volta ao fio — alguém dizia até, ser a penultima — soou a meia noite e o encanto terminou. O fio partiu com um estampido que parecia d'uma bomba, houve o fumo e cheiro de enxofre do estylo, o gato preto fugiu por a trapeira, as feitiçeras desapareceram feitas em morcegos, a tia Philomela cahiu redonda no chão e eu

achei-me n'um pantano, mettido em agua até ao pescoço e sem falla!

Um pobre homem que passava tirou-me do atoleiro, mas quasi em perigo de vida. O que ninguem dizia era quem tinha sido esse pobre homem que passava; rasão pela qual não pude manifestar-lhe o meu eterno reconhecimento, como fôra do meu dever. Alguns accrescentavam ainda, á laia de moralidade, que o motivo d'estas minhas desventuras fôra a incredulidade que professara na vespera a respeito de bruxas e feitiços. Á pessoa de cuja bocca recebi esta edição, correcta e augmentada, da minha aventura nocturna, tentei debalde fazer comprehender toda a escandalosa falsidade d'ella. Quando negava, respondiam-me, sorrindo, que a memoria não conserva estas coisas, sem que por isso ellas deixem de ter existido. Contra tal modo de argumentar, não valiam objecções.

Cumpria-me pois resignar com o papel que me tinham distribuido n'aquella especie de magica de grande apparato e revestir-me das romanescas apparencias de Roberto da Normandia, de endemoninhada memoria.

Não era feio e tornava-me no heroe da terra; porém custou-me haver assim involuntariamente concorrido para augmentar a má reputação de que havia muito gosava a tia Philomela, a qual desde então ficou sendo universalmente odiada em todas aquellas freguezias circumvisinhas.

Passaram-se quasi duas semanas de continuado inverno, durante as quaes raras vezes sahi, e essas apenas pará casa do boticario, onde me divertia a ouvir da boca d'elle, como novidades, coisas que tinham já envelhecido antes de eu partir da cidade; bem como profun-

das considerações suas sobre o destino das nações europeias. Este boticario era um decidido amante da ordem e professava por os perturbadores do equilibrio politico um odio, francamente cordial. Eram dignas de se ouvir as expressões virulentas e as phrases acerbas de que se servia então.

Em materia de revoluções pensava que as peiores eram, as que procediam de baixo para cima. Á de França chamava-lhe *um escandalo de sangue e de horrores*; em relação ao poder temporal do Papa dizia: que o melhor era não bulir no que estava quieto; lá os seus homens eram Palmerston, Palmella e o general Concha, este — *por acabar com a patuleia* — palavras suas. Fallava vagamente na difficultosa questão do Oriente, a qual, segundo elle, se poderia resolver por um plano, que nunca pude conseguir que me revelasse; a respeito da Polonia, muitas vezes lhe ouvi eu dizer: *assim quizeram, assim o tenham*, phrase sybilina que egualmente nunca desenvolveu.

Mezes depois dos successos que vou narrando, indo visital-o, encontrei-o muito enthiasmado com o engrandecimento das raças latinas, ao qual, á semelhança de grandes capacidades politicas, filia ainda hoje todos os acontecimentos e que, segundo elle, é o pensamento reservado de Napoleão. Palmerston, que para este seu enthusiasta ainda vive, promette sério apoio, sem o qual nada se faria, impondo só, como condição, a annexação da Dinamarca á Inglaterra.

Esta ultima novidade, cujo interesse politico os leitores devem apreciar, e na qual o homem depositava a mais fervorosa crença, viera-lhe, disse-me, de origem fidedigna.

Não sei se me será fiel a memória para poder reproduzir aqui na integra o substancioso dialogo, travado d'essa vez entre mim e este sabio diplomata.

— « Verá! verá! — dizia-me o homem, aviando dez reis de farinha de linhaça a um freguez. — O ponto está que elles queiram. As raças latinas hão de tomar o logar que lhes compete.»

— « Não duvido.»

— « É certo. Napoleão 3.º disse que havia de deixar assignalado o seu imperio por essa grande obra.»

— « Mas como entende o senhor o engrandecimento das raças latinas?»

— « É que tudo isto ha de vir a formar tres grandes imperios: a França com a Belgica e a Hollanda; a Italia governada toda pelo Papa; e Portugal, ao qual se hade dar a Hespanha e restituir o Brazil.»

— « Bonita combinação! E para quando será isso?»

— « Não sei; mas falla-se em que Napoleão disse ao seu ministro: Meu duque...»

— « Que duque era esse?»

— « Um dos ministros...»

— « Adiante.»

O meu interlocutor pelos modos fazia duques natos a todos os ministros.

— « Meu duque, o anno que vem ha de presenciar grandes acontecimentos. — «Real senhor!», respondeu o ministro, «saiba vossa magestade, que aqui estamos nós para cumprir as suas ordens. E então o imperador, batendo-lhe no hombro, disse-lhe: — Conto comvosco!»

— « É importante essa noticia, mas que pensa d'isso Palmerston?»

— « Palmerston escreveu uma nota ao embaixador

em Pariz, na qual lhe dizia:—Mylord. A Inglaterra não corta as azas ás legitimas aspirações dos povos, em quanto ellas não espesinham os seus direitos de nação livre. Sêde prudente e deixae marchar o progresso. Deus vos guarde.»

— «E o embaixador em vista d'isso...»

— «Em vista d'isso, limitou-se a reclamar a aneção da Dinamarca, por causa do equilibrio europeu.»

— «E consegue-a?»

— «De certo que sim. Elles não querem descontentar o velho lord. D'uma vez, no conselho de ministros em Pariz, houve quem dissesse fallando de Palmerston: Ora deixem lá o bom do homem; d'aquella idade só mette medo a creanças. E sabe o senhor o que disse o imperador?»

— «Eu não.»

— «As velhas rapozas, meus senhores, são as mais ardilosas e atrevidas.»

E communicando-me esta profunda sentença de Napoleão 3.º que não sei por que via privativa lhe chegara ao conhecimento, o meu interlocutor, piscando os olhos, assumia um ar de completa acquiescencia, que devia li-songear Palmerston se o tivesse observado.

N'isto interrompeu o discurso de politica transcendente, para pezar meia onça de raspa de veado, e onça e meia de oleo de ricino, e depois continuou:

— «Muito se ha-de ver em pouco tempo! O latim ha-de deixar de ser lingua morta.»

— «Ah! pois ainda viremos a fallar latim!»

— «De certo. Isso depois é questão de annos. Em França já se estão organisando os estudos dos lyceus n'esse sentido.»

— « Não será então mau irmos desde já recordando o ha muito abandonado *Novo methodo!* »

— « Abandonado? Não por mim, que nunca dei de mão ao estudo dos classicos latinos. »

Era esta outra corda sensível do pobre homem; supunha-se um profundo latinista, não obstante as continuadas syllabadas com que deixava a escorrer sangue a lingua de Cicero e de Virgilio. Desculpe-se-me a ambiguidade da expressão.

Depois passou a convencer-me dos erros de palmaria que tinha commettido o general Mac-Clelan nas campanhas da America; fallando de Garibaldi, chamou-lhe um *trocátintas*, e a respeito do Mexico, disse-me, meneando a cabeça com ar ponderoso: *Elles hão de pagar o que fizeram aos christãos.* — Como se vê, da latitude do Mexico por diante principiava a reinar grande cerração nas ideias do nosso diplomatico.

Foi na instructiva conversação d'este illustre pensador, que passei algumas horas dos quinze dias chuvosos e escuros que succederam ao da minha visita á bruxa do Pinhal.

## IX

Uma tarde, em que o aspecto do céu se mostrava já mais favoravel, e uma extensa zona de purpura, prenuncio certo de favoraveis reformas meteorologicas, tingia todo o occidente, onde o sol acabava de mergulhar-se, dei maior latitude ao meu passeio, estendendo-o até o ponto principal de reunião das raparigas. Fui-as encontrar juntas em grupo, voltadas para o lado do monte e apparentemente empenhadas n'uma discussão, que promettia ser interessante.

Aproximei-me.

— « Nada, nada, dizia uma, como em conclusão dos argumentos que extensamente acabara de expender, aquillo foi de certo coisa que lhe succedeu.»

— « Esperem, esperem, exclamava outra, fazendo o gesto de quem procura alguma coisa na reminiscencia, — a ultima vez que eu a vi foi... foi... ora, deixem vêr... foi ha seis dias, lá em baixo nas azenhas. Bem me lembra. Ia muito amarella e mal se podia arrastar. Pareceu-me até que gemia.»

— «E que lhe disseste? perguntou Luizita, interessada com as palavras da companheira.»

— «Eu?! Se mais pudesse, mais corria. Arrengo taes encontros! Olhem os meus peccados!»

— «E ha muito que eu não vejo a luzinha pelo monte.»

— «Nem eu.»

— «Nem eu.»

Disseram, umas apoz outras, varias vozes.

— «Ha-de haver oito dias que a mim me disse a ti'Rosa do Aidro que a mulher tinha de certo a espinhela cahida» accrescentou, com ar de quem communica uma importante novidade, a mais trigueira das preopinantes.

— «Ahi temos outra! Bem sabe a ti'Rosa tambem o que são espinhelas cahidas!» disse com mau humôr a primeira que fallára.

— «Não, não sabe; que ella não tem o primo endireita em Fiães, sim.»

— «E anda a outra sempre a enher os ouvidos á gente com o seu primo *en-di-rei-ta*. Nem que nunca se visse um endireita senão aquelle!»

— «Olhem! olhem! Põe-te agora a dizer mal d'elle tambem!»

— «Grande endireita, que deixou ficar manco o nosso Antonio, depois de ganhar com elle um par de moedas.»

— «Sim? pois olha que nem os medicos da cidade tem que lhe dizer.»

— «Credo! credo! Santo nome de Jesus! Nem que fosse algum doutor de capello!»

Em quanto as duas continuavam discutindo a sciencia orthopedica do primo da ti'Rosa do Aidro, proseguia o resto das circumstantes no assumpto primitivo.

— «O que eu posso dizer é que ha muito não vejo sahir fumo de casa d'ella.»

— «A mulher morreu de certo ou está para isso.»

— «E se se fosse ver? Tambem para a, deixar assim...» — disse Luizita, como a aventurar uma opinião, que não tinha firmes tenções de sustentar.

— «Vá lá quem quizer; nanja eu» — respondeu immediatamente uma mocetona de constituição athletica.

— «Ir lá?! Fazer o que? Então vocês julgám que se vai assim sem mais nem menos a uma casa d'aquellas?»

— «Perguntem alli ao senhor» — dizia outra, designando-me com o gesto.

Estas palavras fizeram-me dar mais attenção á conversa.

— «Quem lá entrasse, tinha logo o gato preto a saltar-lhe ao pescoço.»

A referencia a esta evolução gymnastica do gato preto acabou de me demonstrar que se tractava da tia Philomela.

— «Então que ha de novo?» perguntei aproximando-me. «De quem fallavam?»

— «É que pelos modos — respondeu-me uma das do grupo, «andam agora os demonios no pinhal.»

— «Fazendo o que?»

— «Para levaram a alma da bruxa.»

— «De qual bruxa?»

— «Da tia Philomela.»

— Ahi voltam as scismas! Mas que succedeu á tia Philomela?

— «Ha muito que não sahe de casa e que se lhe não vê fumegar o telhado. Aquillo ou está morta ou para breve.»

— « E então ninguém tem ido ou mandado ver. »

— « Quem? »

— « Não que o que lá fôr não volta. »

— « Ora, sempre é levar muito longe a superstição! »

Visto isso, ha-de-se deixar morrer assim uma pobre velha ao desamparo? »

— « Deixe lá; aquellas tem por si outros poderes. Não precisam do soccorro da gente. »

— « Pelo que vejo, não ha aqui ninguém que queira ir ao pinhal saber da tia Philomela? »

Ninguém respondeu.

— « Pois bem, n'esse caso vou eu. »

— « Olhe o que faz! » — disseram algumas vozes, em tom de advertencia.

— « Ainda não escarmentou? » — murmuravam outras.

Luizita chegou-se a mim e apertando-me o braço:

— « É de mais! Isso é desafiar o Senhor. »

— « Ora adeus, Luizita. »

— « Não vê... »

— « Vamos. Quando fôr velha ha-de gostar que lhe chamem tambem bruxa e que a deixem morrer de fome e ao desamparo? »

— « Mas... »

— « Pois olhe, Luizita, se tem muito receio, reze por mim. Eu gosto de ser recommendado aos santos por uma bôca tão bonita. »

Luizita não deu palavra, mas conheci-lhé no gesto que ficava agourando grandes desgraças da minha excursão ao pinhal.

## X

Acompanhado dos responsos e commentarios das circumstantes, puz-me pois a caminho da casa da tia Philomela, cuja sorte me estava profundamente inquietando.

A noite aproximava-se e uma nebrina densa, levantando-se dos valles, ia, a pouco e pouco circumscrevendo em volta de mim o horisonte e estreitando-me n'um circulo cada vez mais cerrado de espessos nevoeiros.

O grupo das raparigas, que me seguiam com a vista, quando eu principiara a subir a collina, cedo se me encubriu debaixo d'este veu de vapores impenetravel; circumstancia que devia mortificar profundamente todas aquellas curiosidades femininas, anciosas por gosar de longe do espectaculo, que, com grande risco do corpo e da alma, eu lhes proporcionára.

Depois de ter andado alguns minutos, e quando subia já por um pedregoso e alcantilado caminho de cabras, desenvolvendo todos os meus recursos gymnasticos para não rolar como um avalange até o fundo da riban-

ceira vizinha, pareceu-me perceber o ruido dos passos de alguém que, a pequena distancia, me precedia.

Apressei-me para poder alcançar quem quer que fosse e concluir em companhia o resto da minha excursão. Em breve me foi dado conseguil-o.

A pessoa que assim caminhava adiante de mim era o parochó da freguezia, joven sacerdote que eu mal conhecia ainda, mas cujas maneiras affaveis e delicadas e seriedade superior aos seus annos me haviam feito já sympathisar com elle. Vendó-me, parou a esperar-me.

— «Por estes sitios! Agradam-lhe tambem os passeios dos montes?»

— «Não foi para passeiar que vim até aqui, mas para soccorrer uma pobre mulher que a cega superstição d'esta gente ia talvez deixar morrer ao desamparo. E quem sabe se ainda chegarei a tempo.»

O reitor olhou para mim, perguntando-me:

— «Refere-se á tia Philomela?»

— «Exactamente, a ella mesma.»

— «Então offereço-lhe companhia, eu tambem me dirijo para lá.»

— «Tambem?!»

— «E' verdade. Todas as sextas feiras essa pobre mulher me procurava. Faltou-me esta semana, esperei-a hontem de balde e por isso puz-me a caminho hoje, por igualmente receiar alguma desgraça.»

— «Mas não é uma barbara crença a d'este povo?»

— «Então que quer? A ignorancia é sempre supersticiosa.»

— «Mas... e perdoe-me dizer-lhe isto, senhor reitor; não poderiam algumas palavras da sua parte desvanecer essas abusões?»

O reitor sorriu melancolicamente.

— « E cuida que as não tenho dito? Ha apenas dois annos que vim para esta abbadia. O meu predecessor era pelo que pude saber d'elle, um santo homem, esmoller e honrado, mas d'uma superstição grosseira, eivado de erros e de preconceitos que a falta de instrucção e nenhuma cultura de espirito haviam feito pullular. Era elle o primeiro a acreditar em todas as tradições de duendes e de almas penadas e a usar de esconjuros, amulétos e hervas contra feitiços. Na residencia deparou-se-me uma abundante collecção d'esses objectos, com que o bom do homem julgava prudente munir-se contra os ataques dos maus espiritos e das feiticeiras. Faça ideia de como devia andar a imaginação d'esta gente quando um parcho, que residia aqui havia perto de dezoito annos, lhe dava taes exemplos. Nos primeiros dias em que assumi as funcções parochiaes, percorrendo os papeis do meu antecessor, encontrei entre outros documentos não pouco curiosos, nos quaes elle registrava varias observações criticas a respeito dos seus parochianos, um que mais que todos me interessou. O contheúdo era, pondo agora de parte a orthographia muito sua, pouco mais ou menos o seguinte:

«Em agosto de 50 veio residir para esta minha parochia, escreveu elle, uma velha mulher que diz chamar-se Philomela—nome pouco de gente christã e baptisada. Vinha miseravelmente vestida e foi viver para uma pequena casa do Pinhal. Ainda não procurou sacramentos e é de poucas fallas. Logo que ella aqui chegou principiaram a morrer creanças d'um modo nunca visto. Ficavam roixas e chupadinhas que fazia dó. Depois deu a mortandade nos carneiros, que cahiam nos campos,

tordos. Bem se vê que a mulher é suspeita. Pelos modos, ouve-se por altas horas em casa d'ella gritos agudos, e de noite corre fadario nos montes feita n'uma luzinha. De quando em quando, vem visital-a um homem de má catadura. Tudo faz crer ser ella bruxa refinada. Ha tempos fallando-lhe ouvi-lhe palavras sacrilegas. E' ovelha que já não espero salvar.»

«Assim terminava o original apontamento do pobre cura, o qual como é de crer me excitou mais interesse ainda, do que simples curiosidade. Indaguei de varias pessoas relativamente a Philomela e pude então reconhecer como se haviam ja arreigado n'estas imaginações incultas, as ideias supersticiosas do parochó. As informações, que me foi possivel colher, representavam-me de facto Philomela como um ente sobrenatural, em relação intima com os espiritos maleficos e dotada de poderes extraordinarios para evocar as almas dos mortos em peccado e outros absurdos semelhantes.

«Quiz desvanecer esses preconceitos, combati-os como pude; consegui apenas ser d'ahi por diante olhado com suspeita pelo povo que via na minha incredulidade uma especie de heresia. Decidi-me a procurar a tão fallada tia Philomela. O que fui encontrar, procurando-a, deve suppô-lo o senhor, que, pelo que vejo, mostra conhecê-la tambem. Uma desgraçada e nada mais.—Philomela veio de longe para aqui. O motivo d'esta emigração foi uma desgraça de familia que ella me revelou sob o sigillo da confissão. Quando chegou a esta terra, trazia a pobre mulher no coração o desespero, e nos labios a blasphemia que o delirio lhe arrancava.

«Se então tivesse encontrado um parochó sem preconceitos, que comprehendesse as causas d'aquelle es-

tado doloroso, que tentasse sanar as feridas, ainda gotejantes de sangue, d'aquelle coração afflicto, a cura seria facil. Mas o desprezo de que se viu rodeada exacerbou-lhe os padecimentos e, cada vez mais entregue ao infortunio, ia perdendo até os sentimentos religiosos, que por tanto tempo haviam sido seu unico e efficaz auxilio. Uma epidemia de garrotilho que fez mil victimas nas creanças e não sei que molestia que por aquelles tempos grassou no gado, chegando a sacrificar rebanhos inteiros, vieram concorrer para arreigar estas superstições que tão amarga tornaram a sorte, já malaventurada, da pobre Philomela. Quando pela primeira vez lhe fallei, senti-me desanimar; confesso a verdade, tão desesperada a vi, que julguei ter chegado tarde: pareceu-me que seriam baldados todos os esforços para chamar de novo á communhão das ideias christãs aquella pobre alma abatida pelo infortunio. Enganei-me todavia; consegui-o em pouco tempo e hoje é uma das mais religiosas creaturas da minha freguezia.

— «O que não evita continuar a ser olhada pelo povo como bruxa e cruelmente odiada.»

O reitor notou, sorrindo:

— «E o melhor da historia é que nem todos me poupam tambem; aqui onde me vê, tenho adquirido a minha reputaçãosinha de feiticeiro ou coisa parecida.»

Á verdade d'esta observação servia de testemunho a conversa que eu ouvira dias antes ás raparigas do logar a respeito do reitor.

Tinhamos enfim chegado á porta da humilde habitação da imaginaria bruxa, quando perguntei ao meu companheiro o que elle conjecturava dos pequenos embru-

lhos de papel, a que Luizita chamára os *novellos* da tia Philomela.

Ouvindo esta pergunta, o joven reitor olhou para mim tristemente e com uma voz reveladora de verdadeira commoção, respondeu-me:

— « Isso resume quasi toda a historia d'esta mulher. É um ente singular e tão digno de respeito e estima como de compaixão. »

Foi o unico esclarecimento que obtive.

Entramos emfim no quarto da tia Philomela.

## XI

Era já noite fechada; a ultima claridade do dia desmaiára a pouco e pouco no occidente, apenas agora tingido d'uma uniforme côr de violeta. Do lado oriental, principiava a surgir a lua por de traz dos pinheiros, que se desenhavam em negro sobre o fundo de nuvens em que o astro diffundira um colorido inimitavel. A unica porta da habitação da tia Philomela ficava voltada para este lado e os raios do luar, penetrando per ella, davam a todo o recinto um aspecto indefinivel de tristeza e de pavor.

Paramos no limiar, escutando se algum ruido nos advertia da presença da solitaria velha, cuja vida tão desfavoravelmente commentada estava sendo em toda a aldeia e seus arredores.

Reinava o mais completo silencio.

— «Sahiu talvez», disse eu, em quanto que outra coisa bem diversa me presagiava o coração.

— «Sahiu ou... quem sabe?» respondeu-me o reitor,

expressando n'esta hesitação o mesmo triste presentimento que eu tivera.

Demos alguns passos dentro da sala. — O mesmo silencio.

— «Tia Philomela!» exclamei então, erguendo a voz. Ninguem me respondeu.

Guiados pelo luar, chegamos ao fundo do quarto, onde sabíamos estar situado o leito da pobre mulher.

Então pudemos distinguir uma forma alvacentas, como de corpo inanimado, que involuntariamente nos fez recuar de terror.

Vencemos porém este primeiro movimento de repulção e aproximamo-nos.

Era ella! a tia Philomela, regelada, hirta, com os braços pendidos fóra do leito, os olhos abertos, a vista fixa, immoveis e contrahidos os labios, e as faces mais émaciadas e pallidas que nunca!

— «Que desgraça!» exclamou o moço reitor juntando as mãos! «Pobre mulher, morta, morta assim!»

Palpando-lhe o peito, julguei sentir ainda bater-lhe froixo e compassado, o coração.

— «Morta, ainda não, disse ao reitor communicando-lhe a minha descoberta—parece-me perceberem-se-lhe ainda uns restos de vida prestes talvez a abandonar-a de todo.»

Como para confirmar a verdade das minhas palavras, a misera fez um movimento e com voz sumida, perguntou:

— «Quem é que está aqui?»

— «É o senhor reitor» respondi-lhe curvando-me sobre o leito.

— «Ah! pois veio?!» disse a pobre mulher, em cujo

rosto percebi desenhar-se uma expressão de suprema felicidade, — «Ainda bem, ainda bem! Onde está elle?»

— «Estou aqui» disse o reitor com a voz presa pela commoção que experimentava.

Philomela agarrou-se-lhe á mão.

— «Como foi bom em vir! Não me deixe, em quanto não estiver morta, não? Tenho tido medo de me vêr só. Como é triste vêr-se a gente morrer só, só!... sem amigos, sem ninguem que chore, sem ninguem que console. Nunca pensei que chegaria a isto, meu Deus!»

— «Socegue. Aqui nos tem. Más não ha de morrer ainda.»

— «Morro, morro, eu sinto que morro e ainda bem que assim é. Viver como tenho vivido ha annos é peor, muito peor. Elles cuidavam que a feiticeira... como sempre me chamavam, coitados! não soffria por se vêr assim aborrecida e despresada; ai, se soffria! se soubessem a minha vida toda!... E depois, interrompendo-se, apertou com violencia a mão do reitor, bradando como suffocada: «Senhor reitor, ai senhor reitor, a sua benção depressa, eu sinto que vou morrer. Sinto, sinto!»

E erguia-se com a contracção energica da ultima agonia.

O reitor, apoz uma fervorosa oração, elevou os olhos ao céo e abençoou a moribunda que na apparencia se diria já cadaver.

De repente, ainda meia erguida e sustentada por nós ambos, e com olhar vago, as mãos juntas e os labios desmaiados e tremulos, ella principiou murmurando uma prece, cujas palavras não pude perceber. O reitor observava-lhe os movimentos com um gesto de compaixão e em voz baixa rezava tambem as orações da agonia.

A meia claridade que reinava no aposento, reflectindo-se n'aquelle triste grupo, augmentava-lhe o aspecto lugubre e melancolico, e infundia no animo não sei que intimo e religioso pavor.

Passados alguns instantes, em que eu só podia ouvir o respirar anciado da agonisante e o murmurar das orações do reitor, aquella elevou a voz e interrompendo-se a cada passo, extenuada pelo esforço, principiou dizendo como em delirio:

— «Era o meu dever; não era, senhor reitor? Olhe, elle ahi está todo.» E apontava para os objectos do prateleiro.—Não lhes toquei... Se vier... diga-lhe... que eu cumpri o meu juramento... mas que lhe perdoei... Já agora...»

Calou-se por algum tempo; depois, com a voz cada vez mais sumida accrescentou com aquella carinhosa meiguice só das creanças e dos doentes conhecida.

— «Deitam-me para baixo? deitam?» Ajudamol-a a deitar.

— «Assim, continuou ella,—obrigada. Ai, sinto-me tão fraca... parece-me que vou dormir. Se me apagassem aquella tocha? Não sei para que a accenderam.»

Colloquei-me diante da porta, para encubrir aos seus olhos a claridade da lua que parecia incommodal-a.

— «Ora agora, não façam ruido porque tenho somno e bem conheço que vou dormir... bem conheço...»

Fechou os olhos por algum tempo, abrindo-os logo depois angustiada.

— «Ai, não estou bem! Por quem são, virem-me, virem-me para o outro lado.»

Voltamol-a como ella desejava.

— « Ah! » disse depois, suspirando profundamente. »  
Agora sim... estou bem! »

Estava morta.

O reitor cahiu de joelhos junto d'aquelle pobre leito, abandonado de todos.

D'este recinto que os boatos da aldeia faziam habitados por espiritos malignos, acabava de subir ao céu a alma de uma santa creatura.

A impressão que me causou toda esta scena manteve-me immovel e silencioso, fitos os olhos n'aquella mulher que se finára e no sacerdote que murmurava ao lado d'ella, e quasi soluçando, as orações mortuarias.

Pouco a pouco um tumulto de vozes e passos apresados, que havia já alguns instantes me chegava confusamente aos ouvidos, veio distrahir-me a attenção. Por as frestas da porta que o vento tinha cerrado, percebia-se um clarão avermelhado que projectando-se na parede fronteira e no leito onde jazia o cadaver, dava ainda, se era possivel, á scena mais sinistra apparencia.

O sussurro ia-se de momento para momento fazendo mais distincto. Era evidente que procuravam a casa da tia Philomela.

Receioso de que as ideias supersticiosas do povo e a aversão que lhe inspirava a supposta bruxa o conduzissem a algum acto de violencia, ao qual a minha demora, de certo interpretada para mal, servisse de pretexto, corri para a porta com o fim de evitar, se fosse possivel ainda, a profanação d'umas cinzas.

N'esse mesmo instante porém reconheci a voz de Luizita, exclamando:

— « É ahi. »

E immediatamente a porta abriu-se com violencia,

penetrando logo no interior o clarão de muitos archotes accesos, sustentados por creados de libré, cuja figura e traje não eram conhecidos na aldeia.

Ainda eu não voltara a mim da surpresa que o inesperado da scena me produzira, quando vi sahir d'entre a multidão, que parecia afastar-se com respeito, para lhe dar passagem, uma mulher elegante, distinctamente vestida e que pelas formas e vivacidade de movimentos suppuz ser ainda joven. Encobria-lhe as feições um comprido veu de côr escura, mas não tão discretamente que lhe não denunciasse a belleza, ainda que deixando muito a adivinhar.

Entrou na sala com passos rapidos e agitada; e, encontrando-se de frente commigo, disse-me, juntando as mãos e com um gesto em que se reconhecia uma não simulada anciedade:

— « Ainda vive? »

— « Está morta » respondeu o reitor, em pé junto á cabeceira do leito; e na inflexão de voz, com que pronunciou estas palavras, julguei reconhecer não sei que tom de severidade, que me impressionou.

Esta noticia pareceu fulminar a desconhecida.

Levou as mãos ao seio e soltou um gemido, tão profundamente expressivo de dolorosa angustia, que me fez subir as lagrimas aos olhos.

Depois, como cedendo a attracção irresistivel, correu ao leito, apoderou-se d'uma das mãos regeladas da morta e pousando-lhe os labios, caiu de joelhos, bradando entre soluços, que lhe suffocavam a voz:

— « Minha mãe! oh! minha pobre mãe! »

O meu espanto era completo. Olhei para o reitor.

Vi-o immovel e mudo, presencendo com gesto austero e impassivel esta scena commovente.

Quem era pois esta mulher, a chorar assim junto do cadaver da infeliz que tão esquecida vivêra, mais aborrecida do que estimada, e tanto ao desamparo vira aproximar-se-lhe a hora da agonia final?

— «Minha mãe» continuava a pobre senhora ainda de joelhos, «agora que eu vinha receber as suas bençãos, agora que eu me julgava feliz, que esperava enxugar-lhe as lagrimas e obter o meu perdão... para que me castiga assim, morrendo sem me perdoar?»

— «Perdoou-lhe!» disse o reitor com voz firme e austera.

A recém-chegada ergueu os olhos para elle, mas, como se comprehendesse a severidade d'aquelle olhar, que parecia desafiar o seu, baixou-os immediatamente, perguntando lacrimosa e tremula:

— «Viu-a morrer?»

— «Assisti-lhe até o ultimo suspiro.»

— «E ella... fallou-lhe de mim?»

— «Havia-me contado a sua historia.»

— «Disse-lhe...»

— «Tudo.»

— «E perdoou-me?»

— «De todo o coração.»

— «Mas ignorava que eu havia enfim conseguido merecer-lh'ó, esse perdão que tantas vezes lhe implorrei!»

— «Mais grato será a Deus.»

— «Ó minha mãe! pobre mãe! Se eu te escutasse ao menos as ultimas palavras. Quero vel-a. Como aqui está escuro! Uma luz, uma luz.»

Um dos criados aproximou-se com o archote. A joven senhora desviou então o véo que a encobrira até alli, patenteando o rosto, verdadeiramente deslumbrante de belleza, e que n'aquelle momento as lagrimas mais faziam realçar.

Fitando os olhos no aspecto macilento e decomposto da mãe, soltou um grito dilacerante, e cobrindo o rosto com as mãos, desatou em soluços que commoviam o coração de quantos os escutavam.

— «Jesus, meu Deus! O que fizeram seis annos de infortunio! O' desgraçada de mim! Pobre mãe!» continuava ella, cobrindo de beijos aquellas faces já frias. «Como não soffreste para assim envelhecer em seis annos! Seis annos! Aqui, só, n'este monte, n'esta casa, tão mal abrigada, tão mal vestida! Mas... Jesus, meu Deus... acaso...» e poz-se a olhar em volta de si com a vista perturbada.

O reitor, que pareceu comprehender aquella interrogação muda, segurou-lhe no braço e encaminhando-a para junto do prateleiro, onde se divisavam os mysteriosos volumes de que tenho fallado, disse-lhe, apontando para elles:

— «Olhe. Sua infeliz mãe morreu pobre e desamparada.»

A afflicta senhora, olhando para os objectos que lhe designava o reitor, fez-se pallida e pareceu prestes a desfallecer.

— «Meu Deus, ai meu Deus!» bradou torcendo as mãos, «a minha culpa foi pois tamanha que merecesse este castigo.»

O reitor mostrou-se commovido, ouvindo este grito de não fingido desespero, e pela primeira vez se desar-

mou da fria insensibilidade, que eu até então estranhára n'elle.

— Perdoou-lhe, senhora. Socegue. E se o que ella havia tanto desejava, para lhe estender os braços de mãe, se realizou enfim, confie que do céu, onde está, o saberá, como o poderia saber na terra, que para sempre deixou.

A filha da tia Philomela, depois de mais uma vez abraçar o cadaver da mãe, chamou os creados, que entraram no aposento. Junto com elles vinha Luizita, cuja curiosidade pudera enfim abafar os supersticiosos terrores.

— «Procurem poisada na aldeia,» disse-lhes a senhora, dominando ainda a custo a commoção, «e mandem-me alguma mulher que queira ficar hoje commigo aqui.»

Espanto entre a criadagem.

A senhora continuou:

— «Aqui, junto do corpo de minha querida mãe.»

E dizendo isto, corriam-lhe as lagrimas pelo rosto abaixo.

— «Fico eu, senhora;» disse Luizita adiantando-se e chorando tambem.

D. Margarida,—que tal era, como depois soube, o nome da senhora,—viu estas lagrimas e recompensou-lh'as com um beijo affectuoso.

O bom coração de Luizita ganhára n'este momento uma grande victoria sobre a sua má cabeça.

Os creados voltaram á aldeia, commentando cada qual a seu modo o succedido.

Eu vim para casa só. O reitor ia retirar-se commigo, quando D. Margarida lhe disse com voz triste:

— « Quer ouvir o resto da minha historia, senhor reitor? Preciso da sua absolvição e dos seus conselhos.

O reitor annuiu.

Eram seis horas da manhã do dia seguinte, quando me vieram accordar, dizendo-me que era procurado.

— « Por quem? »

— « Por o senhor reitor. »

Apressei-me a descer á sala, onde effectivamente o reitor me estava esperando.

— « A que devo a felicidade d'esta visita? »

— « Reclamo os seus serviços. »

— « Estou á sua disposição. »

— « Tracta-se d'umas exequias solemnes á tia Philomela; coisa a fallar a verdade tão rara na aldeia, que me vejo embaraçado, para lhe dar expediente. Não tenho conhecimentos na cidade e por tanto... »

— « Deixe isso a meu cuidado. Escrevo a um amigo meu, muito visto n'estas coisas e que espero se sahirá bem do negocio. »

— « Então acompanha-me á residencia para alguns esclarecimentos e mais almoçará commigo. »

— « Ás ordens. »

Vesti-me e segui o reitor.

A residencia não ficava distante; démos aviamento ao necessario. De lá mesmo escrevi uma carta a um amigo do Porto, encommendando-lhe os aprestos para as exequias e apoz subi para o quarto do reitor, quarto modestamente mobilado, sem trastes de luxo, mas com uma simplicidade que revelava bom gosto.

N'uma só coisa desdizia este quarto dos habitos singelos de vida do joven sacerdote; era na livraria, bas-

tante fornecida e selecta e que, pela desordem em que a vi, conjecturei não gosar de prolongados remansos.

Junto á cabeceira do leito e ao lado do velador encontrei, ainda aberto, o *Genio do Christianismo*. Outros livros porém, menos orthodoxos, cubriam a meza, ás cadeiras e até o pavimento. Facil me foi descobrir a um lado o *Jocelyn*, mencionado pela curia no *Index librorum prohibitorum*, junto d'elle, o *Eurico* de igual immoralidade; mais alem, os *Lusiadas*—não obstante a sua escandalosa amálgama de religiões; sobre o *Paradise lost*, o pagão do Homero; ao lado dos *Martyres*, a *Eneida*; de envolta com a *chronica de S. Domingos* e a *vida do Arcebispo*, a *Historia dos Girondinos*; a *guerra dos trinta annos*, em contacto intimo com os *Annaes da propagação da fé*; o *Memorial de Santa Helena*, ao pé da *Imitação de Jesus Christo*, e o theatro de Victor Hugo, de Schiller e de Garrett, não muito longe dos Sermões de Vieira, das obras de Fénelon e da *Nova Floresta* de Bernardes.

O reitor, vendo-me a examinar a bibliotheca, còrou e disse-me com certo enleio:

— «Ainda me não pude desfazer de antigos habitos. Leituras dos meus primeiros annos e dos tempos de rapaz, pouco proprias talvez hoje. Á batina só fica bem o breviario.»

— «Não se justifique para commigo, porque não lhe admitto a culpa. O breviario de per si nem sempre é bom conselheiro. Haja vista o seu predecessor, que pelos modos não tinha commettido esse peccado que parece estar a pesar-lhe na consciencia.»

O reitor sorriu.

Sentamo-nos á meza para almoçar, e no entretanto

disse-me o reitor com expressão de sentida melancolia:

— « Vai saber a historia da tia Philomela. Quer ouvir-a? »

Fiz-lhe signal de que o desejava.

— « É muito curta. Esta desgraçada mulher vivia a oito leguas d'aqui com uma filha unica, que lhe ficára da idade de seis annos, quando o marido, morto n'uma d'essas luctas civis que assolaram o reino, a deixou na mais triste e indefeza viuvez. Os sacrificios, que fez a pobre mãe para evitar a miseria, que temia menos por si, de que por a tenra creança de quem era o unico amparo, foram immensos e só talvez bem comprehendidos por quem, como nós outros parochos, vive em contacto com esta infortunada gente, para a qual cada dia, cada instante de vida é uma victoria ganha sobre a adversidade. Trabalhava de noite e de dia; á luz do sol, como á luz da lampada; nas longas e frias noites de inverno, como nas formosas noites de estio; sempre curvada á meza do trabalho, sempre vergada sob o peso de tão dolorosa cruz! Assim passaram muitos annos d'aquella existencia de amor e de abnegação, assim se exauriram as forças e o vigor d'aquella mãe extremosa; e o resto de vida que lhe não absorvia o trabalho, consumia-lb'o a maternidade, diffundia-se nos mil disvellos e caricias, com que rodeava o berço da innocente; — com os adornos de affectos, já que lhe escaceavam os da riqueza, que para ella só invejára. A filha crescia, sorrindo no meio da miseria e desconhecendo-a; ignorancia feliz dos primeiros annos, comparavel á da flôr, que desabrocha á borda do abysmo. Vivia dos sacrificios e abnegações da mãe e de tão pequena vivêra d'elles, que desaprendêra a apre-

cial-os, por essa involuntaria ingratidão dos filhos que mais parece uma lei a que obedecem os affectos humanos. Crescia em idade e em formosura a ponto de ser o enlêvo dos habitantes do logar. Aos deoito annos, fascinava; fallava-se d'ella legoas ao redor. Foi a desgraça de mãe, que então se revia ainda em tanta belleza, á similhança d'essas creanças imprudentes que se debruçam na corrente, fascinadas pela limpidez que lhes reflecte o ceu.

«O filho d'uma rica familia das proximidades viu a inexperiente rapariga, apaixonou-se por ella, confessou-lhe o seu amor, soube fazer-se correspondido e um dia... Margarida desaparecia de casa. Espalhou-se a nova na aldeia; a mãe esteve quasi louca, muito tempo correu como perdida por todos os logares, encontravam-na de noite e de dia; ás vezes adormecida de cansaço nos marcos das estradas; até que depois a perderam de vista na aldeia e disseram-na morta.

«Foi então que veio para aqui com o desespero no coração, allucinada a ponto de blasphemar; por isso o velho reitor, como já lhe disse, a julgou possessa. A crença espalhou-se, a coincidencia de certos successos pareciam justificar-a; e esta desgraçada mãe, só digna de compaixão, viu-se repellida, odiada e despresada de todos!

«No entretanto a filha, que cedêra á seducção, inquieta pela sorte da mãe; procurava-a. Soube do seu desaparecimento da aldeia, enviou emissarios para averiguarem o logar da sua nova residencia, se é que ella ainda existia. Foi feliz em taes pesquisas. Vieram da parte da filha procurar Philomela, trazendo-lhe cartas d'ella; a pobre mãe, cujo coração todo se alvoroçava só

de vél-as, regeitou-as sem sequer as lêr, dizendo : « que nunca essa malfadada voltasse para junto de si em quanto não tivesse purificado pelas benções da igreja o erro de sua juventude. » Esta obstinada recusa, fundada em um arreigado sentimento de honra e decôro, dilacerava o coração das duas!

« O amante de Margarida era de nobres e generosos sentimentos; mas, sujeito á vontade d'uma familia cheia dos preconceitos de nobreza e das distincções hierarchicas, nem ao menos ousava fallar-lhe em uma união, que elle tambem cordialmente desejava.

« Margarida quiz acudir á miseria da mãe, enviando-lhe algumas sommas de dinheiro. Philomela regeitou-lh'as, dizendo que antes quereria morrer de fome do que viver de vergonha. A filha propôz-lhe abandonar o amante, voltar para junto d'ella e trabalhar para lhe sustentar a velhice; repelliu igualmente a offerta, com a mesma pertinaz firmeza com que tinha regeitado as outras.

« Isto ha-de-lhe parecer talvez um mal entendido rigor, mas verá que se baseava no affecto profundo que alimentava no coração.

« Margarida recorreu então a um piedoso expediente. Sabendo que Philomela sahia a miudo e que nunca se dava ao trabalho de fechar a porta da pobre casa, mandava todos os mezes um creado de confiança a espiar o momento em que ella estivesse fóra, para lhe remetter os soccorros pecuniarios. Era quasi sempre de noite que isto se effectuava, pois Philomela para evitar os insultos com que a perseguiam, raras vezes sahia de dia. Este homem entrava-lhe então em casa, pousava o dinheiro

de Margarida sobre um prateleiro que havia na sala: eram os embrulhos de que me fallava hontem.»

— « Os novellos da tia Philomela, como me dizia Luizita. Adiante.»

— « Philomela suspeitava a procedencia da remessa e por isso nem lhe tocou. Quatro annos successivos, mez por mez, se renovou a offerta; enfileiravam-se os pequenos rôlos de dinheiro que o mensageiro religiosamente depunha no logar costumado e Philomela nem ao menos sabia a quanto montava já a somma assim accumulada. O creado, que estranhára esta abstenção da velha, communicou tudo ao amo. Este pbrém, para não affligir Margarida, recommendou-lhe segredo e ordenou-lhe que continuasse de igual fórma a cumprir a sua missão. As sommas succediam-se e Philomela, que tantas vezes luctava com a necessidade, deixava-as no mesmo sitio em que as encontrara.

« Quando a conheci, contou-me tudo. Os instinctos religiosos, renascendo n'ella, augmentavam-lhe mais ainda os escrúpulos e firmavam-na em suas resoluções. Se alguma vez eu lhe fallava em perdoar á filha, a pobre mulher respondia-me, soluçando:

« Isso me diz ha muito o coração, senhor reitor, mas se eu o fizesse, a infeliz vinha-se-me lançar nos braços e esse homem, que a ama ainda, esquecel-a-ia em breve e com ella as promessas que lhe jurou. Elle não é mau. E se para que eu perdoe, souber necessaria a reparação, tarde ou cedo lh'a dará.»

« Eu não confiava muito n'isso, mas como teria alma de tiral-a d'esta crença?

« Os soccorros que recusára á filha, recebia-os com humildade das minhas mãos. Sabia da repugnancia que

lhe tinham na aldeia, e nunca por isso de dia alli desceu mais. Quiz obrigar-a a ir á missa, não o pude conseguir. Havia no character d'esta mulher um mixto de firmeza e timidez notavel! — «Essa gente, coitadinha», dizia ella muitas vezes, «não assistiria com fervor á missa se me vissem a seu lado.» — E comtudo affligia-se por ser privada de assistir ao santo sacrificio.

«Lancei mão d'um espediente. Ha ahi por de traz do monte uma pequena capella abandonada ha muito. Um dia na semana lá ia eu celebrar missa só para a pobre mulher. O meu ajudante que era o sacristão, é talvez o unico homem na aldeia que não participa já da opinião do publico a respeito da tia Philomela. Coitada! não pôde ver na terra realisado o seu mais ardente desejo! Quando expirava, corria a filha aos seus braços a dar-lhe alvoroçada a noticia de que as orações de tantos annos haviam sido ouvidas. Fôra emfim recebida como esposa pelo homem que motivára estas desgraças. Por morte do pae e attingindo a maioridade, elle não quiz retardar muito tempo a realisação do desejo d'ambos.

«O fim já o não ignora. A filha inconsolavel quer satisfazer para com a mãe a divida contrahida, por meio d'umas exequias solemnes na igreja parochial. O dinheiro accumulado e intacto das successivas mezadas que enviou a Philomela e que monta a quantia de novecentos mil reis, vae ser distribuido pelos pobres da freguezia, sendo eu o encarregado da distribuição.

«Ahi tem a historia da tia Philomela, de cujo sigilo fui remido por a filha, que, divulgando-a pretende justificar a memoria da mãe, tão calumniada em vida.» — E erguendo-se da mesa do almoço, o reitor accrescentou :

— «Era uma santa!»

### XIII

Esta historia divulgou-se: mas não fui eu que a contei. Luizita, cuja crença nos feitiços da tia Philomela ficára muito abalada depois da triste scena a que assistira, foi, como já disse, a unica que ousou passar a noite com a filha da defunta. Como é de crer, não era para dormir que ahi se achavam as duas. Conversaram, e D. Margarida, sympathisando com a sua joven companheira, contou-lhe toda a historia. No dia seguinte Luizita, um pouco por vontade de fallar, um pouco com o desejo de desvanecer as más opiniões da aldeia a respeito da tia Philomela, poz-se á obra, e dentro em pouco era o facto de todos sabido.

Fez-se justiça, ainda que tardia a Philomela, e já corriam todos para a casinha do pinhal, como para uma ermida de Senhora apparecida. Duas velhas beatas disputaram, quasi a murro, a posse do gato, que no resto da vida se tornou o mais bemquisto da aldeia. A phantasia popular, tão fecunda em inventar lendas milagrosas, como traças de Satanaz e de seus adeptos, referia

agora virtudes da tia Philomela, que deixavam a perder de vista as antigas façanhas de feiticeira que lhe attribuiam.

Tambem me ri muito com o meu amigo da sua espantosa sciencia do coração humano.

Aquella monumental dissertação era d'uma solidez de alicerces formidavel, só tinha o pequeno defeito de ser completamente inexacta.

Oito dias depois faziam-se esplendidas exequias á tia Philomela; assistiu toda a gente do logar. Foi coisa alli nunca vista.

Após fez o reitor a distribuição das esmolos, colhendo as benções dos pobres que choravam de alegria.

A' porta da igreja encontrei Luizita a limpar os olhos commovida pelo acto edificante que presenciára.

— «Então, Luizita, «disse-lhe eu aproximando-me», e os novellos da tia Philomela?»

A engraçada rapariga levantou para mim os olhos mal enxutos, sorriu melancolicamente e não deu resposta.

— «Abençoados novellos, accrescentei eu, que deram para tecer tantas camisas aos pobres!»

## UMA FLOR D'ENTRE O GELO

### I

No tempo em que principiei a ir ao theatro estavam muito em moda os dramas em cinco actos com o complemento de uma farça.

As plateias, os camarotes, as galerias e até a fleumatica orchestra, depois de carpirem, com não fingida sensibilidade as infaustas e tenebrosas aventuras do heroe ou da heroina do primeiro dos espectaculos exhibidos, acalmavam o sobresalto nervoso, que de tão continuados sustos lhes ficára, rindo, a bandeiras despregadas, á custa do velho illudido, typo predilecto da veia comica de então.

O amor extemporaneo de um velho, os seus ciumes insoffridos, os seus accessos de colera quasi epilepticos e a intriga combinada contra elle entre a *ingenua*, victima principal d'essa paixão incommoda; o amante preferido e o creado astuto que dirigia o enredo, tentado pela bolsa recheada do galã e pela mão nivea da *lacia*,

propicia aos amôres da ama:—tal era de facto o eterno e inexgotavel thema glosado, com mais ou menos variantes, pelos Plautos e Terencios da época.

A moda viera não sei se da Italia se da Hespanha, mas generalisava-se rapida e extraordinariamente.

Beaumarchais foi um dos que a seguiram em França e com extrema felicidade; outros modelaram por os d'elle esses typos genericos, sem os quaes quasi não se concebia comedia, e por mais desgraçados que lhes sahissem os arremedos, tinham a certeza de os verem bem acolhidos.

O nosso Antonio Xavier não se pôde dizer dos mais infelizes na tentativa; o seu *Manoel Mendes*, de popularrissima memoria, bem mereceu os applausos que o publico tão generoso lhe prodigalisou.

Por muito tempo as plateias saborearam estes acepipes theatraes, sem que da repetição se enfastiassem.

Eram já tão seus conhecidos os personagens que custou devéras a deshabitual-as d'elles; como que se não entendiam com outros.

Queriam-se com o seu Pantaleão ou Lançarote, tutor decrepito, desastradamente apaixonado por uma ingenua pupilla, que só tinha a malicia indispensavel para o enganar a cada momento; reviam-se na figura elegante dos Leandros e Florindos, cujos conceituosos requiebrros e pieguices amorosas escutavam com ouvidos complacentes; as jovialidades e astucias do creado, os seus dialogos equivocos com a lacaia, as suas arlequinadas e tramoias a bem da causa commum, tudo saudavam com a mais decidida e clamorosa sympathia.

A acção seguia entre applausos continuos o curso regular.

Cada esforço que o velho fazia para o bom exito dos seus projectos amorosos pervertia-lh'o a fatalidade em desserviço d'elles, e na scena final, quasi sempre a das escripturas, quando se preparava para dar a batalha decisiva que devia coroar-lhe a constancia, não desmentida entre desenganos e revezes, todos, até o proprio tabelião, se conspiravam contra elle e o malfadado via, no meio de risadas geraes, passar a pupilla para os braços do amante, que, n'esse momento solemne, deixava cahir o nariz de papelão, valioso auxiliar da ultima façanha.

Entrava-se em explicações, patenteava-se á victima a trama minuciosa da intriga e ella acabava por perdoar e, o que mais é, tomava á sua conta o moralisar o facto.

Redobravam os applausos; o casamento final justificava os meios, nem sempre demasiado licitos, empregados para o fazer vingar; os espectadores retiravam-se satisfeitos, e tendo por essa fórma afugentado as disposições para pezadellos e sonhos angustiosos, que o drama lhes produzira, ceavam bem e dormiam melhor.

Ora succedia já então um caso extraordinario commigo; era que, ao contrario da maioria, senão da unanimidade dos espectadores, não exceptuando até os incursos no mesmo ridiculo que se pretendia corrigir assim, dava-me para ter pena do velho em vez de me rir das suas tribulações.

A plateia conseguia suavisar as impressões penosas do drama com as jocosas peripecias de uma paixão... macrobia; a mim ficava-me uma melancolia interior, mais duradoura e sentida, do que a proveniente da catastrophe do quinto acto.

Não obstante os accessorios caricatos de que aucto-

res e actores sobrecarregavam esses typos, para os quaes de tão inexoravel severidade era a Thalia da época, eu achava-lhes não sei que interessante e, direi até, poetico, que offuscava tudo o mais, e não me deixava rir.

Rir, porque? Não era antes para magoar e commover o drama psychologico que, atravez de episodios risiveis, se desenvolvia alli? A historia d'uma paixão sem futuro, funesta ao coração que a alimenta, não é mais digna de lagrimas que de escarneo?

Debaixo das vestes do polichinelo, que o publico illudido saudava de gargalhadas e apupos, eu não via máis do que um desgraçado; atravez da mascara truanesca do comediante parecia-me a cada passo divisar um olhar de tristeza que me vinha direito ao coração.

Que querem? Mau é que se façam d'essas abstracções; o effeito é depois inevitavel.

Experimentae por vós; não vos lembreis da casaca esguia, do calção engelhado, do sapato de monstruosa fivela, do impertinente rabicho da cabelleira, da colossal caixa do tabaco, todas as noites tirados do guarda-roupa do theatro para adornarem esses typos, e auxiliarem o effeito comico da producção — muita vez mais devido a taes accessorios do que ao sal que a temperava — não attenteis nas rugas, profusa e burlescamente distribuidas pela mão exercitada do caracterisador; ou melhor ainda, concebei, se podeis, aquella alma independente de todos os desfavoraveis accidentes corporeos, e ao vel-a luctando com uma d'essas paixões violentas, devoradoras, que são a sua maxima manifestação de vigor e de vida; e humilhada, ridiculisada, escarnecida, porque o corpo, que a subjuga, envelheceu primeiro do que ella; porque regelou o sangue em quanto o espirito se

inflammava em impetuosas lavaredas; porque se enrugou a fronte, quando o coração se expandia com maior força de affectos: dizei depois, em consciencia, se tendes animo para vos rirdes d'esse spectaculo!

E a prova de que o ridiculo está todo nos accessorios, de que é mais para commover e impressionar dolorosamente do que para alegrar o phenomeno moral que em these absoluta condemnavam ás risadas da plateia, é que, pouco tempo depois, via-se no theatro um amôr de velho, com todas as exaltações, com todas as esperanças, com todos os receios e desesperos d'um amôr de rapaz, e apesar das barbas brancas do amante ancião, ninguem se sentiu disposto a sorrir.

Para salvar do ridiculo a Ruy Gomes da Silva do drama de Victor Hugo, bastaram as vestes negras e severas do fidalgo hespanhol da côrte de Carlos V, as armaduras de cavalleiro pendente da sala d'armas, a galeria de retratos d'uma longa serie de heroes seus antepassados; o amôr não conseguiu apequenar esse vulto que a velhice, o orgulho e a firmeza de character faziam terrivelmente grande. E comtudo não passava d'um velho apaixonado o altivo rival de Hernani.

Na sua presença, porém, os espectadores estremeciam em vez de sorrir; facil lhes seria prevêr que essa mesma paixão, olhada ainda por outro aspecto, os poderia fazer chorar.

Porque não? Pois commove-nos o desespero impotente do cego, rodeado das magnificencias da natureza, que pressente sem as poder gozar e para comprehender as quaes tinha a alma superiormente formada; a allucinação do veterano, á voz do clarim arrebatado em ardor marcial, e que se ergue impetuoso para correr ao

chamamento da patria, esquecendo por instantes que o braço mutilado já não pôde suster a espada, que tantas vezes gloriosamente brandiu; o desalento do poeta cujos sublimados anhelos o alheiam da vida real, que em seu positivismo o sacrifica, que morre como Chaterton, consumido pelo fogo do proprio genio, impossivel de existir em uma sociedade ainda não organisada para o conter em si; interessam-nos todas estas luctas, todos estes antagonismos, todos estes conflictos em que se desvanecem illusões; assistimos attentos a todo o embate solemne de affectos encontrados, sympathisamos com todas as aspirações reprimidas e instinctos naturaes subjugados por alheias resistencias e só havemos de ser inflexiveis e só havemos de rir ao vermos aquelle outro triste e doloroso combater da alma com o corpo; só nos não ha de commover a magoa, o desespero d'essa joven captiva, olhando atravez das grades de uma velha prisão o ceu azul, os prados verdes e as flores perfumadas que a enamoram? insultal-a-hemos quando, como o rouxinol aprisionado, se despedaçar em delirio de encontro aos ferros que a retém?

É uma grave injustiça. O espectaculo é mais dramatico do que geralmente o tem querido fazer.

Ha nos variados episodios da mythologia pagã, situações commoventes que estas me fazem recordar. A cada passo, alli, o amante, no auge d'uma paixão violenta, perseguindo como louco pelos desvios e recessos das florestas, a nympha fugitiva, no momento em que julga possuil-a, em que já estende os braços para lhe enlaçar a cintura e aproxima os labios ardentes para oscular-lhe as faces, afogueadas de cansaço e de pejo, sente um estranho torpor adormentar-lhe os membros, um frio gla-

cial circular-lhe nas veias e subito o coração, ainda em alvoroços d'amor, é comprimido pela rigidez do lenho que o invade; os braços, que agita afflicto, alongam-se-lhe em ramos; os cabellos que o terror levanta, transformam-se-lhe em folhagem e vigorosas raizes, prendendo-o ao solo, tornam permanente a immobildade que o susto principiou. Mas os instinctos do amor que o perdem, não se apagam apoz a transformação; a nova arvore, conservando latente o fogo que lhe deu a origem, experimenta um doloroso estremecimento todas as vezes que a *nympha* — outr'ora esquiva — vem agora recostar-se languida á sua sombra e, cheia d'uma confiança mais para desesperar do que todos os passados terrores e apprehensões, se entrega ahi descuidada a gratos sonhos de amor.

Pobre alma namorada! a forma que reveste, é agora a sua eterna condemnação, nem de esperanças se pode nutrir, já, a triste! escravizada pela materia, concentra o seu padecer, pois nem manifestal-o lhe é dado.

O que deviam sentir esses malfadados heroes do variadissimo poema mythologico, os mesmos desesperos, os mesmos desalentos, as mesmas angustias, sentem na realidade aquelles, em quem a caducidade do corpo precedeu a do espirito, que rico de aspirações juvenis, é victima d'ellas, porque até o revelal-as lhes é defeso.

E se o vaso já gasto estala então sob a pressão do forte impulso a que pretende resistir, nem ao menos commiseração ha-de inspirar, o que succumbe assim? Dolorosos infortunios estes!

As poucas scenas que se seguem, esboçam ligeiramente a historia d'um d'esses malfadados de que o mundo se ri por habito, como d'outras tantas coisas sé-

rias, que deviam merecer-lhe a compaixão e o respeito até.

Se a conseguir narrar, sem que um sorriso, obedecendo a esse habito, appareça nos labios do leitor, terei realizado o meu principal intento.

Não sei o nome da localidade onde o facto se passou.

Lembra-me só que era no outomno, n'essa quadra de melancolia, em que desmaia o azul nos ceus, em que o verde das selvas empallidece e os ventos arrebataem em turbilhões rapidos, ao longo das avenidas, onde já raream as sombras, a folhagem secça que crepita sob os pés do caminhante.

Corriam impetuosas nas levadas as aguas que fertilisam os vales. A hora do crepusculo fazia mais que nunca scismar. Com as primeiras nuvens do sul, numerosos bandos de andorinhas intimidadas atravessavam os ares, procurando climas, onde lhes sorrisse aiuda a primavera.

O sitio era ameno, proprio para se gosar d'alli esse bello espectaculo da natureza. Uma collina elevando-se graciosa do meio de uma amplissima e vicejantes bacia. No valle, que a cerca, tudo em mozaicos de verdura; prados extensos, veigas, devezas, choupaes a banharem-se na agua, arroios serpeando por entre a relva, espraian-do-se além em pequenos lagos, despenhando-se ruidosos

dos açudes e ora a esconderem-se por traz de umbrosos cómoros, ora, patentes na planicie, a retratarem as rosas, as ultimas borboletas errantes, as nuvens e o rosto alegre das lavadeiras.

Pela encosta entrelaçavam os ramos vigorosos carvalhos seculares, cujo tronco rugoso e carcomido revestiam as heras e os musgos; de espaço a espaço, cortava o caminho um d'estes gigantes derrubados, nutrindo dos restos já sem vida a vegetação nascente que lhe rompia do seio; os algares da corrente, occultos por um denso tecido de fetos, de giestas e de tojos, denunciavam-se apenas pelo ruido da agua, descendo no leito pedregoso; ouvia-se o restejar do reptil, fugindo ao rumor das passadas, mas difficil seria igualmente perceber-o entre as folhas soltas e crestadas que alastravam o chão.

Em cima, na planura onde conduziam os tortuosos caminhos que ladeavam a collina, erguia-se d'entré a espessura dos alamos sussurrantes, uma pequena capella que, sustentando a cruz sobranceira ás franças das mais elevadas arvores, parecia estender a todas as varzeas e povoados que dominava d'alli, a influencia salutar e benéfica d'esse symbolo de redempção.

Quando, ao declinar da tarde, soavam do alto da torre lateral os toques da Ave-Maria, em todas as aldeias abrigadas junto á base da collina, nas mais pobres choupanas como nas mais fartas herdades do valle, nenhuma cabeça ficava por descobrir, nenhuns labios deixavam de murmurar reverentes a saudação angelical; e se os ventos levavam o som harmonioso e plangente do pequeno sino até ás longinquas cordilheiras de serras que, como indistinctas massas azuladas limitavam circularmente aquelle horisonte vastissimo, os serranos, dispersos com os re-

banhos pelos pacigos ou encerrados nas choças colmadas das montanhas, volviam saudosos as vistas para o ponto branco d'onde lhes chegavam aos ouvidos aquelles sons quasi a esvaecerem-se e recordavam-se suspirando da devota romaria que todos os annos os levava alli, junto ao altar da milagrosa *Senhora da Saude*, sob cuja invocação fôra levantada a capella.

As romarias! as romarias! gratas recordações, unicas talvez, d'aquella pobre gente da serra! As horas rapidas de goso, que um só d'esses dias de festa lhes dá, compensam-lhes de sobra as continuadas fadigas da vida tão trabalhada e penosa. Em torno á pequena ermida, onde cada anno affluem de tão longe essas piedosas peregrinações de devotos, parece esvoaçar de continuo uma turba de espiritos alados que nos segredam historias de tantos amores, nascidos alli e alli santificados, junto ao altar onde as dadas votivas dos menos esperançados se amontoam, a velar pelo seu destino e a propiciar-lhes o ceu.

De quantas incertezas, de quantas esperanças, de quantas alegrias e apprehensões não sois vós sabedoras, despidas paredes d'esses templos singelos, onde faltam os ornamentos da arte e as sumptuosidades do culto, mas que as crenças populares engrandecem e as lendas tradicionaes, que de velhos a creanças se transmittem, perfumam de poesia! Que de orações fervorosas, rude mas eloquente linguagem d'aquellas almas de crenças robustas, tem sussurrado no estreito recinto d'esses muros! que olhares de mystico enlêvo erguidos até á imagem do altar, á qual o grosseiro da esculptura parece augmentar ainda o prestigio!

E não vos hão de fitar saudosas as vistas dos romei-

ros, rusticas ermidas, depositarias dos mais ardentes votos da sua alma? Arvores que as rodeaes, poderiam desconhecer-vos no horisonte ou confundir-vos com outras os olhos do pastor errante ou do lavrador curvado, quando o coração lhes diz que sois vós, vós que de longe lhes acenaes, com as ramas agitadas, como para os alentar, no trabalho com a esperança de um outro dia de goso?

A fantasia vòs-lhes com as aves a occultar-se na espessura d'esses bosques, onde com ellas volteia namorada pelas mais solitarias moutas e pelas arborisadas margens dos ribeiros.

D'estes logares celebrados assim pela devoção e sympathia popular, poucos tão ricos de tradições piedosas, como a collina, em cujo cimo estava como dissemos, erigida a capella de *Nossa Senhora da Saude*.

Cada familia dos arredores tinha a sua lenda de milagres a referir-lhe. Uma romagem á Senhora no dia consagrado passava por a suprema medicina. Não havia mal que aquella intercessão não remediasse, ou fosse doença verdadeira ou, o que é peor, d'esses males de coração que ainda são mais pertinazes, que ainda fazem mais padecer. Diziam-n'o as innumeraveis historias que aos serões as velhas contavam ás creanças para lhes robustecer a fé e algumas das quaes tão singulares e miraculosas eram, que até do pulpito as repetiam os prédadores.

A fama estendera-se e tanto que de anno para anno augmentava a affluencia dos anciosos do beneficio; muitos dos quaes, convencendo-se de que não menos capaz do milagre devia ser aquella atmosphaera salutarmente vivificada por uma abundante vegetação, por alli se dei-

xavam ficar, associando assim a hygiene com as devoções.

Por isso, o viandante, que agora seguia as pittorescas veredas, pelas quaes o monte era em diversos sentidos irregularmente cortado; via, em toda a extensão da encosta, a apparecerem-lhe e desaparecerem-lhe successivamente por entre a verdura, casas de risonha apparencia, dispersas ou reunidas em graciosos grupos, com as paredes alvissimas, as portas verdes e os telhados vermelhos e cercadas de bonitos jardins, tão rescendentes de perfumes na primavera, que aromatisavam em redor todos os caminhos.

A maior parte d'estas casas era habitada por uma população fluctuante de valetudinarios ou convalescentes que procuravam vigorar forças, respirando a pleno seio o ar purificado e livre das montanhas e dos bosques.

Pela manhã, quando as nevoas principiavam a dissipar-se e, por entre a folhagem das arvores, o sol penetrava mais fomentador de vida e ia evaporar o orvalho que ainda rociava as hervas dos caminhos, viam-se subir a collina, a passos vagarosos e com frequentes pausas, esses pallidos doentes, que pareciam renascer só ao receberem aquellas auras embalsamadas pelos perfumes das flores, e suavizadas pelos primeiros calores da manhã.

Era o velho quebrantado e tremulo, parando a meio caminho da ladeira que subia, a fitar o ceu, como se d'antemão procurasse decifrar o problema que em breve teria de resolver; o mancebo, inquieto e pensativo, de aspirações ardentes e subidas e em tão alto grau que no empenho de as realisar lhe falleceram as forças e no forte da lucta sentia-se succumbir; a virgem, meiga e melan-

colica, como uma das mais ideaes creações ossianicas, errante por entre as arvores seculares ou pendida á borda das correntes, escondendo uma lagrima ou simulando um sorriso, manifestações diversas na apparencia e ambas denunciadoras tantas vezes d'uma grande tristeza inferior; a mãe, joven e doentê, em torno á qual brincava um bando de creanças alegres e cheias de vida, ignorando, as innocentes, que todo o seu destino, que as suas alegrias ou as suas dores no futuro dependiam agora d'aquellas arvores, onde se balanceavam risonhas, d'aquellas virações que lhes açoutavam os cabellos soltos e anelados.

Assim pois o lutar da vida e da morte era o que por toda a parte se via. Contrastes de esperanza e de desalento, *antitheses* de sorrisos e de lagrimas formavam a feição mais caracteristica do quadro.

O cahir das folhas, o desenflorar da relva, os gemidos das aves, e as sombras errantes que as nuvens projectavam pelos campos, tudo parecia harmonisar-se tristemente com o scismar interrogativo do velho, com o suspirar do mancebo, com as lagrimas da donzella e com o abraço convulso da mãe, cingindo ao seio, n'um frenetico movimento, as cabeças loiras das creanças que lhe sorriam.

Era a vida a declinar; a consciencia d'um fim proximo a reprimir aspirações a um longo futuro de mais prazeres e gosos.

Vacillantes entre um passado risonho e um porvir tenebroso e incerto, entre a saudade do que foi e o medo do que ha-de ser, esses pobres desconfortados sorriam ainda, animavam-se, davam uns aos outros esperanças que não sentiam em si.

Às vezes desaparecia de entre elles um rosto conhecido, fechava-se uma casa.

Resolverá-se para esse o problema, terminara a incerteza. Ou o arrebatára a morte aos seus mysterios ou o restituira a saude ás suas alegrias. E, conforme uma ou outra d'estas soluções, assim o desalento ou a esperança se divisavam por dias no rosto dos companheiros que ficavam.

Letras gravadas nos troncos das arvores attestavam as recordações saudosas dos que tinham passado alli. Os soveiros e as faias eram os confidentes silenciosos de muita paixão secreta, de muita illusão desvanecida, de muito coração despedaçado. Quantas lagrimas elles teriam sentido correr, ao receberem aquellas enigmáticas memorias de um ser ausente que chorava tambem ou, amarga ideia e quasi sempre mais verdadeira, que se esquecia e que por isso mesmo mais amado era ainda! Mysterios do coração!

Estas letras, destinadas a durar talvez mais do que a mão que as gravava, documentavam muita historia triste, dramas ignorados, cujo ultimo acto se representára n'esses sitios, que assim conservavam d'elle os derradeiros vestigios.

Nas paredes caiadas da capella do monte o lapis reproduzira memorias iguaes ás que se viam gravadas nos troncos e outras menos concisas, que mais facilmente trahiam o pensamento que as dictára.

Inscrições innumeraveis, irregulares, amontoadas, por vezes illegiveis, cobriam-n'as até á altura a que podia attingir o braço.

Frases cortadas, exprimindo muito, mas deixando ainda mais a adivinhar; confrontações de nomes, que de-

nunciavam uma historia inteira; duvidas formuladas, indicio de violentos e terriveis estados da alma; apostrophes impias, dictadas pelo desespero; canticos reverentes, inspirados pela resignação e pela fé...—de tudo se via alli. A elegia junto á ode; a saudade e logo apoz a esperanza; o scepticismo que fazia estremecer e a crença consoladora, expressos por todas as formas, concebidos dos modos mais variados, narravam eloquentemente a historia do coração humano nos mais solemnes momentos da sua vida tumultuosa e apaixonada.

Era mais do que curiosa a leitura d'aquelle album singular; era instructiva e altamente philosophica.

Se se podessem reunir todos esses fragmentos dispersos, completar as frases interrompidas, preencher as lacunas, adivinhar o nexó mysterioso de certas ideias, apparentemente sem relação logica que as fizesse dependentes, ter-se-ia instituido um profundo estudo psychologico e a mais perfeita analyse dos affectos que dominam a existencia do homem.

Por mais do que um motivo se tornava pois curioso o logar, onde as exigencias da narração me obrigaram a transportar imaginariamente o leitor.

### III

Rompera alegre a madrugada de um dos mais bellos dias do outomno.

O orvalho gotejava ainda das folhas das arvores sacudidas pela brisa matinal, e as gotas limpidas e oscilantes parecia metamorphosearem-se em rubis, saphiras e esmeraldas, ao refractar os raios da luz solar.

Era encantador o aspecto da collina n'aquella manhã; similhava á donzella que, brincando, desenfiou o seu colar de brilhantes e os soltou em desordem pelos cabellos, pelo seio e pelo regaço, d'onde, ao menor movimento, lhe rolam até cahirem no chão.

Os primeiros calores do dia erguiam já dos valles o sendal de nevoas que os envolvera, e, dissipando-as na atmosphera, temperavam de tintas mais suaves o azul escuro do ceu.

Sobrepostas ás serranias que limitavam o horisonte, divisavam-se grandes massas de nuvens, cujos reflexos á luz oriental lhes davam a apparencia dos altos gelos que coroam as cristas das montanhas.

Illudidas por estes simulacros de primavera, as proprias plantas pareciam renascer. A seiva affluia-lhes de novo aos ramos despidos e desenvolvendo-lhes os gomos, revestia-as de folhas, desabrochando-lhes os botões enfeitava-as de flores, e os insectos, surgindo uma vez ainda do lethargo incipiente, adejavam em torno á corolla humedecida que lhe patenteava os nectarios.

Sorria a natureza ainda, mas havia o quer que era meigo e melancolico n'aquelle sorrir. Eram como as alegrias placidas do enfermo, victima de uma doença fatal, a quem a mais ephemera remissão faz conceber os prazeres da convalescença, mas sem que o possa illudir.

Ameaças permanentes no meio d'esta tranquillidade geral, eram, no horisonte, as nuvens, como aguardando só por um signal para invadirem o espaço, e um rumor longinquo e monotono que de quando em quando os ventos traziam aos ouvidos, como o grito de fera aprisionada—a voz prophetica do mar pregoando tormentas durante a bonança que momentaneamente reinava.

A vida do campo manifestava-se toda nas eiras e nos celeiros onde se enthesouravam as riquezas do lavrador.

Risos, cantares, vozerias confusas, com que por toda a parte na planicie se acompanhavam os differentes trabalhos das colheitas, chegavam, como mal distincto borbório, ao alto da collina, onde em compensação reinava o silencio solemne e imponente, silencio, não absoluto porque fallam os bosques e as torrentes, porque fallam as aves e os insectos; mas em que se não ouve a voz humana — o silencio da solidão.

De facto a collina podia dizer-se deserta.

Era cedo ainda para o passeio matinal da pequena colonia de enfermos, que a habitava.

O doutor Jacob Granada recommendava-lhes que evitassem os neveiros da manhã e poucos ousariam infringir as ordenações do velho medico, que no tocante a execução dos seus preceitos dava provas d'uma intolerancia despotica.

Jacob Granada era um d'estes homens singulares que desde a primeira entrevista nos deixa uma impressão profunda e indelevel e cujo o tracto continuado, a não se lhe oppôr convenientemente uma vontade inflexivel e uma grande força de character, tende a dar-lhes um predominio tal sobre os animos, que difficil é mais tarde subtrahir-se qualquer, que por algum tempo se lhe sujeitou, a tão poderosa influencia.

Se o poder magnetico tal como o concebem os mais credulos e ardentes apologistas da phantastica arte de Mesmer, fôsse uma realidade e não uma simples criação de visionarios, de certo possuiria Jacob Granada essa faculdade superior no grau mais elevado.

A innegavel influencia moral de caracteres como estes sobre os menos rijamente temperados explica, e até d'alguma sorte justifica, a origem d'essa singular doutrina que a aura popular, favoravel a todas as idéias novas e extravagantes, tão extraordinariamente propagou.

Em Jacob Granada auxiliava ainda a influencia d'essas qualidades moraes, um conjuncto de caracteres physiognomonicos que não podia deixar de ferir a imaginação menos sugeita a impressões d'esta ordem.

Os lineamentos predominantes da raça israelita, da qual a familia d'elle originariamente procedia, desenhavam-se-lhe accentuados nas feições angulosas e expressivas, imprimindo-lhes um cunho de nacionalidade, cuja interpretação não podia enganar.

Sobre a fronte, estreita mas elevada, alvejavam-lhe em raras e desordenadas madeixas, as mais formosas cãs que ainda adornaram uma cabeça de ancião. Os lábios delgados e deprimidos nos angulos por contracção habitual, denunciavam longos habitos de reflexão e de reserva que effectivamente lhe estavam na indole. No nariz havia completa e absoluta conformidade com o do typo judaico, e os olhos pequenos, mas d'uma vivacidade de fogo, exprimiam a intelligencia e subtileza de espirito que um conhecimento ulterior não desmentia n'elle.

Era excessivamente magro e um tanto curvado pelas fadigas do estudo e pelo peso de sessenta annos de vida trabalhada por incessantes esforços phisicos e intellectuaes; não obstante nunca deixára de observar os mesmos habitos laboriosos, que eram já para elle imperiosa necessidade.

Ao romper do dia o jornaleiro encontrava-o nos caminhos com o vestido negro e singelo, no qual conseguia combinar certa severidade com um não estudado desalinho, e correspondendo sempre ás saudações por uma frase invariavel, ou um simples e distrahido movimento de cabeça.

Os cuidados de que Jacob Granada rodeava os seus doentes, ainda que salutaes, pesavam como um jugo, impertinente até para os de animo mais docil e submisso. Quem se confiasse á sciencia do velho facultativo tinha de depositar previamente nas mãos d'elle, toda a liberdade de acção e de pensamento durante o tempo por que se prolongasse a molestia.

Exigia que o doente pensasse pela cabeça do medico, que não formasse uma só resolução sem expressa-

mente lhe ser authorisada pelas prescripções regulamentares que para cada qual instituia.

A completa resignação da vontade propria na sua, a inteira abstenção de tudo quanto fossem perguntas ou objecções sobre o tractamento seguido, a cega observancia dos preceitos, aparentemente mais insignificantes; que tivessem sido aconselhados por elle, eram as condições fóra das quaes não se encarregava de tractamento algum; e á menor infracção, declinava de si a incumbencia, para nunca mais a assumir.

Este despotismo medico valia ao doutor Jacob uma clientela numerosissima e inspirava uma confiança illimitada na sua medicina.

Escutavam-n'o e obedeciam-lhe como a um oraculo e os mais ousados tremiam de contrariar-o ou de lhe fazer se quer uma d'essas observações, ás vezes tão absurdas, que todo o doente se julga authorisado para dirigir ao seu assistente.

As formas asperas e sarcasticas com que Jacob Granada respondia ás mais timidias interpellações, nas quaes via sempre uma tentativa de revolta, tiravam a vontade de as reproduzir.

Ora, para os homens que tem de viver com as multidões, este procedimento é sempre fecundo em resultados.

Apresentar-nos perante ellas como dominadores, como espiritos fortes não dispostos á menor concessão é de alguma sorte revelar-lhes a consciencia da nossa superioridade e desarmal-as para a resistencia; pelo contrario, encaral-as timidos, acceitar-lhes observações, respeitar-lhes repugnancias, afagar-lhes tendencias e sympathias, é fazer confissão de fraqueza, estender a cabeça

ao jugo dos caprichos d'ellas, o sufficiente para nos desprestigiar e quebrar-nos as forças para o momento da acção.

Ou por indole ou por calculo, havia Jacob Granada evitado o desprestigio e exercia sobre a sociedade que o rodeava um imperio absoluto.

Era por isso que os doentes d'aquella pequena colonia medica confiada á sua direcção não tinham ainda ousado aventurar os primeiros passos sobre a relva humida dos caminhos, não obstante o aspecto convidativo da manhã, e contentavam-se, limpando o vapor condensado pelo frio nos vidros das janellas, em olhar através d'elles, com os rostos descorados, para aquellas arvores que de fóra os seduziam.

D'esta escrupulosa observancia d'um dos seus preceitos hygienicos se podia convencer por os proprios olhos o inflexivel doutor, que, ao contrario dos doentes e em opposição com as prescripções que instituia, havia muito passeava nas ruas irregulares e relvosas da alameda que circumdava a capella.

Não obstante a satisfação que d'esta fiel obediencia parecia dever resultar-lhe, não eram desanuviadas n'aquelle momento as feições do velho medico.

Uma profunda preocupação de espirito revelava-se-lhe nas rugas mais accentuadas que lhe sulcavam longitudinalmente a fronte, na maior contracção dos labios e na rapidez e irregularidade do andar, interrompido por pausas subitas e movimentos impacientes.

As vezes soltavam-se-lhe do peito, que se elevava em agitação febril, suspiros mal reprimidos; e os punhos cerravam-se-lhe em contracções nervosas; outras, um pro-

fundo desalento abatia-lhe a fronte e os braços descahiam-lhe como desfallecidos ao lado do tronco.

De quando em quando parava, parecendo absorvido na contemplação de um objecto qualquer, como se n'elle descobrisse alguma coisa de mysterios e estranho que o confundia; abaixava-se rapidamente para apanhar uma flor cortada e esquecida no chão e logo depois arrojava-a de si com enfado visivel; corria com anciedade para a arvore, em cujo tronco divisara uma inicial aberta de vespera e cedo afastava-se d'ella, como se a observação o contrariasse. Qualquer pequeno ruído o fazia voltar em sobresalto; parava perturbado, depois, sacudindo a cabeça por um movimento cheio de phrenozim, recahia mais profundamente ainda na turbção anterior. Palavras sem nexo, imperceptiveis, incapazes de lhe trahir o pensamento, sahiam-lhe dos labios e faziam-n'ó estremecer, como se outro as pronunciasse.

Ora, para quem conhecesse ou julgasse conhecer o dr. Jacob, era muito para estranhar o seu estado extraordinariamente febril n'aquella manhã.

Á impassibilidade professional que a opinião commum se apraz em attribuir a todos os medicos, reunia de facto Jacob Granada um temperamento naturalmente apathico, um sangue frio nunca desmentido nos lances mais patheticos e commoventes.

Gosava até entre os collegas d'uma reputação de alma empedernida, que elle se não dava ao trabalho de desvanecer.

Viam-n'ó sorrir no momento em que sob os golpes vagarosos e intrepidos do seu escalpelo os operados se estorciam em convulsões desesperadas; observavam-lhe as feições inalteraveis quando, á cabeceira do amigo ago-

nisante, percebia no successivo decahir do pulso e na decomposição do rosto, o termo imminente d'uma vida que se lhe suppunha cára. Tinha sempre a mesma dureza de maneiras, a mesma franqueza, ás vezes cruel, para com todos, qualquer que fosse a idade, o sexo e a condição. Não sabia de caricias para as creanças, de delicadezas para as mulheres, de affabilidades para os pobres, de contemplanções para com os tímidos, de respeitos para a velhice. Todos eram doentes para elle e elle para todos medico e nada mais; mas o medico que diagnostica, que receita, que opera, e não afaga, não lisongeia, não consola os doentes, que, sabendo-se necessario, não ambiciona tornar-se desejado; que não recua no emprego de um meio salutar pela lembrança do padecimento que suscita; que vela pela saude dos seus enfermos, mas zomba da sensibilidade d'elles.

Costumara-se a fazer o bem, como o cumprimento de um dever de que a razão o convencera, mas suppunham-n'o incapaz de experimentar aquella suave satisfação que de tal practica resulta ás almas mais delicadas.

Vivia só, não conhecia um unico parente, evitava relações intimas, afugentava-as pela maneira glacial com que recebia as tentativas dos poucos que as procuravam.

Tinha sempre um sorriso de zombaria para os padecimentos moraes, em cuja existencia não acreditava.

Para elle tudo eram lesões, tudo órgãos alterados, tudo perturbações materiaes. Á medicina psychologica dos medicos espiritalistas devia os seus melhores epigrammas. Não havia doença de poeta ou de amante platonico para a qual não formulasse.

Era um desapiedado adversario d'esse vaporoso phantasma, que persegue actualmente as mais delicadas organisações femininas—o nervoso; ou o recebia com um sorriso de sceptico, ou instituia contra elle uma ordem de meios curativos capaz de aterrar inimigos, muito mais reaes e palpaveis.

Inteiramente indifferente ao conceito publico, não observava as modas em coisa alguma, não se justificava de arguições, nem recebia conselhos.

Finalmente, tinha a reputação de grande medico, mas de homem insociavel e de verdadeira alma de marmore.

Era pois excepcional aquella profunda inquietação.

Fundira-se o gelo d'aquelle animo impassivel?

Houvera enfim um estimulo que despertara essa sensibilidade entorpecida até então?

Assim parecia.

Quem o visse agora pela primeira vez, hesitaria em receber como verdadeiro o conceito que geralmente se fazia do seu character e que acabamos de esboçar aqui.

Não é dos temperamentos frios e impassiveis essa excitação febril, esse movimento sem causa, sem norma, sem pensamento regulador que o agitava; antes se revelava em tudo isso uma poderosa sensibilidade, ou nova n'elle ou pelo menos ignorada.

Por muito tempo durou ainda o estado de inquietação e sobresalto, que tão excepcionalmente revelava n'aquella manhã o fleugmatico doutor Jacob.

Corriam os momentos consagrados por elle de ordinario ás tarefas clinicas, e, como se uma força irresistivel o retivesse alli, proseguia n'aquella marcha rapida e desordenada, só interrompida de quando em quando por gestos e movimentos mais desordenados ainda.

Mudando porém quasi sem consciencia do que fazia, a direcção ao passeio, e encaminhando-se para um dos lados da capella que até então lhe ficára occulto, estremeceu e instinctivamente recuou alguns passos como se uma subita e terrivel apparição lhe surgira d'alli.

Depois com os olhos fitos, os labios entreabertos e o corpo inclinado permaneceu em suspensão quasi extatica, e que formava notavel contraste com a turbação anterior.

Quem assim lhe absorvera tão profundamente a attenção era uma mulher joven, de estatura esbeltamente elevada e de formas airosas, realçadas por as amplas dobras de um vestuario elegante, a qual n'aquelle momento parecia attentamente occupada em accrescentar, na parede da capella, mais uma inscripção, ás tantas que existiam já.

A descoberta impressionaria Jacob Granada por vêr n'ella uma flagrante infracção de preceitos medicos, commettida por uma das mais rebeldes doentes da colonia?

Com difficuldade se convenceria que fosse essa a causa de tão extraordinaria surpresa quem n'esse momento lhe estudasse a physionomia com alguma attenção.

De facto era notavel a mudança.

O ar de sombria severidade que lhe era habitual desapareceu-se, como por encanto, e um sorriso, phenomeno raro n'aquelle semblante carregado suavizando-lhe a dureza typica dos contornos, pela primeira vez o mostrou capaz de uma expressão de affabilidade e de brandura que ninguem conhecia n'elle.

No olhar havia chammas que contradiziam a frieza de que fazia ostentação, nos labios uns visos de bondade

a protestarem contra a velha reputação de rispidez que adquirira.

Era uma metamorphose completa.

A mulher que, sem o saber, se tornára o objecto d'este silencioso exame e a causa talvez de uma profunda revolução n'aquelle espirito que se julgava morto para as impressões violentas, continuava, no entretanto, escrevendo com uma rapidez que parecia querer acompanhar a dos pensamentos que lhe acudiam.

Affirmar-lhe a belleza, mas desistir da tenção de a caracterisar é o mais que póde fazer quem não possuir o segredo de certas physionomias que nos impressionam, que nos enthusiasmam por não sei que fatal influxo que parece irradiar-se d'ellas. Está o mysterio na pallidez diaphana do rosto? no quebrar voluptuoso d'uma vista cheia de languidez? no ondado elegante de transas negras e macias? na inexprimivel melodia de certas inflexões de voz? em um arfar de seio promettedor de delicias? Quem o póde dizer? A influencia sente-se; não se explica.

O bello que a arte, debaixo de qualquer das suas manifestações, consegue realisar, ainda se estuda, ainda de alguma maneira responde ás interrogações analiticas do artista philosopho.

O pintor consegue pelo estudo entrever o mysterio que faz grandes as obras dos mestres; o musico, o segredo de harmonia das mais sublimes composições da sua arte.

Mas o bello na natureza é mais independente d'essas leis que a meditação sobre os grandes modélos pode descobrir e que ha muito a arte formulou. Vemos ahi a cada passo dissonancias que agradam e arrebatam; combina-

ções de côres, em que a vista, mau grado as leis do colorido artistico, se repousa deliciada; physionomias que seduzem, a despeito dos reverenciados moldes gregos, que a arte admira como a suprema manifestação da belleza humana e que a natureza infinitas vezes com felicidade despreza.

Descrever fielmente uma d'essas bellezas mysteriosas, analysal-a feição por feição, é tentativa infructifera.

Do todo é que procede o encanto, uma vista unica o concebe, um estudo minucioso desconhece-o.

Pintam-se as flores, mas os perfumes subtraem-se ao pincel; ora a belleza feminina tem como as flores o aroma que enebria; a mais exacta descripção não o pôde reproduzir.

E a belleza de Valentina mais que todas, tão dependente como era da vida que a animava, seria pallidamente concebida pela copia mais fiel.

O que n'ella mais fascinava era de facto a quasi scintillação d'aquelle olhar eloquente, as caprichosas contracções dos labios, os movimentos graciosos da cabeça, que ora inclinava languida, ora erguia com vivacidade nervosa, o rubor intenso e a profunda pallidez que alternadamente á menor causa lhe invadiam as faces, todos estes effeitos d'um character por natureza movel, d'uma sensibilidade extrema que a primeira observação revela, mas que paginas inteiras não bastariam para descrever.

Dir-se-ia a personificação d'um capricho, mas de um d'esses caprichos que, se com exigencias nos revoltam, com attractivos nos desarmam. Na volubildade das feições, no arrojo do penteado, nas graças do vestir negligente, na leviandade, com que tractava as coisas serias e sisudez que lhe mereciam outras insignificantes e pue-

ris, denunciava-se a todo o momento aquella indole essencialmente feminina.

Confiando-se aos cuidados medicos do doutor Jacob era pois de prever que, por impulsos d'esse genio indomavel, se revoltasse contra a vontade despotica que elle pretendia exercer sobre todos os seus doentes.

Effectivamente ninguem lhe tinha ainda mostrado uma tal insubordinação, mas tambem ninguem encontrára ainda da parte do medico israelita tão absoluta tolerancia.

Só Valentina se atrevia a discutir com elle o valor de algumas prescripções, só ella abusava dos epigrammas sobre medicos e medicina, que Jacob Granada de ninguem escutava impassivel, como fervoroso crente que era na realidade da sua sciencia.

O fanatismo medico que anathematisava Rabelais, Moliere, Bocage e a turba menos famosa dos que todos os dias insulsamente lhes parodiam e parafrazeam os epigrammas, despojava-se da sua severidade para acolher com um sorriso as allusões satyricas de Valentina que fazia do seu scepticismo gala.

Esta condescendencia excepcional no doutor fôra já detidamente commentada nos circulos onde se discutiam os successos mais notaveis d'aquelle monotono, mas salutarifero viver de aldeia.

Os espiritos mais malignos aventuravam insinuações, tanto mais jovialmente recebidas, quanto menor era a plausibilidade d'ellas.

Riam-se do engraçado da supposição, como de um disparate irrealisavel; mas a fama de inflexibilidade e dureza de Jacob Granada nem de leve se sentia abalada pelo roçar d'estes gracejos que lhe voejavam em torno.

Abria-se uma excepção a respeito de Valentina. A

natureza humana havia de revelar a sua fraqueza originaria alguma vez.

Todas as invulnerabilidades são como as de Achilles, ha sempre um calcanhar que as atraiçoã.

Mas uma simples condescendencia, um assomo de delicadeza para com uma mulher joven e elegante, não contradiz uma reputação que mil provas solidamente firmaram.

As immuniidades, de que Valentina gosava, acabaram por ser olhadas com o indifferentismo com que recebemos todos os factos consummados. Ninguem comtudo se sentia com forças para repetir a experiencia.

Um dos motivos de revolta mais frequentes em Valentina eram as ideias um pouco materialistas do seu facultativo.

Com grande espanto e quasi terror dos que a escutavam, a cada passo se arvorava em defeza dos padecimentos moraes, em cuja existencia Jacob Granada parecia não acreditar.

— «Desafio-o, meu caro doutor, disse-lhe ella uma vez armando-se de um dos seus sorrisos mais provocadores, — desafio-o a que me aponte com o dedo a lesão physica que me trouxe aqui ou me diga ao ouvido a droga medicinal que me deve curar. Rio-me interiormente sempre que o vejo tomar-me o pulso, inspecionar-me a lingua, auscultar-me o palpitar do coração e sentar-se para formular. Eu sei mais da minha doença do que lhe podem ensinar todos esses livros de grande formato que folheia até altas horas.

«Cria-me, doutor, se quizer ser medico eminente, estude menos a anatomia do coração ou espiritalise-a.

Olhe que nem todos os padecimentos d'elle são aneurismas ou lesões semelhantes.»

Estas palavras que n'outra bocca teriam provocado uma explosão no genio irascivel e intolerante do clinico, foram d'esta vez acolhidas com um sorriso singular, como até alli ninguem tinha ainda observado nos labios do doutor e seguido de um silencio reflexivo, muito parecido a completa abstracção.

Desde o momento em que pela primeira vez colheu este animador resultado, Valentina declarou-se emancipada da salutar mas pesada tutela do velho medico.

É assim que a vimos infringindo com todo o sangue frio uma das prescripções do doutor, e ainda d'esta vez a tolerancia excepcional do rispido facultativo para com ella não fôra desmentida.

Não era com mudas estupefacções e arroubamentos quasi extaticos que Jacob Granada costumava receber os delictos d'esta natureza.

O facto, com outro qualquer, obrigar-o-ia a romper em um accesso de indignação que mais se lhe coadunava com a indole do que aquelle transportado enlevo em que ficára absorvido.

Um movimento inesperado de Valentina fel-o emfim instinctivamente recuar; a não ser isso, alheio a tudo o mais que o rodeava, o que o poderia chamar a si?

#### IV

Procurou então o abrigo das arvores para d'alli, sem ser reconhecido, poder continuar a observal-a.

Valentina, ignorando-se espionada, entregava-se em plena liberdade ao trabalho de composição litteraria, no qual parecia empenhar todas as suas faculdades.

Ora escrevia com velocidade, como se a ideia, logo ao despontar, se modelasse immediatamente na forma desejada; outras vezes, interrompia-se e inclinava a cabeça, como se luctando interiormente com uma difficuldade imprevista; mas a impaciencia natural d'aquelle espirito não lhe permittia longa hesitação; affastava-se então da capella com gesto de enfado, para voltar de novo, forçando a vontade, que por instincto se revoltava contra toda a especie de subjeição.

Jacob Granada não perdia um só d'esses movimentos: seguia-os com avidez.

Uma poderosa fascinação parecia ter-se apoderado d'elle.

Dir-se-ia arrebatado em extasis do fervoroso culto.

Não seriam pois infundadas as innocentes allusões, que a tolerancia sem exemplo do velho doutor para com Valentina havia suscitado?

Rebentariam emfim os affectos d'aquelle terreno arido? Agora, que as neves da velhice lhe branquejavam na frente, é que se derreteria o gelo que tanto tempo lhe pesára no coração?

Talvez elle proprio se interrogasse sobre a estranha commoção que o dominava, nova para os seus sessenta annos de vida isolada, e hesitasse em determinar-lhe a causa.

Recuava talvez n'aquelle momento diante da explicação que a consciencia lhe murmurava e queria illudir-se sobre a fatal influencia a que cedia.

Grandes deviam ser os combates interiores que se travavam n'aquella alma forte de toda a vida accumulada durante uma juventude vazia de affectos.

O rosto recebia o reflexo d'essa lucta, assumindo alternadamente as mais diversas expressões; ora illuminavam-n'o os raios da esperanza, outras vezes assombrava-o uma nuvem de desalento.

Preparava-se talvez mais uma victima para o longo martyrologio moral, menos que o outro celebrado em panegyricos, menos recompensado pela compaixão mundana; porque quando a vista do sangue, o flagellar das carnes e o estalar dos ossos não falla aos sentidos da multidão, não ha sentimentos para comprehender provações, lagrimas para chorar infortunios, ás vezes não menos dolorosos.

Os martyres obscuros das paixões morrem contendo em si mesmo os instrumentos da sua tortura. É o proprio coração que cingem do cilicio angustiante; é inte-

rior a lavareda que os consome; lá dentro se lhe prepara a cicuta, que os ha-de abraçar. Por isso só almas delicadamente perspicazes lhes assistem ao supplicio, só d'ellas, e bem poucas são, podem esperar os lamentos e as symphathias; das outras em vez de lagrimas recebem muitas vezes os risos; em vez de alentos, motejos.

A multidão piedosa chora á vista das chagas sangrentas do Christo, mas não comprehende as intensas amarguras moraes d'aquelle espirito divino que via a negação das suas sublimes ideias de paz e de amor no supplicio a que succumbia? afflige-a a coroa da irrisão pelo pungir dos espinhos que a formavam; mas não suspeita que outra angustia, mais acerba ainda, despertava no martyr em quem a cingiram.

Almas martyrisadas, padecei soffrendo, succumbi sem um queixume; rir-se-iam de vós se vos lamentasseis.

Vossos infortunios não são comprehendidos; mais vale occulta-os como se tivésseis de envergonhar-vos d'elles.

Jacob Granada devia saber que tal seria o futuro d'aquella paixão,—e era paixão o que sentia em si?—se um dia aquellas revelações, timidas ainda, do coração commovido chegassem a pronunciar o segredo que elle mesmo tremia de suspeitar.

O amor valer-lhe-ia uma condemnação.

Ceder-lhe—era perder-se; resistir—seria possivel?

Jacob Granada luctava, luctava como um desesperado, porque tinha consciencia do perigo. Mas a attracção era poderosa, a fascinação enleivava-o, arrebatava-o.

A força, com que resistia, devia tornar mais impetuosa a queda, se afinal chegasse a fraquear.

Absorvido por estes pensamentos, agitando no espirito a tremenda questão que o preocupava, permaneceu im-

movel a contemplar Valentina, até que a viu caminhar, afastar-se, sumir-se por entre as arvores da alameda. Então, como se acordando sobresaltado de um profundo lethargo, olhou em roda de si e correu, com uma anciadade de allucinado, para o logar onde observara essa encantadora visão.

Foi sob o dominio de um estranho desassocego que pôde lêr as seguintes quadras que ali encontrou escriptas:

Fugi, andorinhas; em mais longas plagas  
Buscae outras praias, florestas e ceu.  
Que é triste o bramido que soltam as vagas,  
E um vento presago nos bosques gemeu.

Fugi, namoradas das flores e estrellas,  
Olhae: estes campos sem flores estão,  
E cedo os espaços, á voz das procellas,  
Sinistros, cerrados, sem luz ficarão.

Fugi, apressae-vos, alados viajantes,  
Em bandos ligeiros os mares cruzae.  
Por outros paizes, por selvas distantes,  
Mais flores e aromas, mais luz procurae.

Deixae estes montes de neve c'roados,  
As selvas despidas, e as folhas sem cor,  
As grossas torrentes e os troncos quebrados  
E os valles cobertos de denso vapor.

E quando, mais tarde, na verde campina  
As rosas voltarem com viço a florir,

E as serras, despidas da intensa neblina,  
Virentes, formosas se virem surgir;

E quando deslisem na praia arenosa  
Mais lentas, mais brandas, as vagas do mar,  
E das laranjeiras de copa frondosa  
Cahirem as flores no chão do pomar;

E quando fugirem, informes, pezadas,  
As nuvens sombrias que se erguem do sul,  
Correndo dispersas e em flocos rasgadas  
Nos pláinos immensos de um limpido azul:

Voltae; nova quadra de amores vos chama,  
Dos climas distantes p'ra estes parti;  
Então tudo é vida, já tudo se inflamma,  
Ha luz, ha perfumes, faltaes vós aqui!

Voltae, que de novo serão florescentes  
As selvas, os prados, o monte, os vergeis;  
Quietas as brisas, as aguas dormentes  
Nos lagos tranquillos de novo vereis.

Só eu, que vos sigo com vistas saudosas  
Ao vosso desterro, dos mares alem,  
Já quando no prado brotarem as rosas,  
Talvez não reviva co'as rosas tambem.

Ai, não, não revivo, que o vento do outomno  
Gemendo angustiado nas brenhas do val,  
Convida-me ao leito do placido somno  
E as nenias entoa do meu funeral.

Eu morro! Na chamma do sol que declina  
Bem sinto o presagio d'um proximo fim.  
Se um dia voltardes á nossa collina,  
Ó doces amigas! lembrae-vos de mim;

D'aquella, que, triste, vagando no olmedo  
O adeus da partida vos veio dizer.  
Quem sabe das campas o occulto segredo?  
Talvez vossos cantos eu possa entender.

Talvez que, ao ouvir-vos a queixa sentida  
Quebrando das noites a triste mudez;  
A sombra dos cedros da escura avenida  
Acorde, a escutar-vos ainda uma vez.

O doutor Jacob acabou de lêr estas quadras aparentemente dictadas por uma intensa melancolia e por o desalento quebrantador d'aquelle espirito juvenil e, como se quizesse obedecer a um pensamento fugitivo antes que a reflexão. lh'o fizesse abandonar, escreveu immediatamente por baixo do ultimo verso d'esta poesia, que não podera ler com indiferença, as seguintes linhas:

« Voltarão as andorinhas e as flores e os sorrisos e as esperanças voltarão com ellas. O desalento aos vinte annos! o desalento quando se é joven e bella! Ephemera ficção.

« Em quanto se póde alimentar uma esperança, em quanto não é irrisorio todo o phantasiar futuros, a desventura é uma nuvem passageira e atravez d'ella radia sempre a aurora d'uma existencia melhor. Lamentar infortunios imaginarios e ter os olhos fechados para os infortunios irremediaveis que com uma palavra se fez nas-

cer! Não. É preciso ao menos que o saiba. Mitigue-lhe o mal que a illude, o saber que ha males maiores. Escute. Ha um homem que a ama, que lhe votou o mais verdadeiro culto que ainda sentiu no coração. E este sentimento de que se ufana por ser o mais puro, o mais sagrado de quantos tem alimentado, esta paixão que devia ser a sua gloria, causa o seu maior tormento. Desde que a confessasse, em vez de o respeitarem por a ter concebido tão elevada, tão nobre, tão ideal, condemnal-o iam ao desprezo e ao escarneo. Gloriando-se interiormente d'ella, o desgraçado não ousaria proclamar-a. A fatalidade persegue-o. Suffocar essa paixão que o devora e succumbir sem a esperança de que um dia o poderão lamentar!

«A morrer por ella e o mundo a rir-lhe na sepultura, se suspeitasse a causa que o arrastou alli!

«Elle não olha com saudade para as andorinhas que partem, para as flores que murcham, para o sol que declina; não as desejára tornar a ver, nem que o viessem evocar da campa, quando gosasse já do unico somno tranquillo que lhe resta agora dormir.

«Este sim que é o verdadeiro infortunio! Peça á imaginação que lhe faça conceber essa tortura e, se tem um coração generoso chore por ella; mas não procure conhecê-la, seria obrigada a rir e, rindo, a commetter uma impiedade.»

Acabando de escrever estas palavras, Jacob Granada abandonou aquelles sitios com a precipitação d'um criminoso que se afasta do logar do delicto.

Dias depois escrevia Valentina a uma das suas amigas a seguinte carta:

«Minha esquecida.

«Deves suppor-me morta. Um silencio de mezes depois de partir para a aldeia auctorisa um necrologio. Pois enganas-te; vivo, vivo como nunca vivi, como nunca supuz que se vivia no mundo. Eu bem suspeitava que havia de existir algures uma outra vida melhor para mim do que a que passavamos ahi; o contrario d'isto era dotar o auctor da creação d'um poder imaginativo inferior ao dos nossos romancistas, cujos planos de vida me agradavam mais; confesso-o. De facto existia. Tive a felicidade de encontral-a. Estou salva!

«Os ares livres, o cheiro balsamico dos pinheiros, a pureza das aguas, a sadia simplicidade da cosinha campestre, os habitos regulares, vigalias moderadas, somnos convenientes, dirás tu, quasi disposta a fazer as pazes

com a hygiene, essa impertinente que nos amargurava a existencia, clamando contra os nossos mais queridos passatempos e formulando absurdas regras de bem viver.

«Não te illudas porém. Olha que nada d'isso me salvou.

«Sentia-me defnhar no meio d'essa feliz combinação de circumstancias salutiferas e não obstante o uso moderado que fazia das drogas medicinaes.

«Se eu bem sabia que a minha doença não estava no pulmão, não estava nos nervos, não estava no sangue; como elles diziam!

«O doutor Jacob, esse *talmud* encarnado, que me fitou logo á primeira vez um olhar que parecia não dever encontrar obstaculo até o mais intimo da alma, como se enganava tambem!

«Queria reconstituir-me o sangue, dizia elle; esta agitação febril que me atormentava acalmaria depois; mas dizia-me isto tão distrahido, que parecia não acreditar muito na opinião que formulava.

«Sabes que mais? A respeito dos medicos, como de outras muitas cousas, os romancistas e dramaturgos tornaram-me o gosto muito difficil de contentar.

«Onde está esse ideal do medico que sabe curar com uma palavra, com um gesto, sem ser por o intermedio d'um *repice*, d'umas pilulas ou de um xarope? o medico que aprendeu a calcular o valor d'uma commoção d'espirito que faz uso conveniente das qualidades moraes dos seus doentes? Em parte nenhuma. E eu que tinha a simplicidade de acreditar na verosimilhança dos lances curativos, deixa-me assim chamar-lhes, que observava nos theatros! Foi uma outra illusão que perdi. Paciencia.

«Jacob Granada não fórma excepção á regra. É um homem abominavel no seu positivismo este doutor! Para elle tudo são congestões, hypertrophias, inflamações, que sei eu?...

«Seria capaz de sangrar um poeta no ardor de composição litteraria, a titulo de uma congestão cerebral.

«Ora eu é que não podia aceitar para mim, semelhante ideia de lesão. Repugnava-me.

«Porque me interroga só o pulso? dizia-lhe eu; porque me não interroga o pensamento, a imaginação? Não sabe que tenho vinte annos? não sabe que penso, que sonho, que concebo e que a differença entre as minhas concepções e a realidade me pôde fazer padecer? Não vê que é toda affectiva a minha doença? Quer curar-me com opio, com ferro, com tonicos e calmantes? Olhe o que faz. Não se lhe importe com o meu sangue, importe-se com o meu espirito, com as minhas fantasias, com as minhas crenças. Complete a sua sciencia. Os seus livros de medicina não lhe fallam d'uma doença que consiste apenas em anhelos não realisados? Dê a isso um nome grego e terá feito então uma descoberta.

«O velho medico ouvia-me calado. Ou não me entendia, ou scismava ainda na lesão organica de que á força me queria fazer presente e nem attenção me déra.

«Mas eu dizia-lhe a verdade; e a prova... Ouve:

«Lembras-te d'aquellas heroínas dos contos de fadas que tanto nos entretinham em creanças? Eram umas princezas muito bonitas, muito ricas, muito sabias, mas victimas de uma doença desconhecida. Vinham os medicos de todas as partes do mundo, visitavam-n'as os sabios mais afamados, os cofres de el-rei, seu pae, traziam dos mais longiquos paizes as drogas medicinaes que a scien-

cia aconselhára; e ninguem lhe atinava com a molestia, e nada lhe realisava a cura. A menina definhava-se a olhos vistos, já nem sabia sorrir. Era uma cerração de tristeza aquella, que nenhum raio de sol atravessava.

«Um dia porém... Recordas-te do que acontecia? Era o ponto culminante do interesse. Chegava um pastor, um Adonis em belleza, desculpa-me a referencia mythologica, de rosto imberbe, de cabellos loiros, de sorrir angelico, e com um pomo silvestre, um ramo de flôres do campo, ou com os sons rudes de sua fruta pastoril, fazia o milagre. Trazia o sorriso aos labios da menina, o colorido ás faces desmaiadas, a vida ao coração desfallecido... ai, ao coração sobretudo. Já ella erguia a cabeça que até alli pendera em morbidez, já não procurava a solidão, já não aborrecia o mundo, os enfeites, as riquezas. Mas fôra o pomo, o ramo de flôres, os sons da fruta que produziram o phenomeno? Qual! Fôra o mesmo portador, o pastor desconhecido que um occulto presentimento trouxera alli. Amava, está explicada a cura. Restava inclinar-se do alto do seu throno para estender a mão agradecida ao sympathico salvador, ajudal-o a subir os degraus, e sental-o a seu lado, tremulo de sobresalto e de amôr, e... era d'uma vez um principe.

«Eis a minha historia tambem, feitas as devidas alterações no que diz respeito á belleza, á sabedoria e gerarchia da heroina. Pelo menos se não é ainda a minha historia inteira, parte d'ella se realisou já.

«Imagina que eu parti d'ahi perdida. Parecia-me que tudo estava a findar para mim. Era um mal interior que me ralava, que me inquietava, que me impedia repou-sar. Impacientavam-me as distracções, suffocava-me a atmospherá das salas de baile e dos theatros, aborrecia-

me a sociedade, sorria-me a ideia da solidão d'um claustro. Tenho a alma morta, dizia eu commigo, como lhe ha de sobreviver o resto? Olha que acreditava sinceramente que me tinha morrido a alma.

«Suscitei apprehensões nas minhas amigas. Lembra-me que me impozeste a medicina com desusada severidade. A medicina! Eu bem sabia o que ella viria fazer, mas, obedeci. Ares! ares! exclamou ella—julgo que para se vêr livre de mim, como de quem suspeitava poucas probabilidades de victoria. Ares! ares!—repetiste tu e o coro das pessoas que se interessavam por mim. Foi-me forçoso condescender.

«Dias depois rendia preito e homenagem á pouco tratavel sciencia do dr. Jacob Granada, actual superintendente da minha saude.

«Respirei a plenos pulmões o ar que me aconselhavam; rompi com os meus habitos de indolencia para saudar as madrugadas, realmente bonitas, que se gosam d'aqui; soltei os cabellos ás brisas salutaes, embalsamadas pelos aromas dos campos, mas a vida da natureza, cujo contagio procurava, não se me communicou. Era o mesmo desfallecimento, a mesma impaciencia, a mesma inexplicavel mobilidade.

«Forçava-me a sorrir, a gracejar, divertia-me a educar convenientemente o character inflexivel do meu facultativo; mas cá dentro tinha o mal que me pungia.

«Uma manhã... attende agora, que chegou o momento solemne; uma manhã impressionaram-me tão dolorosamente os signaes de decadencia, que, não obstante a amenidão do dia, eu por toda a parte reconhecia no campo que, precisando de dar expansão áquella melancolia para que me não matasse, fiz versos.

«Para outra vez t'os enviarei; deixei-os escriptos na parede d'uma capella, unico systema de publicidade que está em voga por aqui. Despedia-me das andorinhas que eu via partir e despedia-me para sempre porque um presentimento me dizia que o outómno me seria fatal.

«Quem me observava, em quanto eu escrevia? Não sei. Mas, dias depois, voltando ao sitio onde me accommetteu este accesso litterario de desesperação, vi que alguém m'o havia commentado. Li. Suspeitas o que era?

«Uma declaração de amôr. Sou amada, ouves? comprehendes? Amada e por um homem que não conheço. Ha na sua existencia um mysterio; seu amôr, que elle diz nobre, puro, com o qual se engrandece, de que se orgulha, não o pôde revelar porque o mundo o condemnaria á irrisão. Tanto maior é a pureza d'elle, tanto maior seria o escarneo que attrahiria sobre si se o revelasse. Ahi tens um enigma; sabes decifral-o? Tenho pensado muito n'isto e, olha, julgo que adivinhei.

«É a historia da princeza.

«É algum pobre rapaz, entusiasta como um poeta, timido como uma creança, mas de origem obscura e a quem aterra o meu appellido aristocratico.

«Julga-me tão alta, tão enlevada em meus pergaminhos, que me riria do seu amôr como d'uma irreverencia censuravel.

«Concebes uma loucura assim? Os soberbos são elles que, nobilitados pela intelligencia, nem por causa do amôr a sujeitam ao que julgam uma humilhação.

«O meu interessante incognito! Se soubesse com que vontade eu rasparia os meus pergaminhos nobiliarios para escrever n'elles aquella declaração de amôr!

«Alma de sensitiva, cujos delicados instinctos tem

vigorado na solidão d'estas devezas: imaginação exaltada pelo contemplar das estrellas que parece scintillarem aqui mais animadas, e dotadas de não sei que intelligencia para nos comprehender; elle, a ingenua creança, treme do mundo que não conhece, receia manchar a alvura das suas pennas de cysne na lama em que patinham esses gansos que lh'a invejam!

«Como se o amor não fosse a corrente limpida que lhe havia de restituir a nitidez! Incredulo! Ama-me e desconfia de mim! Elle que me salva... porque estou salva, disse-t'o, e por elle, por elle só!—elle que me salva, julga que me envergonharia do seu amôr! Offerece-me um culto reverente, sincero, apaixonado, ideal, e teme que eu desvie a cabeça do incenso que me enebria! O mundo! o mundo! pois repara-se lá no mundo quando se ama? Se as harmonias do coração nos arrebatam, pôde lá ouvir-se o sussurrar da multidão!

«Vais julgar-me louca se te disser que o amo.

«É verdade; não o conheço, não suspeito se quer quem seja; mas imagino-o.

«Deve ser bello; porque a alma pura tem reflexos de que depende o que ha na belleza de mais ideal.

«Triste de quem os não percebe, fere-os uma cegueira que os pôde encaminhar ao precipicio; deve ser bello, assegura-m'o a candura d'aquelles sentimentos, o ideal d'aquelle amôr.

«Sei que o amo, adivinho que o hei-de amar. Por isso estou salva; por isso te disse que vivia como nunca, como nem sabia que se vivesse.

«Estava cansada de galanteios, precisava de amôr.

«As flôres artificiaes das salas de baile, illudem-nos por momentos, mas a ausencia de perfume atraiçoa-as e

logo se patenteia a arte que as teceu; mas as flôres como a violeta, em vão se occultam na relva das campinas, denuncia-as o aroma que exalam e são essas as que nos seduzem.

« Sábel-o tão bem como eu, tu, a quem não illudem as adulações dos bailes.

« Estes elegantes de casaca, de cabellos frisados, de luva branca, que se meneiam, que se torcem, que se vergam, e adejam, como importunos mosquitos, em volta das nossas cadeiras sibilando-nos insulsas galanterias; que nos fallam no tempo ao ouvido, para se darem apparencias de intimidade; que nos fazem o favor de uma rizada da moda a cada semsaboria que pronunciamos; esses leões terriveis que, carregando o sobre olho, imaginam ter fascinado uma mulher...; ninguém lhes pôde querer mal, coitados, mas tambem quem os poderá tomar a sério?

« Ahi está explicada a minha isempção até ao dia em que recebi esta prova d'um mysterioso amor.

« Comprehendes que se pôde amar por inspiração, não é verdade? Não te rirás d'este sentimento que a leitura d'aquellas linhas me inspirou, pois não?

« Então digo-te mais, digo-te que o animei. Hontem mesmo, em seguida ás suas palavras escrevi estas que formulam um convite, o qual espero me não será regeitado. Submetto-as á tua censura.

— « Quem possui sentimentos que em sua consciencia o nobilitam, não pôde envergonhar-se d'elles. Se eu fiz nascer o mal, tenho direito a conhecê-lo. E não possui a liberdade de recusar-se á confissão inteira, quem não hesitou ao exprimir as primeiras queixas. Preciso um nome. Não sei de distancias que prevaleçam quando a .

correspondencia d' affectos trabalha por annullal-a : rio-me dos preconceitos que o mundo respeita; e quando um sentimento é verdadeiramente nobre, tenho faculdades para lhe apreciar a nobreza e sensibilidade bastante para lhe não poder ser indifferente. —

« Fiz mal escrevendo isto? Póde ser, mas não me arrependo. Quero alentar essa alma tímida que me votou um culto desinteressado, mostrar-me a seus olhos tal qual sou e... — porque te não direi tudo, a ti que és a minha melhor confidente? — quero amal-o. Se o meu amôr lhe póde dar a ventura, hei de tornal-o venturoso.

« Espero que em breve te communicarei o resultado da minha entrevista. Julgo-a inevitavel.

« Diz-me se tens os mesmos pressentimentos da tua

VALENTINA.

## VI

A noite estava tepida e tranquilla, como se fôra uma noite de estio. Os raios de luar esplendido, internando-se pela espessura das arvores, desenhavam no chão das alamedas ornatos irregulares, que apenas um ligeiro tremor agitava.

Os ultimos clarões do crepusculo apavonavam ainda o occidente, onde acabára de esconder-se a estrella da tarde.

Muitos dos doentes do doutor Jacob, aproveitando-se da excepcional temperatura d'aquella noite de outono, passeavam a conversar por entre as arvores, ou contemplavam silenciosos os variados effeitos da luz nos accidentes do terreno.

Valentina, afastando-se de toda a companhia, fôra sentar-se nos degraus da capella, junto da qual a vimos pela primeira vez. Na physionomia, na attitude, na distracção com que parecia fitar o disco luminoso da lua, por entre as folhas dos alamos, denunciava-se-lhe uma profunda inquietação. A mesma influencia, sob cujo do-

minio escrevera a carta que no capitulo antecedente re-produzimos, ainda se não tinha desvanecido.

A mão occulta, que lhe havia dirigido aquella vehe-mente confissão d'um amôr sem esperança, era-lhe des-conhecida.

Ao primeiro convite não respondera o mysterioso es-criptor.

O character de Valentina não lhe permittia porém de-sistir facilmente d'uma resolução formada. Recuar depois dos primeiros passos era um sacrificio, para que não se sentia de animo.

Depois, a fantasia creara-lhe um romance, um d'es-ses devaneios dos vinte annos, em que todo o nosso ima-ginar se concentra; paraizo de luz de flores, fóra do qual tudo se nos mostra arido e obscuro. Já não podia accei-tar a realidade, depois de alguns momentos passados em livre devanear.

Insistiu e a novo emprasamento obteve uma resposta formulada apenas por estas palavras:

«Veja que me pede um sacrificio immenso. Não sabe o que promette. Assim, ainda posso illudir-me; depois... a confirmação das minhas suspeitas ser-me-ia fatal.»

Esta resposta não era de natureza a modificar a ten-ção da caprichosa convalescente, antes lhe exacerbou a impaciencia natural, sob cuja inspiração escreveu as se-guintes palavras no mesmo logar onde toda esta singu-lar correspondencia havia sido archivada:

«Um culto sem fé! Como posso acreditar-o? Duvidar dos meus sentimentos e querer que não duvide da sin-ceridade dos seus! Hoje saberei o que devo julgar. Aqui hei-de estar uma vez mais ainda; — a ultima, se espe-rar em vão. Procurarei esquecer-me depois.»

Quando de tarde Valentina voltou a este logar, uma só palavra resumia a resposta que esperava:

«Virei.»

E era por isso que, á medida que iam correndo os momentos e aproximando-se a entrevista que ella havia exigido, uma vaga preocupação se lhe apoderava do espirito, como se só agora ponderasse na importancia do passo, que com tanta leviandade havia dado.

Encontrar-se a sós com um homem desconhecido, que procurava occultar-se e temia o mundo, como se esty-gma indelevel estivesse chamando sobre elle o desprezo ou quem sabe se o castigo, fôra uma grande imprudencia!

E tal vulto tomavam ás vezes estas apprehensões no animo de Valentina, que, ferida de terror, erguia-se como para fugir d'estes logares, d'onde julgava vêr ja levantarem-se espectros assustadores. Em breve porém lhe sorriam de novo as impressões que afagara. Nada devia receber.

Acaso a tinha perseguido esse homem, quem quer que elle fosse? Não a havia antes evitado? Não fôra ella que o constrangera a vir?

Que podia suspeitar d'aquella timidez de creança? d'aquelle pobre coração que esmorecia á lembrança de que podiam escarnecer-lhe o culto de que se ufanava. Esta ideia tranquillisava-a e então voltava a fantasia a pintar-lhe com as mais risonhas cores o futuro da sua paixão nascente.

Já a faziam sorrir os primeiros terrores, já se lhe despojava de sombras pavorosas a alameda e de novo esperava com anciedade o momento da entrevista.

N'estas continuadas alternativas que gera a incerteza,

entre a confiança e o susto, entre sorrisos e terrores, correram para Valentina alguns minutos mais, até soarem nove horas na torre da pequena capella.

Aproximava-se o momento. Mais uma vez o coração lhe bateu em sobresalto, reproduziram-se-lhe os receios e as apprehensões; mas pouco tempo durou esta intima impressão. Era a ultima incerteza.

O estalar das folhas seccas sob os pés de alguém que caminhava, fel-a voltar a cabeça.

Uma figura elevada, que se destacava em escuro sobre o fundo illuminado pelo luar, estava diante d'ella e como que hesitando em aproximar-se mais.

Valentina guardou algum tempo silencio. A face do recém-chegado, opposta como ficava aos raios da luz, não pôde ser por ella reconhecida.

Aquella apparição repentina e silenciosa, como a d'um espectro sinistro, suscitou em Valentina uma especie de pavor supersticioso que lhe não permittiu interrogal-a.

— «Eis-me aqui.» Disse por fim aquelle vulto, com uma voz que, apezar de sumida, Valentina julgou conhecer. E, sem lhe dar tempo de recorrer á memoria, voltou, por um movimento subito, o rosto aos raios da lua que illuminaram as feições bem caracteristicas de Jacob Granada.

Valentina levantou-se surprehendida sem saber ainda o que pensasse do que estava vendo.

— «O doutor Jacob aqui!»

O recém-chegado guardou o silencio.

— «Ah! já sei, disse Valentina, como se lhe occorera a final um pensamento que a satisfazia. Já sei. Vem lembrar-me que os novoeiros da noite me podem ser prejudiciaes. Ora! doutor, esses cuidados são-lhe mais

necessarios a si, do que a nós outras, organizações jovens, onde, se o mal não nasceu cá dentro, ha vida de sobra para neutralisar todos os elementos conjurados. Repare, não me tem sentido renascer as forças? illuminar-se-me o olhar? renovar-se-me o sangue? Não vê que estou curada? D'hoje em diante declaro-me livre da sua tutela. Entrego-lhe as suas credenciaes. Deixe-me em paz gosar das bellezas d'uma noite assim. Isto é tambem uma necessidade. O doutor não comprehende como isto pôde ser uma necessidade? Nem eu lh'o sei explicar. Creia ou recorde-se; se teve um passado que lhe dê d'essas recordações. Vá, vá, deixe-me só, doutor. Tome para si os conselhos hygienicos que dá aos outros. Então? E fica! e não responde!... Que veio fazer aqui?»

— «Pois não exigiu que viesse?» redarguiu elle com uma voz, cujo ligeiro tremor revelava a immensa anciedade que lhe angustiava o coração.

Valentina fitou-o por algum tempo como um olhar de estupefacção.

— «Deus meu! Pois era...» E uma gargalhada estridente, nervosa, prolongada terminou a frase que principiara a formular.

A pallidez de que n'aquelle instante se cubriram as faces do velho medico, foi tão intensa, ao ouvil-a rir assim, que nem a meia obscuridade do logar a pôde encubrir. Era a pallidez de um cadaver.

Com uma voz suffocada, dilacerante, como só a tem os desesperados, apenas soluçou, deixando pender os braços com desalento:

— «Estou condemnado!»

— «Mas em fim que significa esta scena?» pergun-

tou Valentina com certo desabrimento, porque, ella tambem, sentia desvanecer-se-lhe uma illusão.

Jacob Granadá ergueu a cabeça com um gesto impetuoso e fitando Valentina com o olhar chammejante e desvairado, disse-lhe, n'uma vivacidade que similhava ao delirio.

— «Significa que a amo! Estremece? surprehende-a esta palavra na minha bocca? Bem conheço o sentido d'esse olhar que levantou para os meus cabellos brancos; não sei como não riu outra vez! Embora. Ha-de ouvir-me, já que exigiu que viesse. Ah! comprehende emfim porque eu devia suffocar este amor, comprehende porque devia occultar este segredo, até de si? Era para que uma gargalhada não me viesse despedaçar o coração, como essa acaba de o fazer. Está tudo terminado para mim! Um presentimento me dizia que isto havia de acontecer. Illudi-me; vim. Ó meu Deus, como me pude eu illudir! Saberá tudo agora, Valentina; ria-se depois, mas conheça inteiro o infortunio de que se ri. Sim, é verdade, sou velho; ha muitos annos, ha muitos, que me alvejam as cãs na cabeça e a fronte se me inclina desfallecida; mas se me sinto joven na alma! se n'este corpo cansado e gasto, ha um espirito de maior alento do que o d'essa mocidade que a seduz! A descrença, o egoismo, o interesse, a ausencia de nobres aspirações, de sentimentos generosos, de concepções elevadas, eis o viver das almas decrepitas e eu Valentina, desde que a vi, perdi o sentido d'essas paixões mesquinhas, idolos a que sacrificam os homens de sua epoca, cujo amor accitaria sem uma gargalhada. Responda, diga se pelos instinctos não sou mais joven do que elles. Nenhum a poderia amar, como eu a amo, saiba; nenhum faria d'esse

amor uma religião como eu; nenhum se perderia por elle, como eu decerto me perco. Bem vê que me não é possível a salvação!»

E os soluços interromperam-lhe a voz ao dizer isto.

Por alguns momentos conservou a cabeça escondida nas mãos; ao levantá-la, corriam-lhe as lagrimas pelas faces descoradas.

Valentina não rompeu este silencio de momentos.

Jacob Granada continuou em tom mais abatido :

— «Perseguiu-me a fatalidade toda a minha vida! Não conheci carinhos de mãe na infancia; não conheci extremos de amante na juventude. Na idade das aspirações, não as tive; quando devia viver para o sentimento, era a razão que dominava em mim; os annos do amor consagrei-os sem uma saudade ao estudo; em quanto os meus companheiros corriam com alegre irreflexão para os prazeres, eu procurava o trabalho com corajosa tenacidade. Veja, conceba os risos d'esta juventude. Acabaram por me abandonar todas as affeições, essas poucas affeições superficiaes que me restavam. Respeitaram-me, não me estimaram. Como era um homem util, tinha quem me lisongeasse, quem me obedecesse, mas ninguem, repare, Valentina, para o desconforto d'esta existencia, ninguem que me dêsse affectos! A solidão que se fez em volta de mim exacerbou o que havia no meu caracter de sombrio; estava quasi a odiar os homens... Um dia porém senti que acordava no meu coração um sentimento adormentado, e acordava com toda a exaltação, com todas as tendencias da mocidade. Concebi o amor com a pureza, com o ideal que pôde verter na concepção um coração ainda virgem; concebi-o como um culto, como o augusto mysterio d'uma religião que pela primeira vez se me re-

velava. A minha alma passou por uma completa transfiguração; novos instinctos, novas faculdades parecia nascerem para ella. Mas... as rugas que me sulcavam a fronte impunham-me a obrigação de suffocar a explosão imminente das paixões que se insurgiam tumultuosas. Que importava a pureza d'ellas? — apontar-me-iam para os meus cabellos brancos e mandar-me-iam que os respeitasse. Callei-me; foi então que verti em silencio as mais amargas lagrimas de minha vida.»

Pela segunda vez a commoção dominava Jacob Granada a ponto de lhe interromper a corrente de palavras que uma vehemente paixão lhe estava dictando; depois continuou:

— «A velhice descrente, invejosa, avara, egoista, cynica, póde ainda encontrar indulgencia; desculpam-na e respeitam-na muitas vezes; mas a velhice amorosa, fascinada por uma d'essas visões encantadoras, votada a um d'esses cultos ferventes que nobilitam as almas, essa não tem misericordia a esperar; condemnam-na ao escarneo, á irrisão e tanto mais puras e elevadas são as aspirações d'esse amor, tanto mais amarga, desapiedada, humilhante é a perseguição que lhe declaram; é então que a assalteam de chascos e de apupos. Sabia-o! e por isso me occultava, por isso luctei para que ninguem descobrisse em mim o que me ia no coração. Porque eu amava-a loucamente, Valentina, e amo-a!.. Oh! deixe-me ainda dizer-lh'o. Nada mais lhe peço. E' já agora a unica consolação a que aspiro. Ouça-me e ria depois, se a commiserção lhe não gelar nos labios o sorriso. E' a ultima vez que lhe fallo. Amo-a perdidamente. Os affectos que os outros repartem com a mãe, com os irmãos, com os filhos, enthesourei-os eu, annos e annos, para lh'os tri-

butar agora! Despreze-os, mas conheça primeiro de que grandeza são. Este amor tem o respeito do amor filial, a dedicação do amor fraterno; havia de rodeal-a das caricias, que os filhos recebem da mãe que os estremece, e, ao mesmo tempo, elle adivinharia os extremos, a exaltação de uma paixão de amante. Sacrificar-lhe-ia tudo, a minha vida, a minha vontade, os respeitos do mundo. Porque me despreza? Oh! não repare n'estes cabellos brancos; far-lh'os-ei esquecer á força de dedicação e de affectos. Não me disse que viesse? pois não me assegurou que possuia faculdades superiores ás do vulgo? Que direito tinha para fazer nascer illusões, como as que eu, louco, cheguei a alimentar, se não confiava que poderia corresponder a esse amor verdadeiro, que animou assim? Se havia de acolher-me com a gargalhada motejadora e cruel, para que me arrastou aqui? Diga, falle. Não vê que enlouqueço? uma palavra ao menos que me tire dos ouvidos o som d'aquella gargalhada. Valentina! commove-a a partida das andorinhas, o definhamento da flor, e não tem coração para sentir este tormento? Vê? choro, choro, e parece que se me exhaure a vida n'estas lagrimas. Não alliviam, abraçam-me! O' Valentina! Valentina! tenha piedade d'esta razão que se perde!

E pronunciando entre soluços estas palavras que lhe sahiam dos labios como uma impetuosa torrente, cahiu de joelhos aos pés de Valentina que o olhava com gesto de commiserção.

— « Creia que aprecio a nobreza dos seus sentimentos, disse-lhe ella em tom grave e triste. Tenho orgulho de os haver inspirado, mas penalisa-me ao mesmo tempo. Que quer? E' uma fatalidade, disse-o ainda ha pouco. A alma, que eu ambicionaria encontrar, era de certo uma

alma assim, mas..» accrescentou com uma expressão de semblante onde não pôde totalmente dissimular um reflexo de sorriso; «cheguei... *tarde*, bem vê.» E fitou os olhos na cabeça encanecida do apaixonado velho.

O sentido d'estas palavras não podia ficar um enigma para Jacob Granada.

— «Tarde! repetiu elle, levantando-se e com uma intonação de amargura que contristava ao ouvir. — Tarde! E mal soube disfarçar um sorriso ao pronunciar essa palavra cruel! — Se não sente compaixão, para que a simula? Acabe de consummar a obra. Não basta repudiar este amor; tenha coragem, é preciso escarnece-lo. Vá, ahí anda essa turba de ociosos, procure-a. Conte-lhe a minha loucura, falle-lhe na minha ridicula credulidade, diga-lhe que um velho ousou fallar-lhe de amor, que não hesitou em rojar-lhe aos pés a dignidade da sua velhice. Pois vacilla? O velho que ama! o velho que ama! E' a eterna fabula da juventude, que nem coração tem para amar. Patenteei-lhe a minha alma; agora que a conhece, ria-se d'ella. Não será a unica a rir; mas é a unica a martyrisal-a, creia. Que me importa a mim que os outros a acompanhem? Os outros! a multidão! o mundo! Nem já entendo estas palavras. O mundo para mim está aqui dentro; e atormenta-me, rala-me, mata-me. Já vê que se enganou, mentiu-me. Os meus sentimentos são nobres, disse-o ainda agora, não é verdade? mas — recorda-se do que escreveu? — Se tem faculdades para lhe apreciar a nobreza, falta-lhe o que é mais, a sensibilidade para lhes não ser indifferente. Adeus! e repare que não é um simples adeus o que lhe digo assim. Adeus!... E já não choro! Peior! Tinha precisão de chorar. Sinto em mim um fogo que me abraza. Adeus! pro-

- cure um coração para o qual não chegasse... *tarde*; mas juro-lhe, Valentina, que outro como este que despresa... Adeus! adeus!!

E apoderando-se subitamente das mãos de Valentina, beijou-as com um ardor que a fez estremecer e fugiu desorientado do logar onde esta scena se passára.

Aquella noite foi para Valentina uma noite de agitação e insomnia; parecia-lhe a cada momento escutar as palavras apaixonadas d'esse desgraçado que vira a seus pés e cuja figura, pallida e abatida, se lhe representava na imaginação e quasi lhe fazia sentir remorsos.

## CONCLUSÃO

No dia seguinte havia grande alvoroço em todas as habitações da collina. Um facto extraordinario, mysterioso, commentado mais ou menos extravagantemente, reunia os grupos, animava as conversas, e quebrava a costumada monotonia d'aquelle placido viver. O succedido não era para menores effectos;—o doutor Jacob Granada havia desaparecido.

Formavam-se conjecturas, procuravam-se vestigios, recordavam-se circumstancias insignificantes, aventavam-se explicações, mas a obscuridade do facto era completa.

Só Valentina, ainda que não podesse julgar do destino do doutor Jacob, imaginava a causa provavel do successo e pela exaltação de espirito que ultimamente conhecera no velho medico, sentia a esse respeito não infundadas apprehensões.

Alguns dias reinou a incerteza. A confusão era completa. Alteraram-se os habitos mais regulares. Não se fallava, não se pensava em outra coisa. Os proprios doentes esqueciam os seus padecimentos, o que a muitos bastou para os curar.

Era uma anarchia innocente. Finalmente, uma manhã, o correio de Lisboa poz fim a todas as conjecturas. Os periodicos, e as cartas particulares annunciavam que o doutor Jacob havia sido encontrado nas ruas da capital, mas em tal estado de espirito, que fôra recolhido ao hospicio dos alienados.

Foi geral a consternação ao receber-se a noticia. Muitas lagrimas sinceras se verteram n'aquelle momento, porque o doutor Jacob era verdadeiramente estimado.

N'esse mesmo dia Valentina abandonou a aldeia que, depois do succedido, se lhe tornára insupportavel pelas amargas recordações que lhe trazia.

Aos leitores que desejarem saber particularidades sobre a loucura do doutor Jacob offereço o seguinte extracto d'uma carta do facultativo que o observou.

«A mania predominante do enfermo é a descoberta da pedra philosophal. A elaboração de um elixir de longa vida preoccupa-lhe o espirito e conserva-o em um continuo e fatigador trabalho mental.

«Ouvimol-o fallar em Paracelso, em Cagliostro, em Basilio Valentin e Arnaud de Villeneuve e não sei quantos mais nomes de illustres alchymistas.

«Com a primeira pessoa que se lhe approxime, pratica sobre os arcanos d'aquelle seita afamada, exaltando-lhe a ideia, e expondo-lhe as theorias, com um fogo e uma vivacidade, que no meio das aberrações d'um espirito perturbado, revelam ainda verdadeiros clarões d'uma grande intelligencia.

«Ha dias encontrei-o repetindo estas palavras, que depois me disse serem da Taboa Smaragdina de Hermes:

— «Apartarás com cuidado e engenho a terra do fogo, o subtil do denso; o fogo sobe da terra aos ceus, desce

outra vez sobre a terra e tira a sua força tanto do superior como do inferior. Assim possuirás a gloria do mundo inteiro, fugirão de ti as trévas E' a virtude fonte de toda a virtude...» —

«Interrompe a cada passo estes soliloquios para exclamar que fará elle emfim o grande achado, a *grande obra*, que ha de ser joven então, que remoçará. E esta ideia lança-o em um accesso de hilaridade característica. Exaspera-se quando lhe negam o que exige para as suas phantasticas elaborações.

«E' aos velhos que com especialidade se dirige.

«Promette-lhes juventude, alegria, consideração, e amores.

«A extravagancia d'estas promessas, o ardor das suas palavras então, moveriam a riso se a alma não se sentisse commovida perante as desordens d'aquella intelligencia, onde parece descobrirem-se os vestigios d'uma poderosa e mallograda paixão.

«O absoluto» exclama elle n'esses momentos, vos restituirá as seducções da juventude, desgraçados velhos! Nunca mais, nunca mais vos repetirão, como a mim, aquellas palavras: Vim tarde!

«Estas duas palavras são as que effectivamente mais vezes o ouvem pronunciar, accrescentando:

«Não haverá mais tarde nem cedo, perante o eterno, o absoluto.»

«Então animam-se-lhe as feições d'um sorriso singular.

«Esta exaltação incommóda a quem a vê. Eu, habituado como estou a estes espectáculos, confesso que o não posso olhar sem estremecer e conservar d'isso por muito tempo uma impressão penosa. Às vezes encontram-n'o com o rosto occulto entre as mãos e chorando

como uma creança; sahe d'esses accessos para perguntar se as andorinhas já voltaram. É singular a commoção que experimenta á vista d'estas pequenas aves.

«D'este estado recae no de um desespero tão violento, que é necessario vigial-o muito de perto para que se não cause mal. Em tudo isto reconheço os effeitos d'alguma paixão intima de que este desgraçado foi victima. A sorte d'elle parece-me desesperada e, no definhamento em que vae é de presumir que, a recuperar a rasão seja só para reconhecer o instante final.»

E Valentina?

Conservou por algum tempo a memoria do doutor Jacob; mas enfim tinha vinte annos, imaginação e futuro.

Em taes circumstancias as impressões são tão ephemerias!

Na ultima carta em que fallava d'elle á sua amiga, terminava assim o periodo respectivo:

«Finalmente, era uma bella alma. Não ha duvida.

«Para o ter amado, basta-me-ia... ter sido contemporanea de minha avó.»

A observação parece um tanto cruel; mas qual das leitoras jovens seria mais benigna?

Depois que soube os incidentes d'esta pequena historia cada vez mais se confirmou a minha convicção de que é antes para commover do que para rir o espectaculo d'um velho apaixonado. É o que eu julgo que nós todos devemos pedir a Deus é que nos não dê longa vida ao coração, se isto de paixões tem alguma coisa com elle, para que não seja o ultimo a morrer.

1864.

FIM.



